



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MAKSON IVALDO CASTELO SILVA

**O PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO DAS FUNÇÕES DE LIDERANÇA FEMININA
NO INTERIOR DAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS EM MANAUS**

MANAUS

2017

MAKSON IVALDO CASTELO SILVA

**O PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO DAS FUNÇÕES DE LIDERANÇA FEMININA
NO INTERIOR DAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS EM MANAUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marilina C. Oliveira Bessa Serra Pinto

MANAUS

2017

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586p Silva, Makson Ivaldo Castelo
O processo de legitimação das funções de liderança feminina no interior das igrejas neopentecostais em Manaus / Makson Ivaldo Castelo Silva. 2017
109 f.: 31 cm.

Orientadora: Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto
Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Neopentecostal. 2. Gênero. 3. Pastoras. 4. Liderança Eclesiástica. I. Pinto, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

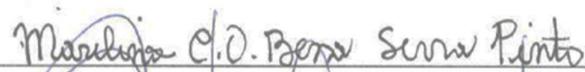
MAKSON IVALDO CASTELO SILVA

O PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO DAS FUNÇÕES DE LIDERANÇA FEMININA NO INTERIOR DAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS EM MANAUS

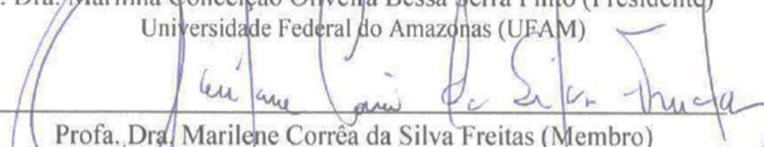
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em 24 de agosto de 2017

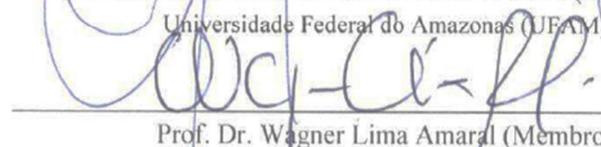
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto (Presidente)
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)



Profa. Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas (Membro)
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)



Prof. Dr. Wagner Lima Amaral (Membro)
Faculdade Batista do Cariri (FBC)

DEDICATÓRIA

A todos que reconhecem o seu percurso de construção contínua. Aqueles que próximos ou distantes me motivam a fazer o bem, a tratar o outro com empatia, a olhar a vida com mais serenidade. Aos que reconhecem a dor como constituinte da alma humana. A todos que se enxergam como humanos e não como deuses!

AGRADECIMENTOS

Nomear todos os que são corresponsáveis por mais uma etapa concluída e um sonho tão almejado é desafiador, pois foram muitos os que passaram por minha vida e deixaram marcas indeléveis que me motivam a seguir.

Agradeço primeiramente ao Ser Transcendente que me concedeu força e habilidade para me refazer e aprender durante o alcance deste objetivo. Em especial, agradeço a minha amada mãe que em todos os momentos esteve ao meu lado, me apoiando, incentivando e me contagiando com palavras motivadoras. Minha mãe Julinelsa Castelo é minha base emocional que nunca desacreditou e nunca me abandonou durante esta jornada. Ao meu pai Ivaldo Silva, que me transmitiu forças para enfrentar a vida. Ao meu irmão Nadson Castelo por sempre me socorrer quando necessito. Agradeço em especial minha avó Elsa Maciel por ser um exemplo de determinação e dedicação à vida de estudos.

À minha esposa e amiga Karen Castelo, pelo carinho, compreensão, conversas intermináveis, a qual foi meu porto seguro durante as turbulentas ondas nesta navegação que é a vida.

À minha amiga de trabalho Mônica Pessoa que desde o início me auxiliou de diversas maneiras para que eu pudesse conciliar trabalho e estudo. Não seria possível sem o seu apoio! Muito Obrigado!

À Prof^a. Dr^a. Marilina Bessa, por aceitar me orientar, acreditar em mim mesmo com o meu trajeto de vida tumultuado. Suas palavras de apoio, disponibilidade e orientação foram precípuas para que eu pudesse analisar meu objeto de estudo da forma mais coerente possível. Como profissional sempre teve uma postura ética, comprometida e sempre disponível a responder minhas inquietações. Como pessoa, tratou-me com atenção, compartilhando minhas conquistas e me aconselhando.

As minhas amigas e primas Eliziane Uchôa e Elkelane Pimenta que mesmo distantes compartilhavam da minha ansiedade e torceram para que esse objetivo se tornasse concreto.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela oportunidade de crescimento intelectual.

A todos e todas que torcem por minhas conquistas, meu muito obrigado!

*As explicações acabam com as sombras e com
o encanto.*

Rubem Alves

RESUMO

A Dissertação em questão objetiva analisar a configuração atual do processo de legitimação das funções de liderança feminina, bem como os impactos deste fenômeno no interior das igrejas neopentecostais em Manaus. Estudar o tema mencionado na problemática se justifica à medida que aponta para sua relevância e contribuições no desenvolvimento de estudos adjacentes sobre os fenômenos religiosos brasileiros, as relações de poder e gênero que fazem parte da vida cotidiana da sociedade, e as características da interação social no campo religioso. Diante das numerosas possibilidades para fundamentação teórico-conceitual e da necessária síntese deste documento optou-se por abordar, ainda que de forma incipiente os seguintes temas: um vislumbre histórico e conceitual acerca das igrejas neopentecostais, as questões de gênero, e os moldes de participação das mulheres no movimento neopentecostal, que são expressões que ordenam este estudo. Essa divisão norteia a investigação acerca do imaginário sobre o lugar da mulher na igreja neopentecostal, as lutas, resistências, conflitos internos vinculados à construção de gênero, bem como a compreensão de poder e as formas de estruturá-lo e exercê-lo no interior das igrejas neopentecostais. O movimento neopentecostal tem se expandido, aprimorado, adaptado aos contextos sociais, e se efetivado como um fenômeno social que envolve grande número de indivíduos com seus discursos teológicos modernos. Esta consolidação religiosa tem se efetivado em um período de mudanças paradigmáticas das relações sociais, o que possibilita aos pesquisadores um campo de estudo sociológico para investigação dos fenômenos decorrentes da expansão das igrejas neopentecostais no cenário brasileiro. Os dados coletados na pesquisa de campo são interpretados, analisados e discutidos à luz do referencial teórico com o objetivo de compreender como se deu este processo de legitimação dos cargos de liderança feminina nas igrejas neopentecostais e qual o pano de fundo deste novo espaço concedido às mulheres.

Palavras-Chave: Neopentecostal. Gênero. Pastoras. Liderança Eclesiástica.

ABSTRACT

The Dissertation in question aims to analyze the current configuration of the process of legitimation of the lead female roles, as well as the impacts of such phenomenon inside of the neopentecostal churches in Manaus. Study the topic mentioned in the problem justifies itself as points to its relevance and contributions in the development of adjacent studies about Brazilian religious phenomena, power and gender relations that are part of the everyday life of society, and the characteristics of social interaction in the religious field. In the face of numerous possibilities for conceptual and theoretical fundamentals and the necessary synthesis that this document chose to address, albeit in an incipient way the following themes: a conceptual and historical glimpse about the neopentecostal churches, gender issues, and the patterns of women participation in the neopentecostal movement, which are expressions that arranged this study. This division guides the research on the investigation around the imaginary about the place of women in the neopentecostal church, the struggles, resistances, internal conflicts linked to the construction of gender, as well as the understanding of power and ways to structure it and exercise it within the neopentecostal churches. The neopentecostal movement, which has expanded, improved, adapted to social contexts, and established itself as a social phenomenon involving a large number of individuals with their modern theological discourses. This religious consolidation has been effected on a period of paradigmatic changes of social relations, which enables researchers to a field of sociological study for investigation of the phenomena arising from the expansion of neopentecostal churches in the Brazilian scenario. The data collected in field research are interpreted, analyzed and discussed in the light of the theoretical framework to understand how this process of legitimation of female leadership positions in neopentecostal churches took place and the background of this new space granted to women.

Keywords: Neopentecostal. Genre. Shepherdesses. Ecclesiastical Leadership.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação das Igrejas Neopentecostais	49
Quadro 2: Igrejas Visitadas	55
Quadro 3: Funções Atribuídas às Mulheres	56
Quadro 4: Funções Atribuídas aos Homens	59
Quadro 5: Liturgia da Igreja Mundial do Poder de Deus	73
Quadro 6: Culto do Ministério Internacional da Restauração	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 NEOPENTECOSTALISMO: SURGIMENTO, EXPANSÃO E DESDOBRAMENTOS	18
1.1 SURGIMENTO E EXPANSÃO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO	19
1.1.1 A Primeira Onda do Pentecostalismo Brasileiro	23
1.1.2 A Segunda Onda do Pentecostalismo Brasileiro	24
1.1.3 A Terceira Onda do Pentecostalismo Brasileiro	26
1.2 OS ESPECIALISTAS DO SAGRADO NAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS	27
1.2.1 A Dinâmica do Campo Religioso Brasileiro	28
1.2.2 Competição Religiosa e as Estratégias de Liderança	30
1.2.3 O perfil dos Novos Líderes Religiosos	33
1.3 DOGMAS E CONDUTAS NO MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL	38
2 LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA E RITUALISMO	42
2.1 O PATRIARCADO E A HIERARQUIZAÇÃO DE FUNÇÕES NAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS	43
2.1.1 O Patriarcado nas Igrejas Neopentecostais	46
2.2 AS IMPLICAÇÕES DAS QUESTÕES DE GÊNERO NO MEIO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO	52
2.2.1 Questões de Gênero, Representações Sociais e Religiosidade	54
2.3 A LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA NO MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL: RELIGIÃO, IDEOLOGIA E REPRESENTAÇÕES	60
2.3.1 A Ideologia Neopentecostal X Tradicionalismo Religioso	64
2.4 RITUALISMO, LITURGIA E CRENÇAS NO MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL	68
2.4.1 Um Culto Periódico em uma Congregação Neopentecostal: Impressões Ritualísticas	72

3 LIDERANÇA FEMININA NAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS: ESTRATÉGIAS DE CONVERSÃO, CONQUISTAS FEMININAS OU REVELAÇÃO DIVINA?	79
3.1 GÊNERO, ESPAÇO E CULTURA: AS LIGAÇÕES ENTRE PODER E RELIGIÃO	80
3.1.1 A Inclusão das Mulheres nos Cargos de Liderança Religiosa	84
3.2 A LIDERANÇA FEMININA E A DINÂMICA DO CAMPO RELIGIOSO	88
3.2.1 O Pastorado Feminino nas Igrejas Neopentecostais: Estratégias ou Revelação Divina?	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

A dinâmica social e a pressão dos movimentos voltados para as questões de gênero provocam inquietações em distintas instituições sociais. Entre elas encontra-se a instituição religiosa, a qual mesmo com seu tradicionalismo não manteve-se incólume a dinâmica da modernidade, a qual tem trazido consigo uma série de mudanças em diferentes aspectos da vida das pessoas, atingido inclusive, aspectos da intimidade (GIDDENS, 1991). Ao deter-se no campo da religiosidade, é perceptível por meio de uma ótica teológica, que as construções de identidade de gênero e suas relações de poder estão fincadas no tradicionalismo cultural existente nas religiões monoteístas como o Cristianismo, o qual possui em seu livro sagrado relatos que denotam a predominância do sexo masculino, portanto, sua supremacia.

O Cristianismo, no decorrer da história passou por algumas divisões diante do contexto na qual estava inserido. Cairns (2005) apresenta os três macros períodos da Igreja Cristã, sendo o primeiro da Igreja Antiga (5 a.C. – 590 d.C.), o segundo da Igreja Medieval (590 a.C. – 1517 d.C.), e o terceiro da Igreja Moderna (1517d.C. – Atualidade). Diante da proposta deste estudo o recorte para discussão será o último período da Igreja Cristã, pois este evidencia uma ruptura mais agressiva ao tradicionalismo religioso. Emerge então as igrejas reformadas e também nomeadas como movimento protestante, que transformaram-se em comunidades hierarquizadas, organizadas e institucionalizadas.

Os trajetos desde as igrejas reformadas tradicionais até as neopentecostais estão envoltos por mudanças litúrgicas e organizacionais, de tal modo que as relações entre os indivíduos do interior das igrejas têm se modificado, mas através de penosas lutas. Acerca do trajeto religioso e enfatizando a importância de tal análise, Weber (2004) retrata a organização social desde o modelo mais simples como o tribal até os mais complexos como estatal, privado e feudal, relacionando princípios das religiões tradicionais após a Reforma com a vida social, econômica e política. Portanto, a teoria weberiana respalda a relação existente entre o pensamento religioso e as relações com a economia, política e aspectos sociais como as questões de gênero.

A proposta deste trabalho é debater entre tais ideologias que se entrelaçam no contexto social: gênero e religião. Por sua vez, as teorias de gênero revelam a complexidade das relações de poder na esfera social, porque elas permitem que a

pesquisa desvele a luta das mulheres, diante de um tradicionalismo que coloca a mulher sempre em um plano inferior, fruto de construções simbólicas que dão relevância à supremacia masculina. Aragão Filho (2011) ao discorrer sobre o início das discussões de gênero no campo intelectual destaca o movimento feminista como promotor dos embates teóricos acerca de identidades, sexualidade, e das assimetrias sociais baseadas na diferenciação sexual existente nos distintos campos de atuação dos indivíduos.

A adoção da perspectiva de gênero favoreceu a inserção desta temática no campo científico, fato este atribuído a Scott (1985) o qual explicita sua visão sobre o uso do termo gênero na história e faz uma crítica ao pensamento unilateral que torna tal termo, simplesmente, o sinônimo de mulheres, onde o uso do termo gênero passou a representar erudição sem a devida categorização e sentido. Seguindo esta premissa, é preciso compreender que o masculino e o feminino são uma construção social e ao mesmo tempo relacional. A categoria de gênero favorece uma construção de conhecimentos que dirige as práticas sociais e estão devidamente contextualizadas historicamente.

Goffman (2002) corrobora com a premissa supracitada ao afirmar que todo homem que convive socialmente, em qualquer lugar, sempre está representando um papel. Existe, portanto, por trás de todos os comportamentos, um querer ser alguma coisa ou alguém, o nosso eu verdadeiro, aquilo que gostaríamos de ser. Este papel e sua concepção tornam-se parte integral da personalidade, e são partes de nosso eu. Como se percebe, as relações e papéis de gênero não são derivados unicamente das Ciências Naturais, podendo ser repensados e modificados, pois a identidade da pessoa também é construída socialmente. Portanto, as construções sociais de gênero podem ser atribuídas às representações instituídas e transmitidas socialmente. Essas diferenças são apontadas de acordo com o que a sociedade constrói, distribui e determina sobre os respectivos papéis de ser homem e ser mulher.

O movimento neopentecostal ganha destaque diante do modelo formado e expandido a partir da década de 70, abolindo marcas distintivas e tradicionais e priorizando a vida no mundo presente e não no fim apocalíptico. Os seus seguidores almejam progresso material e felicidade, desapegando-se do discurso teológico acerca do sofrimento cristão e apropriando-se de promessas de cura, prosperidade, libertação, resolução de problemas e melhoramento nas relações interpessoais

(MARIANO, 2014). Tal movimento tem expandindo-se consideravelmente no Brasil, fato este justificado por sua adequação à sociedade e as mudanças no modo de ser e agir dos seus seguidores. Mariano (1999, p. 103) exemplifica a flexibilização deste movimento mencionando que “alguns grupos neopentecostais têm pregado no sambódromo paulista e desfilado em entusiasmados blocos, com fins proselitistas, no carnaval carioca”. Por conta destas novas formas de organização, cresce o número de conversões de indivíduos de distintas classes sociais, os quais antes da contextualização doutrinária e da flexibilização comportamental promovida pelos neopentecostais, teriam até de abandonar a carreira profissional se desejassem assumir a nova fé e frequentar uma igreja tradicional.

O Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) já deixa evidente a classificação de igrejas evangélicas de origem pentecostal, inclusive agrupando neste item todos os grupos religiosos. Contudo tal agrupamento não é evidente para o movimento neopentecostal. As igrejas neopentecostais são apresentadas separadamente, mas já apresentam crescimento superior às igrejas tradicionais, como por exemplo, Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Nova Vida. Há, portanto, ainda uma inconsistência na categorização das igrejas neopentecostais, mas que não torna tal ação inviável. Matos (2014) e Mariano (2014), entre outros autores apresentam denominações que possuem características neopentecostais como a Igreja Nova Vida, a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Renascer, e grupos dissidentes das igrejas tradicionais que aderiram ao movimento como a Igreja Batista Nacional, Igreja Metodista Wesleyana, e a Igreja Presbiteriana Renovada. A Igreja Mundial do Poder de Deus também é classificada como neopentecostal por Bitun (2009), mas diferencia-se por retomar a cura divina como dom principal, sendo esta uma característica de origem pentecostal.

A princípio, o neopentecostalismo apresenta-se como um grupo religioso flexível, que procura adequar suas práticas e não impõe um comportamento rigoroso aos crentes. Além disso, é um movimento recente e que sem dúvida tem influenciado significativamente a história do Cristianismo contemporâneo. O movimento tem se expandido, aprimorado, adequando-se aos contextos sociais e tem se efetivado como um fenômeno social que envolve massas com seus discursos teológicos modernos. Esta consolidação religiosa tem se efetivado em um período de mudanças paradigmáticas das relações sociais, o que possibilita aos

pesquisadores um campo de estudo sociológico de investigação dos fenômenos decorrentes da expansão das igrejas neopentecostais no cenário brasileiro.

Interligar o fenômeno religioso com as novas formas de relações sociais da modernidade é desafiador diante das diversas vertentes proporcionadas pelas questões de gênero e da legitimação de poder nas esferas sociais. A complexidade sobre a religiosidade foi, inclusive, estudada por Durkheim (1996) que enxergou o fenômeno religioso como um primado da consciência coletiva, em detrimento dos seus aspectos morais e materiais. O que significa que o fato moral e a solidariedade entre os indivíduos para Durkheim, derivam da própria estrutura da sociedade, e que a consciência social está estritamente vinculada a uma série de elementos sociais. As representações de tempo, espaço, morte, e outros, possuem base sociológica e historicista, por isso o seu interesse também pelas igrejas que no interior das quais se manifesta uma consciência coletiva.

Sendo os elementos sociais vinculados à consciência, a igreja se constitui como um agrupamento de pessoas que possuem sua maneira de pensar coletivamente, mas influenciadas pelas condições externas e internas. Assim, para se estudar o papel da mulher na atualidade é necessário compreender que ela sofre resistências no contexto sociocultural e, portanto, religioso. Como sujeitos conscientes, elas guardam em sua individualidade os mesmos anseios dos fiéis homens que frequentam suas igrejas. O imaginário das mulheres neopentecostais é, portanto, reformulado constantemente pela relação da vida interior nas igrejas e a vida no meio social.

Considerando os aspectos mencionados e as convergências entre o processo de legitimação dos novos papéis das mulheres no meio social e a flexibilização das igrejas neopentecostais, propõe-se, por meio desta pesquisa, o estudo do tema: o processo de legitimação das funções de liderança feminina no interior das igrejas neopentecostais em Manaus.

Estudar o tema mencionado na problemática se justifica à medida que aponta para sua relevância e contribuições no desenvolvimento de estudos adjacentes sobre os fenômenos religiosos brasileiros, as relações de poder e gênero que fazem parte da vida cotidiana da sociedade, e as características da interação social no campo religioso. Objetivando identificar os estudos produzidos em nível de mestrado e doutorado no Brasil sobre este recorte, foi realizada uma pesquisa no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

Superior (CAPES), entre os dias 12 a 15 de outubro de 2014. Nesta pesquisa foi detectado que apesar de, entre os anos de 2011 e 2014 terem sido catalogados 121 trabalhos escritos identificados com os descritores gênero / mulheres / religião, destes apenas 9 foram produzidas sobre as práticas femininas nas igrejas, 3 associando os temas sexualidade e mulheres, 12 sobre relações de gênero e religiosidade, e as 97 restantes distanciam-se do escopo de estudo. Cabe ressaltar que se forem consideradas as áreas de conhecimento, nas quais os escritos estão associados, enumeramos Teologia: 14 / Demografia: 2 / História: 1 / Antropologia: 2 / Educação: 1 / Letras: 1 / Comunicação: 1 / Sociologia: 2.

Especificamente em se tratando das práticas das mulheres nas igrejas neopentecostais, foram levantadas três dissertações e uma tese, em destaque as dissertações de Martins (2011) e Lima (2011), que apresentam, categoricamente, as relações de gênero e os cargos de liderança conquistados pelas mulheres no seio religioso. A pesquisa realizada em ambiente virtual aponta para a necessidade do estudo ora proposto, tendo em vista que há ainda muitos aspectos a serem investigados no campo sociológico.

Ressalta-se ainda o fato que detectar e analisar as novas relações sociais, favorece uma compreensão mais sólida do processo de interação de gênero na modernidade. Ao referir-se à participação da mulher no cenário atual é notório perceber sua presença em cargos de liderança nas esferas públicas e privadas, o que contribui para a formação de uma nova identidade feminina. Esse fenômeno tem se caracterizado por um processo de transformação do papel da mulher na sociedade, em todas as instituições sociais, incluindo o meio religioso onde há uma forte resistência urdida ao ideário patriarcal que associa a liderança eclesial à figura masculina. No atual contexto histórico e cultural é, portanto, precípuo identificar as conquistas femininas no interior das igrejas neopentecostais e analisar os impactos deste movimento na formação da nova identidade da mulher moderna.

Finalmente, convém explicitar que estudar o processo de legitimação da liderança feminina no interior das igrejas neopentecostais em Manaus, é atraente tendo em vista os possíveis embates de gênero, visíveis ou invisíveis, constituídos através das mudanças ideológicas, litúrgicas e organizacionais das distintas denominações protestantes presentes na capital amazonense.

Objetiva-se, portanto, analisar a configuração atual do processo de legitimação das funções de liderança feminina, bem como os impactos deste

fenômeno, no interior, das igrejas neopentecostais em Manaus, estabelecendo as bases para a discussão proposta, por intermédio de uma análise relacional e histórica das seguintes temáticas: a liderança na perspectiva sociológica e eclesial, ritos e liturgia, gênero, sistema patriarcal religioso, e o papel das mulheres no interior das igrejas na atualidade. Para isso foi necessário mapear os espaços que as mulheres ocupam em atividades religiosas, analisando as suas práticas, a fim de compreender o efetivo espaço por elas ocupado, levantando as inquietações e o sentido que as mulheres atribuem às suas ações eclesiais e litúrgicas, averiguando o impacto da religião e da espiritualidade durante o processo de legitimação das funções de liderança feminina.

É notório que este processo levanta inquietações, porém, as respostas podem ser obtidas por meio do pensamento sociológico, e de uma organização dos objetivos da escrita acadêmica, de modo que fique evidente o que está acontecendo no mundo e com os indivíduos, percebendo os pontos de interseção da biografia e da história dentro da sociedade (MILLS, 1975). Em conformidade com os questionamentos evidenciados, é possível estabelecer numerosas relações que se constituem entre o problema de pesquisa, que norteará este estudo, e a abordagem a ser adotada; entre o objetivo geral e o tipo de pesquisa que fundamentarão os pressupostos deste estudo; e além destes, em virtude dos objetivos específicos, os procedimentos metodológicos que deverão viabilizar a exequibilidade da pesquisa.

Neste estudo será adotada a abordagem qualitativa, em virtude da natureza do problema descrito anteriormente. Desenvolver-se-á nos moldes da pesquisa enfatizando a natureza simbólica da vida social, seguindo a premissa de uma sociologia reflexiva e pesquisa participativa, ancoradas nos pressupostos delineados por Goldenberg (2004), de que as Ciências Sociais possuem suas próprias especificidades, permitindo a elaboração de um método que consolide o trato com a subjetividade e singularidade dos fenômenos sociais. Por conseguinte, os dados na pesquisa qualitativa em Ciências Sociais estão relacionados à compreensão e descrição de fenômenos inseridos no seu devido contexto e não restritas a expressividade numérica.

Considerando-se os objetivos específicos, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados, um roteiro para observação e entrevistas semiestruturadas. Os lócus de pesquisa se constituiu de cinco igrejas neopentecostais: Igreja Universal do Reino de Deus / Igreja Mundial do Poder de

Deus / Igreja Internacional da Graça de Deus / Igreja Apostólica Renascer em Cristo / Igreja Ministério Internacional da Restauração (setorial). De quatro igrejas pentecostais: Igreja Assembleia De Deus Tradicional / Igreja Congregação Cristã / Igreja Quadrangular De Manaus / Igreja Pentecostal Deus É Amor. E, cinco igrejas clássicas: Igreja Adventista Do Sétimo Dia / Igreja Batista Tradicional / Igreja Metodista Central De Manaus / Igreja Presbiteriana De Manaus / Igreja Evangélica Luterana Do Brasil. Além disso, foram entrevistadas mulheres reconhecidas e legitimadas como líderes religiosas por igrejas neopentecostais.

Os dados coletados foram interpretados, analisados e discutidos à luz do referencial teórico, e das concepções acerca das investigações sociológicas levantadas por autores como Bourdieu (1998) e Thiollent (1987) os quais respectivamente, propõem uma autoconsciência e reflexividade do pesquisador e um olhar crítico para os métodos utilizados na investigação.

1 NEOPENTECOSTALISMO: SURGIMENTO, EXPANSÃO E DESDOBRAMENTOS

Este capítulo é um introito comum às pesquisas que se propõem a analisar o movimento religioso neopentecostal. Sendo assim, justifica-se a escolha por este ser o primeiro capítulo da dissertação. Além da discussão teórica a ser continuada, objetiva-se trazer concepções acerca da organização e características das igrejas neopentecostais, obtidas através da análise dos protocolos de observação das igrejas neopentecostais visitadas.

O fenômeno religioso protestante brasileiro tem se consolidado diante de seu processo de expansão, o qual fica evidente pela facilidade em se encontrar um templo nos centros urbanos e rurais, e pela difusão de suas mensagens na mídia e política. O Brasil é um campo religioso intenso e atualmente tem sido palco do aumento das igrejas evangélicas, afastando-se do que outrora fora sua religião oficial: o catolicismo. Identificar tal dinâmica aponta uma transformação que está acontecendo no imaginário dos indivíduos que estão aderindo às igrejas fundadas recentemente.

O perfil dos evangélicos e cristãos tem sido alterado com o tempo, e os religiosos modernos têm demandas a serem supridas que diferem daquelas presentes no século I d. C. Aparentemente, a salvação não está apenas voltada para um lugar transcendente e divino, mas pode ser obtida e usufruída aqui e agora. Essa nova forma de enxergar o mundo e os meios de existência dos cristãos modernos tem tornado-se tema de análise e estudo dos profissionais da fé atuais, e a partir disto novas religiosidades estão emergindo.

O Cristianismo tem enfrentado processos de mudança em sua aplicabilidade dogmática concernentes às interpretações bíblicas, contexto local, situação econômica, aspectos sociais e políticos, entre outros. O mais recente movimento que evidencia um formato atualizado do Cristianismo é o neopentecostalismo brasileiro, o qual tem inovado suas estratégias de atrair seguidores e impactado o cenário religioso em questão. A proposta desta seção auspicia retomar aspectos constituintes do neopentecostalismo, permeando sua historicidade, características, conceito eclesial e inserção social.

1.1 SURGIMENTO E EXPANSÃO DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

A classificação dos distintos movimentos do pentecostalismo evidencia uma preocupação de intelectuais, que seguem uma linha weberiana, em ordenar uma tipologia das instituições pentecostais através de sua dinâmica histórica. Tal aspecto já fora largamente estudado e divulgado, mas diante da proposta do estudo em questão, cabe ressaltar as vertentes do pentecostalismo brasileiro a fim de compreender a proposta do modelo neopentecostal que se manifesta no *lócus* da investigação.

Mariano (2014) deixa evidente que a tarefa de conceituação das igrejas pentecostais não é algo fácil de ser realizado, tanto que cada pesquisador que se dedicou a esta árdua empreitada procurou definir um aspecto que diferenciava cada período, mas mesmo assim é um consenso precário. Os aspectos usados nos estudos analisavam características como: a) não exigência de um compromisso institucional das pessoas, b) a classe social dos seguidores de cada igreja e, c) as congregações dissidentes do modelo tradicional. Os pesquisadores responsáveis por esses estudos foram Carlos Rodrigues Brandão (1980), Antônio Gouvêa Mendonça (1989), e José Bittencourt Filho (1991). Contudo, estes acabaram divergindo ao estabelecerem a divisão tipológica do pentecostalismo brasileiro, afinal abaixo deste termo há um emaranhado de nomenclaturas e idiosincrasias que torna mais complexa tal classificação.

A tipologia é uma ferramenta weberiana utilizada pelos autores supracitados a qual possibilitou uma análise das facetas do pentecostalismo no Brasil. Este recurso fora usado, pois diante das constantes mudanças no cenário religioso, possibilitou um estudo mais direcionado e pontual. E é a partir de tal classificação que objetivamos descrever o fenômeno agora denominado como neopentecostal.

O pentecostalismo começou a ser difundido na América do Norte através do processo de migração, de modo que seguidores deste movimento religioso iniciaram um processo de solidificação e expansão do pentecostalismo no Brasil. O italiano Luigi Francescon e os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren foram os fundadores em 1910 e 1911, respectivamente, das igrejas Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus. Tais denominações marcaram o início do pentecostalismo brasileiro (MARIANO, 2014).

Luigi Francescon migrou para os Estados Unidos da América (EUA) onde recebeu o dom de falar em línguas, como afirma ao mencionar sua experiência com o divino. Motivado por tal experiência passou a viajar e pregar a mensagem bíblica, passando a desenvolver o trabalho missionário autônomo, sem ser mantido por alguma missão estrangeira. Luigi ao chegar no Brasil passou por Santo Antônio da Platina (PR) até chegar na cidade de São Paulo (SP), em uma época marcada por movimentos operários e greves em busca de melhores condições de trabalho. Luigi pregou em algumas igrejas, mas sua pregação carismática causou profundas divergências, atraiu fiéis insatisfeitos, e impulsionou a formação da Congregação Cristã em 1910.

Daniel Berg e Gunnar Vingren possuem uma trajetória parecida com a de Luigi, pois estes também migraram para os EUA à procura de trabalho e de melhores condições de vida. Daniel era batista e se converteu ao pentecostalismo ao chegar na América, tornando-se membro da igreja Assembleia de Deus. Gunnar estudou em um seminário batista sueco em Chicago e em 1909 recebeu o batismo pelo Espírito Santo, experiência que o fortaleceu no movimento pentecostal. Conduzidos por uma “visão” de um irmão na fé, eles aceitaram o chamado para uma missão que se estabeleceria no norte do Brasil. Consideraram este fato como confirmação divina, e então seguiram para Belém (PA). Daniel e Gunnar passaram a frequentar a Igreja Batista, contudo, divergiam com tal denominação acerca de temas como o batismo no Espírito Santo, o falar em línguas e a cura. Diante de vários conflitos, houve uma cisão, onde 18 batistas se uniram aos dois missionários suecos e fundaram a primeira Igreja local da Assembleia de Deus em 1911 na capital paraense (WULFHORT, 1995).

A rápida expansão do pentecostalismo é, indubitavelmente, um fenômeno importante a ser destacado no cenário religioso brasileiro. Sendo assim, vislumbrar seu processo de estabelecimento no território brasileiro e suas facetas no decorrer da história corroboram na compreensão dos marcos sociais que este movimento deixou, especialmente sua forma mais moderna e suas mudanças no trato com questões comportamentais e sociais.

O seu surgimento já evidencia rupturas com o modo de pensar a salvação e a manifestação divina nas congregações, processo este que ocorreu através da dissidência. Seguidores de igrejas consideradas clássicas passaram por manifestações religiosas distintas das que eram preconizadas em seus templos e

passaram a discordar de seus líderes, o que impulsionou a saída de um grupo de fiéis que organizaram novas igrejas e se reportaram a novos líderes. Destacar que o pentecostalismo teve seu começo através da dissidência ajudará a perceber no decorrer da pesquisa como tais cisões foram responsáveis pelos diferentes tipos de pentecostalismos estabelecidos.

Os pentecostais ganharam mais força e impulso na América Latina, pois os países mais revolucionários garantiram um espaço livre para o estabelecimento de suas igrejas. Os seus fundadores ao virem para o Brasil encontram uma sociedade mais aberta, de modo que encontraram um espaço no qual eles puderam desenvolver e difundir sua mensagem. Outrora, estavam restritos pelo perfil tradicionalista e imperialista da sociedade norte americana, porém, foram recebidos pelos evangélicos latinos americanos e sua mensagem de fervor revolucionário conseguiu abarcar massas da camada evangélica existente. Os líderes deste movimento não foram perseguidos, como em outros países, mas foram respeitados e se estabeleceram (WESTMEIER, 1993).

Devido seu início caracterizado por lutas e cisões o pentecostalismo brasileiro fora considerado como um novo grupo que estava à margem e considerado sem história. O outro grupo de protestantes era conhecido como históricos, e possuíam mais reconhecimento devido à tradição de suas instituições. Coube, diante deste contexto, uma investigação acerca do movimento pentecostal, da evolução dinâmica de suas instituições, do inchaço numérico dos templos, e das mudanças propostas que eram o foco de suas lutas. O pentecostalismo, portanto, surge como um movimento de luta e com um novo olhar acerca da liturgia, crença e manifestações religiosas. Esse movimento toma o nome de um incidente ocorrido com os pioneiros da Igreja Cristã, quando estes receberam o Espírito Santo no dia de Pentecostes e se voltam no cumprimento de sua missão. Assim, o pentecostalismo surgido no início do século XX remeteu-se ao retorno da origem do Cristianismo através de um novo derramamento do Espírito Santo (FREESTON, 1994). É evidente que surgem diversas dificuldades ao estudar um fenômeno social tão dinâmico e com pouco material catalogado, mas não impossibilita uma análise de sua sistematização.

A história mundial do protestantismo também foi classificada por alguns pesquisadores da religião, como uma forma analítica para o devido estudo da expansão religiosa, especificamente o protestantismo. Mariano (2014) aponta a

divisão do protestantismo mundial em três ondas, feita por David Martin em 1990, o qual nomeou como puritana, metodista e pentecostal. Tal procedimento também fora feito por Burgess e McGee em 1989 para classificar o movimento pentecostal. Eles apresentaram três ondas, as quais foram nomeadas por pentecostalismo clássico, neopentecostalismo e os evangélicos/cristãos, sendo que os últimos adotaram conceitos e práticas pentecostais, mas permaneceram em suas igrejas não pentecostais.

Autores atuais reconhecem o trabalho realizado por Paul Freston (1993) acerca da religiosidade brasileira, especificamente, sobre o pentecostalismo e sua configuração em diferentes períodos da história do Brasil. Freston (1993) seguiu este método de classificação e propôs em sua tese as três ondas do processo histórico de expansão e metamorfose percebida no movimento pentecostal em solo brasileiro. A influência do método utilizado por Freston é, inclusive, percebida claramente através das citações por ele destacadas nos capítulos de seu trabalho:

A dissidência protestante... vem em três ondas [calvinista, metodista e pentecostal]... em níveis [sociais] cada vez mais baixos... O metodismo não expande onde as igrejas calvinistas oficiais foram bem sucedidas, [e] se restringe basicamente ao ambiente anglo-saxão... O pentecostalismo expande onde o metodismo e o calvinismo pouco penetram: as sociedades católicas... e as áreas dominadas por igrejas luteranas (MARTIN, 1978 *apud*. FRESTON, 1993).

É imprescindível destacar a tese de Freston ao discutir o fenômeno neopentecostal, pois ele foi o primeiro a dispor o pentecostalismo em ondas conforme o modelo americano de David Martin. Ele faz um recorte histórico das congregações pentecostais estabelecidas no Brasil, analisando a dinâmica interna de tal movimento religioso no cenário social brasileiro. O pesquisador antes menciona que os dados disponíveis acerca das igrejas pentecostais são fragmentados, fato que dificulta uma reconstrução precisa, já que existem outros grupos religiosos semelhantes. Entretanto, tal desafio foi precípuo em motivar Freston a classificar o pentecostalismo brasileiro, pois colocar uma ordem basilar no campo pentecostal favoreceria um estudo mais vantajoso, possibilitando perceber a versatilidade do pentecostalismo e sua evolução no decorrer dos anos, e, também a definir tipos ideais da sociologia da religião evidente nas marcas que cada igreja carrega da época em que nasceu (FRESTON, 1994).

1.1.1 A Primeira Onda do Pentecostalismo Brasileiro

A primeira onda é denominada como pentecostalismo clássico, tendo como marco inicial o estabelecimento das igrejas Congregação Cristã (1910) e Assembleia de Deus (1911). Outras igrejas com este perfil já estavam em funcionamento, contudo seu campo de atuação era inexpressível, o que garante o destaque das igrejas mencionadas. A Congregação Cristã teve uma explosão de crescimento, mas que logo foi superada pelo avanço da Assembleia de Deus, a qual ganhou notoriedade nacional por ultrapassar as fronteiras regionais, saindo do estado do Pará para outros Estados.

O estabelecimento destas igrejas aponta a origem e expansão mundial do pentecostalismo, o que não desconsidera o trajeto dos demais movimentos protestantes já instituídos. Assim como o pentecostalismo, outras denominações surgiram após rompimentos com as igrejas protestantes clássicas, só que estas supriam ainda as perspectivas da elite brasileira e pouco flexibilizavam suas regras e premissas diante das mudanças no cenário econômico e político do Brasil.

As igrejas protestantes passaram por um contexto delicado diante de algumas transformações sociais ocorridas no país. O crescimento econômico em 1930, a mobilidade social, as migrações constantes e a centralização burocrática e militar acabaram minorando muitas igrejas, excetuando a Congregação Cristã e a Assembleia de Deus. Tal exceção se deve à característica própria do pentecostalismo em rearticular-se diante das demandas sociais, trabalhando pacificamente e de forma integrada ao cenário social emergente.

Por conseguinte, mesmo possuindo este perfil, as igrejas pentecostais brasileiras foram frutos de um movimento que iniciou nos Estados Unidos, de modo que seu modelo não é único ou inovador. Este movimento logo conseguiu adeptos, especialmente das camadas populares, que buscavam uma experiência mais rápida e disponível a todos que era nomeada como “batismo do Espírito Santo”. O pentecostalismo passou a ser um fenômeno conhecido e adentrou as igrejas já existentes causando discussões de interpretações bíblicas e rompimentos entre seguidores e líderes religiosos.

Outro fator que corroborou com o crescimento deste movimento foi a pregação sobre a necessidade de um reavivamento espiritual que prepararia os fiéis para um possível cataclisma que destruiria o mundo. De modo, que a síntese

doutrinária onde a glossolalia¹ e o carismatismo estavam presentes e foram basilares para o surgimento e expansão do pentecostalismo. O movimento pentecostal, portanto, se origina com uma renovação das igrejas, mas se solidificou em grupos independentes, separados por questões doutrinárias. Cabe ressaltar, que a glossolalia não era a grande novidade, mas o uso deste recurso na renovação litúrgica e teológica lhe impulsionou ao crescimento. Este momento histórico fora assim denominado como a primeira onda do pentecostalismo brasileiro (FREESTON, 1993).

1.1.2 A Segunda Onda do Pentecostalismo Brasileiro

A segunda onda emergiu entre os anos 50 e início de 60, no qual há uma fragmentação do campo pentecostal. Este período também é palco de um processo de urbanização e formação de uma sociedade de massas que exige uma ruptura estrutural do modelo pentecostal existente. Os pentecostais mais antigos se elitizaram e os grupos novos se dirigiram para as camadas das classes mais populares. Assim como na primeira onda, este período é marcado pelo surgimento de novas igrejas pentecostais, sendo estas: a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo, e a Igreja Pentecostal Deus é Amor.

A chegada da Igreja Quadrangular no Brasil foi o estopim da segunda onda. Esta igreja teve sua origem em Los Angeles (EUA) em meio a grupos religiosos exóticos e a fábrica do entretenimento. Um destaque a ser percebido nesta igreja é que fora fundada por Aimee Semple McPherson, uma mulher que apresentou o pentecostalismo em uma roupagem ousada para os anos 20. Aimee McPherson veio de uma família metodista e casou-se com um pregador que faleceu enquanto estavam em um projeto missionário na China. Ela chegou a casar novamente, mas logo se separou para lançar-se na carreira de pregadora. Aimee McPherson sempre foi uma mulher rodeada por polêmicas, pois esteve envolvida em intrigas familiares, processo legais e rumores de escândalos sexuais. Todavia, possui uma trajetória de sucesso ao empreender sua pregação com carismatismo, transformar criminosos e viciados em pessoas melhores.

¹ Manifestação do Espírito Santo nos indivíduos, causando um êxtase que é expresso com o movimento do corpo e a capacidade de falar idiomas desconhecidos. Línguas/idiomas que são incompreensíveis ao homem (SILVA, COELHO, VIEIRA, 2013).

A implantação desta congregação no Brasil ocorreu em 1951 através do missionário Harold Williams, o qual estabeleceu a primeira igreja em São João da Boa Vista (SP). Harold era ator em filmes *far-west* e trouxe seu próprio estilo para este movimento religioso, ao usar camisas xadrez e tocar guitarra elétrica nos templos. O começo da Igreja Quadrangular foi lento, tanto por questões administrativas, quanto por cisões que ocorreram dentro do movimento.

A Igreja Quadrangular trouxe uma nova metodologia para os cultos, implantando um estilo de comunicação inovador com maior planejamento. Em seus cultos haviam experiências religiosas próprias do pentecostalismo, mas a novidade trazida e que marca este momento histórico foi sua massificação, prática de cultos em lugares públicos e uma apresentação visual dos pregadores de forma mais moderna e urbana.

A segunda denominação religiosa que marcou a segunda onda foi a Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo, que foi a primeira a ter como fundador um brasileiro. Também surgiu nos anos 50 e 60, onde um operário nordestino em São Paulo construiu uma instituição religiosa autônoma que se destacou neste período, mas que também não perdurou.

O nome do fundador desta da Igreja O Brasil para Cristo foi Manoel Mello, pernambucano que foi seguidor da Igreja Assembleia de Deus, e que aos 40 anos mudou-se para São Paulo onde se convenceu de que havia uma necessidade de surgir um movimento com raízes exclusivamente brasileiras. O destaque desta igreja foi a sua veia nacionalista, que além de distinguir-se, ainda refletia alcançar maior visibilidade social, distanciando-se da mentalidade acanhada do pentecostalismo. Mello investiu pesadamente na mídia e tornou a igreja O Brasil para Cristo em um fenômeno paulista e com relações próximas com políticos que passaram a ver as igrejas protestantes como local popular que valia a pena investir. Logo, Mello se propôs a construir grandes templos, elegeu-se como deputado federal e soube atrair colaboradores da classe alta.

A igreja O Brasil para Cristo destacou-se na história do pentecostalismo por ser a primeira igreja propriamente brasileira, porém as suas bases organizacionais frágeis e seu envolvimento direto com a política deixaram o movimento enfraquecido.

Por sua vez, a igreja pentecostal Deus é Amor foi a terceira igreja que marcou este período da história do pentecostalismo, denominado por Paul Freston

como segunda onda. Tal igreja foi fundada por David Miranda em 1962, o qual aos 26 anos decidiu alugar um local para iniciar seu empreendimento eclesial. O diferencial de sua proposta era oferecer um culto para os trabalhadores e os que circulavam entre o mundo do trabalho e das ruas, distanciando-se assim do modelo que priorizava os bairros. Valeu-se da mídia para sua divulgação, com exceção da televisão que para ele não deveria ser assistida como forma de afastar-se das coisas do mundo.

O apelo percebido no discurso dos pregadores da igreja Deus é Amor é voltado para as camadas mais pobres, é considerada uma versão amadora do pentecostalismo e culturalmente ultrapassada. Mesmo com estes aspectos negativos, tal denominação religiosa ganhou seu espaço na sociedade brasileira e fortaleceu o movimento pentecostal nesta segunda fase (FREESTON, 1993).

Cumprir dizer que a segunda onda é um período de solidificação do movimento pentecostal no Brasil, evidenciando a aceleração do crescimento e a diversificação institucional ocorrida. Este período histórico trata-se de um rompimento do pentecostalismo clássico, que favoreceu a formação de um novo modelo pentecostal evidente na terceira onda.

1.1.3 A Terceira Onda do Pentecostalismo Brasileiro

A terceira onda do pentecostalismo acompanha um rompante crescimento de igrejas e adeptos destas. Este momento histórico pode ser categorizado como o rompimento do modelo clássico para um mais moderno, dinâmico e flexível. Esta onda tem como marco inicial a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus em 1977. Os anos 80 é o período que favoreceu um novo pentecostalismo diante das necessidades evidentes da nova constituição social do Brasil, que estava passando por um processo de industrialização, inchamento urbano, aumento das tecnologias de comunicação, crise católica, crescimento das religiões afro-brasileiras e estagnação econômica.

Para se entender o contexto da terceira onda é preciso conhecer um pouco da história da Igreja Universal e sua proposta inovadora de modelo litúrgico e teológico. O fundador desta igreja é Edir Macedo que era membro da Igreja Nova Vida, vindo a desligar-se desta quando iniciou reuniões eclesiais que ele mesmo liderava. A Igreja Universal passou a explodir na mídia brasileira devido sua ousada

inserção nos espaços sociais e uma diversificação de atividades do que era costume se ter nas pentecostais clássicas.

Os anos 90 foi um período que Edir Macedo já estava seguro quanto aos seus investimentos na política, mídia e na igreja. De modo que neste período passou a nomear novos líderes para expandir suas igrejas para outras regiões. O crescimento deste movimento foi intenso, de modo que seus templos são amplos com diversos horários de cultos semanais. Claro, que com sua proposta inovadora, a Igreja Universal abriu caminhos para outros líderes que estavam insatisfeitos com suas igrejas de origem e também passaram a investir em modelos eclesiais mais carismáticos, flexíveis e teologicamente distintos.

Alguns evangélicos, especialmente os mais clássicos, não consideram a Igreja Universal como evangélica, pois possui formas de cultos e pregação que não estão presentes em outras igrejas pentecostais ou nas mais conservadoras.

A Igreja Universal segue a linha pentecostal devido às marcas como a manifestação do Espírito Santo através da glossolalia, o deslumbramento da cura, a expulsão de demônios e a ênfase em testemunhos. Esta irá diferir no que tange às regras disciplinares que são mais liberais. Assim, abandonaram o conceito pentecostal de usar códigos de conduta, adequa-se a diversificação de classes sociais, e propaga a Teologia da Prosperidade (FREESTON, 1993). Considerando que a Teologia da Prosperidade merece seu devido destaque, detalharemos na terceira seção deste capítulo.

Esta última onda detalhada por Freston retrata a realidade do movimento religioso pentecostal na atualidade, o qual tem sido um palco de inéditas possibilidades de uma prática religiosa que encaixe-se com o perfil dos brasileiros do século XXI. Estas ondas foram nomeadas por Mariano (2014), respectivamente, da seguinte forma: pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo e neopentecostalismo. Deste modo, optou-se em usar o termo neopentecostal para a terceira onda mencionada.

1.2 OS ESPECIALISTAS DO SAGRADO NAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS

O campo religioso brasileiro tem se tornado um profícuo investimento para os indivíduos que tem se levantado como especialistas do sagrado, evidente no aumento notório das igrejas nos centros urbanos. A frase “uma igreja em cada

esquina” já é uma realidade perceptível em território nacional, cada uma com seu perfil litúrgico, dogmático, ritualístico e administrativo. O gerenciamento de tais congregações recai sobre alguns líderes que são reconhecidos pelos leigos, como aqueles que possuem dons divinos, que os destaca dos demais em suas respectivas funções. Cabe destacar que há um líder seguindo uma ordem hierárquica, o qual é considerado o especialista da fé, exercendo o mais alto cargo nas igrejas e pode ser nomeado de diferentes maneiras no contexto protestante brasileiro: pastor, bispo, apóstolo, sacerdote e presbíteros.

Os líderes religiosos exercem uma influência sólida sobre seus seguidores valendo-se de diferentes recursos como o carisma, os quais proporcionam autoridade que mantém ao seu redor um ou diversos grupos que seguem suas diretrizes. O carisma é algo preponderante nos especialistas do sagrado, e tal aspecto está presente no discurso e na performance de tal maneira que atrai e envolve novos seguidores. O poder carismático exercido por tais líderes tem uma relevante visibilidade na pregação das mensagens, conseguindo com que seus seguidores acreditem nas suas palavras, atos e pensamentos, como sendo experiências e dons espirituais raros.

A partir do que fora explicitado acima, o movimento neopentecostal caracteriza-se por uma ruptura do modelo mais clássico do protestantismo, distinguindo-se de diferentes formas, inclusive no perfil escolhido para liderar as igrejas que seguem este segmento religioso mais moderno. Portanto, identificar o perfil dos profissionais da fé das igrejas neopentecostais desvelam aspectos singulares deste movimento.

1.2.1 A Dinâmica do Campo Religioso Brasileiro

Bourdieu (2007) considera que há uma dinâmica própria do campo religioso constituída com relativa autonomia e desenvolvimento de uma necessária moralização e sistematização das crenças e práticas religiosas. De modo que não concebe a questão da autonomia como apenas reflexo de interesses materiais ou simbólicos de uma classe ou grupo. É preciso ponderar sobre as influências externas que se expressam na linguagem e nas ações especificamente religiosas. A partir desta perspectiva teórica, Bourdieu evidencia sua busca em compreender a

dinâmica do campo religioso, destacando sua teoria de poder e disputas simbólicas dos campos da sociedade, porém partindo dos modelos típicos ideais weberianos.

De fato, se investigarmos os aspectos salientados por Bourdieu é possível compreender a dinâmica do campo religioso, inclusive no que tange ao papel dos especialistas do sagrado como líderes eclesiais. Para Bourdieu (2004) é precípua perceber que em todos os campos da sociedade há uma luta em impor a definição do jogo social e os trunfos necessários para dominá-lo. Os participantes deste jogo são os indivíduos que cumprem seus papéis sociais devidos, especialmente no que tange os espaços profissionais como dos médicos, assistentes sociais, entre outros. Bourdieu considera que o campo religioso é também um espaço onde os agentes lutam constantemente pela legitimação não somente do que se considera religioso, mas também das diferentes maneiras de desempenhar o religioso.

O campo religioso, portanto, está marcado por uma tensão entre os representantes da religião estabelecida que são os detentores do maior capital religioso, os quais valem-se das mais diversas estratégias para legitimar sua forma de distribuir os bens da salvação em detrimento de outras instituições, seitas e líderes que procuram se erguer. Tal fato é algo marcante e histórico no cenário religioso e que se manteve no decorrer dos tempos, e se estabelece em um modelo mais moderno nas denominações neopentecostais.

Os especialistas do sagrado são agentes significativos para a religião em seu processo de racionalização e moralização, pois eles tornam-se responsáveis pela gestão dos bens de salvação. Além disso, cabe a eles lidarem com o processo de interiorização dos fenômenos religiosos, a introdução de critérios imperativos éticos, a transfiguração dos deuses em poderes morais, e o desenvolvimento do sentimento de pecado e o desejo de redenção. A religião acaba sendo um processo racional que dá sentido à vida humana, possuindo uma normatividade própria que estando em desenvolvimento liga-se sobretudo à formação de um corpo especificamente sacerdotal (BOURDIEU, 2007).

Pensar na autonomia do campo religioso é identificar que o corpo de sacerdotes tem a ver diretamente com a racionalização da religião e de onde se deriva o princípio da legitimidade de suas crenças e estudos teológicos. De tal modo que:

[...] a autonomia do campo religioso afirma-se na tendência dos especialistas de fecharem-se na referência autárquica ao saber religioso já acumulado e no esoterismo de uma produção quase acumulativa de início destinada aos produtores (BOURDIEU, 2007, p. 38).

Desta maneira, consolida-se o poder e influência que os especialistas do sagrado possuem sobre os seguidores de determinada igreja. Através de seus discursos e performances tornam-se sujeitos importantes e com peremptória autoridade sobre muitos indivíduos. Tal autoridade se dá por serem reconhecidos socialmente como detentores exclusivos da competência específica sobre o conjunto de fenômenos religiosos que são necessários para organização e constituição de determinado movimento religioso.

Por conseguinte, esta aparente autonomia do campo religioso leva os movimentos religiosos emergentes a pautarem suas estratégias através das ações dos agentes em questão como sacerdotes e leigos, pensando na legitimidade de movimentos religiosos. Afinal, a partir das múltiplas posições que os agentes ocupam nos diversos campos (cultural, econômico, político, social) é possível desenvolver estratégias simbólicas de disputa por legitimidade no novo movimento protestante brasileiro: neopentecostalismo.

1.2.2 Competição Religiosa e as Estratégias de Liderança

Os líderes religiosos são denominados de diferentes modos, sendo bispo, presbítero, pai de santo, pastor, apóstolo, médium, sacerdote e outros. Além do modo de tratamento, estes homens possuem distintas formas de atuação que segue uma doutrina própria de sua congregação. O fator que os assemelha está elencado ao esforço em trazer novos membros aos seus respectivos templos.

Vivemos atualmente um período de constantes mudanças, inclusive no campo religioso, decorrente da liberdade religiosa, fruto da desnormatização política da religião e ampliação da atuação dos seus líderes no cenário social. Essa situação favorece uma concorrência entre as lideranças religiosas que passam a aumentar a jornada de trabalho a fim de garantir seu espaço no cenário social. É possível, assim, afirmar que o povo brasileiro se tornou mais religioso, mas esta demanda não surge espontaneamente do povo. A população encontra-se mais mobilizada por uma forte pluralização e enriquecimento da oferta religiosa através do *marketing*, dos

programas midiáticos, das redes sociais e de outras técnicas para se chegar aos interessados (PIERUCCI, 2004).

Tal realidade no cenário religioso brasileiro é evidente pela ampliação dos templos e por novas estratégias aplicadas pelos especialistas do sagrado em seus cultos. A liturgia aplicada nos cultos das igrejas neopentecostais tem se distanciado das igrejas clássicas, de tal modo que novos instrumentos e setores têm sido inseridos e criados. Atualmente, já é possível encontrar luzes cênicas, grupos de dança, êxtase nos momentos de louvor, músicas agitadas e dançantes. Tais aspectos eram inaceitáveis nas igrejas clássicas e pentecostais, consideradas inclusive como práticas profanas que não deveriam fazer parte dos cultos.

Para Pierucci (1999) esta animada liberdade de culto, que está sendo experimentada no Brasil, é fruto de um empenho voraz dos profissionais religiosos que enfrentam um quadro de competição pluralista em mobilizar e atrair a camada populacional para os diversos tipos de formações religiosas, como igrejas, seitas, cultos, centros, terreiros, ordens, denominações, comunidades, casas, redes, movimentos. Por conseguinte, pode-se concluir que a notória efervescência religiosa resulta da liberdade ampla de que atualmente usufruem os líderes de todas as religiões.

As igrejas neopentecostais se diferenciam das tradicionais e pentecostais por permitir flexibilização em sua forma, objetivando atrair fiéis de diferentes classes. Um exemplo destas mudanças é notório nos templos do Ministério Internacional da Restauração (MIR), com sede em Manaus, os quais tem se organizado com características que atingem os novos ricos, ou nova classe média. Percebendo as distinções dos gostos individuais, os profissionais da fé têm modificado seus formatos de apresentar a salvação, onde a arquitetura, discurso e formação acadêmica de líderes tem procurado dar conta das idiosincrasias das classes econômicas, culturais e sociais.

A abordagem acima nos remete à perspectiva de Pierucci (1999) sobre a concorrência entre os profissionais religiosos. Pois, ao deter-se sobre os desafios da modernidade é notório perceber que não há uma autoridade única para todos os campos da vida social. Consequentemente não há uma autoridade absoluta, e assim como nos demais campos, gera-se uma concorrência entre os diversos peritos da vida religiosa. E assim, as religiões que outrora tinham poder social de definir comportamento e consagrava títulos a nobreza, passa a adequar seu discurso aos

anseios das classes, promulgando cultos que distingam bem as classes e que motivem os indivíduos a chegarem ao seu ideal que fora transferido do reino de Deus para o reino terrestre, especificamente em se tratando da classe social mais alta e distinta.

Esta dinamização da vida religiosa e percepção das relações estabelecidas entre líderes religiosos e seus respectivos seguidores corroboram em elucidar esta efervescência religiosa. Assim, em meio ao pluralismo acentuado do campo religioso, as instituições religiosas transpassaram o modelo onde podiam propor à sociedade um agrupamento de condutas relativas à fé e aos comportamentos próprios e aceitos pelos conversos e consagrados. Em contrapartida, na contemporaneidade, os indivíduos são colocados no centro da humanidade e são fortemente orientados a decidir livremente a respeito da religião que adotarão, ou mesmo a abster-se de tal escolha. Percebendo isto, as organizações religiosas começaram a oferecer atrativos para os potenciais consumidores.

Guerra (2003) ao estudar as novas abordagens da Igreja Católica enfatiza a crescente necessidade que as diferentes organizações têm de se sintonizar com o perfil dos fiéis na atualidade, sendo impelida a moldar a mensagem, as atividades, os estilos de celebração, os temários dos sermões e outros aspectos do modelo de religiosidade, de modo a que estes supram as expectativas dos indivíduos. Essa relação das instituições religiosas com os consumidores pode variar de maneira diretamente proporcional ao nível de competição em um dado mercado religioso. Tais variações são ditadas pela mudança no papel social da religião na vida dos indivíduos, que têm favorecido uma tendência que aponta para um consumo fragmentário de religiosidade.

De todo modo é perceptível uma grande concorrência no campo religioso, e deste cenário surgem regras de regulação da economia religiosa, e de maneira destacada, os especialistas do sagrado dedicam esforços em conseguir abarcar a maior quantidade de seguidores e manter-se no mercado da fé. Para manutenção deste espaço, além de um perfil mais flexível, como característico do modelo neopentecostal, os líderes destas igrejas investem em inovações que podem ser consideradas distantes da essência do Cristianismo primitivo.

Destarte, as igrejas protestantes de estilo neopentecostal têm oferecido uma forma de religiosidade muito eficiente, pois são pouco exigentes em termos comportamentais, doutrinariamente descomplicada e fortemente emocional. O

próprio estilo litúrgico promove um culto discursivamente simplório, voltado para o êxtase e o milagre, visados sempre como resultados imediatos, não futuros. Há certo tipo de serviços mágicos² executados por especialistas em troca do devido pagamento, visando recompensas bem específicas e imediatas para o cliente (PIERUCCI, 2006).

1.2.3 O perfil dos Novos Líderes Religiosos

Diante de um cenário favorável ao estabelecimento de novas igrejas em território brasileiro, vários líderes religiosos que pertenciam a movimentos clássicos ou pentecostais passaram a investir em suas próprias congregações e com mudanças significativas em seu formato. O movimento neopentecostal surge de deslocamentos dissidentes, e os especialistas do sagrado de tal movimento carregam em si impressões de suas igrejas de origem, mas com um desejo intenso de mudanças.

Os especialistas do sagrado no neopentecostalismo comumente são oriundos de uma ruptura com as igrejas de sua origem, porém, inevitavelmente trouxeram para o movimento neopentecostal uma base já solidificada pelas igrejas antecedentes. O que é possível perceber, conforme as visitas aos templos neopentecostais, é um aprimoramento litúrgico e uma flexibilização maior no que tange ao comportamento exigido dos seus seguidores. Há, dentre as suas características, algo que fora aprimorado e pode ser considerado como recurso essencial utilizado pelos especialistas do sagrado: a cura. Os rituais de milagres e curas são significativos neste espaço, de modo que causa um frenesi nos seguidores, evidente pelos movimentos dos corpos e sons que também são produzidos. Portanto, ao se pensar na caracterização dos especialistas do sagrado do movimento neopentecostal é necessário ressaltar que este precisa necessariamente ter habilidades extraordinárias como a cura.

Alguns estudos consideram as curas ocorridas nos templos protestantes como magia, contudo, a partir da diferenciação realizada por Durkheim entre religião e magia, preferiu-se denominar as curas e milagres como ritos religiosos. Para

² Serviço mágico é quando um problema específico do cliente é resolvido pelo mago ou feiticeiro aqui e agora. Neste mundo, nesta vida: uma dor física, uma doença, desemprego, aflição, desalento, a sena acumulada, um parente drogado, um filho que se quer ter, um caso de amor a descomplicar (PIERUCCI, 1999).

Durkheim (1996) a magia e a religião possuíam características parecidas que se tornaram visíveis por meio de cerimônias, sacrifícios, purificações, orações, cantos e danças. Contudo, os ritos religiosos são considerados sagrados, os ritos mágicos são tidos como rudimentares e profanos, tornando estes campos como opostos.

Durkheim observou que as sociedades classificadas como *inferiores*, na antiguidade, carregavam uma conotação depreciativa devido à sua maneira de lidar com as almas dos mortos, as figuras dos demônios, dos seres proibidos e da escuridão, pois estes eram cultuados nas magias profanas e pagãs. A prática ritualística praticada pelos mágicos possuía um alcance individual e egoísta, e diferentemente das igrejas, não possuem consistência de grupo e corpo moral, e suas relações estabelecem-se de forma efêmera entre seus praticantes. Nesse sentido, podemos categorizar os procedimentos mágicos como antirreligiosos.

Por sua vez, os ritos religiosos são caracterizados por Durkheim como aqueles que possuíam um alcance coletivo presentes em uma consistência de grupo e em um corpo moral, definidos e representados pelas instituições religiosas. A prática religiosa está envolvida com um corpo de crenças e ritos que objetiva coletivamente expandir-se tornando mais viável o contato dos indivíduos com o divino e sagrado.

É evidente que Durkheim analisou a magia de maneira simplista, afastando-se de seus aspectos importantes, a qual possui suas diferentes vertentes, as próprias fundamentações teóricas e as suas regras morais. Além disso, as sociedades mágicas, embora restritas ao indivíduo, tem um corpo de crenças e rituais consistentes e que podem ser traduzidos como aspectos religiosos, ou vice-versa.

De fato, ainda há um olhar preconceituoso acerca da magia e ainda há muitos aspectos a serem descobertos sobre estas práticas. Compreendendo este debate e reconhecendo que o próprio campo religioso demoniza os ritos mágicos, optou-se por tratar as curas, milagres, glossolalia, possessão, exorcismo e outras práticas comuns nas igrejas protestantes como ritos religiosos e não ritos mágicos.

O especialista da fé precisa dominar os ritos religiosos, especialmente no movimento neopentecostal, pois tais práticas ganharam uma dimensão significativa para os seguidores destas igrejas. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) que marcou o início deste movimento no Brasil fortaleceu as práticas ritualísticas de cura

que agregadas a outros aspectos conseguiram instituir templos e mobilizar uma quantidade elevada de fiéis.

Cabe ressaltar que a doença e o sofrimento são constituintes da vida e um grave problema enfrentado pelo homem desde seu surgimento. A busca pela cura é uma árdua tarefa praticada por diferentes especialistas como cientistas, religiosos, mágicos, leigos, fitoterapeutas e outros. Aqui, ressaltaremos o dom de curar como algo constituinte e necessário para os especialistas do sagrado.

Parece complexo entender a explosão religiosa pela qual passa o Brasil nas últimas décadas e para este fenômeno ficar mais claro é preciso entender o assunto numa perspectiva que considere a religião dentro do cenário social. Bobsin (2003) destaca que a busca pela cura nos centros religiosos é feita por membros de diferentes classes sociais, tanto pelas camadas populares e excluídas, mas também pelas minorias elitistas que se valem dos códigos culturais e religiosos nas horas de situações-limite, como, por exemplo, na doença. Neste contexto as igrejas neopentecostais vão se constituindo a partir de empreendedores religiosos, de modo que a cura vai sendo enfatizada em detrimento dos discursos apocalípticos. Os líderes religiosos do neopentecostalismo ganham espaço no campo religioso atual do Brasil prometendo cura e prosperidade, distanciando-se do discurso basilar do Cristianismo acerca da piedade e do anseio pelo reino de Deus.

Para o adequado discurso ser realizado pelos especialistas do sagrado do neopentecostalismo, este indivíduo precisa passar por um processo de formação que é realizado de distintas formas, dependendo da igreja que o sujeito está vinculado.

Ao mesmo tempo em que há um crescente aumento de igrejas no Brasil, um discurso pejorativo e depreciativo tem atingido a profissão pastoral. No campo religioso há uma complexa rede de especialistas do sagrado com suas idiosincrasias, contudo como o foco em questão é o movimento neopentecostal, objetiva-se discorrer um pouco sobre o perfil dos pastores das igrejas evangélicas, em destaque das neopentecostais.

As mudanças decorrentes do surgimento do movimento neopentecostal geraram uma crise nas instituições religiosas tradicionais e, por conseguinte, em seus líderes. Tais mudanças, relacionadas ao aparecimento dos novos movimentos religiosos, entraram numa acirrada concorrência com as instituições tradicionais pela produção e distribuição de bens simbólicos. E à frente desses grupos estão os

novos tipos de líderes, portadores de um novo perfil de pastor: o animador de auditório, o *public relations*, o pastor-cantor, o especialista em estratégias de *marketing* e de comunicação social, o telepastor, o pregador que cura, exorciza e pede dinheiro, sem qualquer pudor (SILVEIRA, 2006).

Assim, com base em Mariano (2014) e Silveira (2005) é possível desvelar um pouco sobre o perfil dos pastores das igrejas consideradas neopentecostais a partir de algumas congregações bem reconhecidas: Igreja de Nova Vida, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Renascer em Cristo e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra.

A Igreja de Nova Vida, fundada em 1960, desempenhou um papel de formadora de grandes líderes como Edir Macedo, R. R. Soares e Miguel Ângelo, sendo esta uma denominação embrionária do modelo neopentecostal. O governo eclesiástico iniciou-se de forma centralizadora e vertical, mas aderiu ao modelo congregacional onde os pastores fundam seus respectivos templos seguindo as diretrizes da Nova Vida que se interligam através de vínculos estatutários e por periódicas reuniões fraternais. Portanto, houve uma descentralização administrativa e os pastores tiveram uma ampla liberdade de ação, o que favoreceu o surgimento autônomo de lideranças locais reconhecidos pelo grupo de fiéis.

Os pastores da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada em 1977, tem como principal líder o bispo Edir Macedo, o qual orienta e designa as práticas realizadas pelas igrejas bem como o gerenciamento dos demais pastores. Os pastores e obreiros desta igreja precisam ter grande empenho e disposição, pois os templos funcionam diariamente com cultos e atendimentos diversos. Para ser pastor da IURD é preciso abandonar estudo, trabalho e no caso de solteiros, a família e dedicar-se exclusivamente às atividades eclesiásticas. Há constantes tarefas para estes líderes que quase não dispõem de tempo livre, o que justifica a desistência de alguns. Nessa Igreja, há dois tipos de pastores: os nomeados e os consagrados. Os nomeados atuam como pastores auxiliares, submetidos aos pastores consagrados. Para que um pastor nomeado se torne consagrado, é necessário que ele seja casado e se revele um bom arrecadador de dízimos e ofertas. Não há necessidade de uma formação de ensino superior, mas exige-se que os pastores frequentem cursos promovidos pela própria igreja.

A Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada em 1980, segue um modelo similar da IURD e concede oportunidades de pastorado para os jovens

leigos, os quais passam por um treinamento teológico, oferecido pela própria igreja, de oito matérias, com duração de um ano. Os pastores são nomeados de duas formas: os consagrados e os comissionados. Os comissionados atuam como pastores auxiliares dos pastores consagrados. Para se tornar pastor consagrado este deve ser casado e ter vocação pastoral. Exige-se disponibilidade de tempo integral, e após certos períodos são remanejados.

A Igreja Renascer em Cristo, fundada em 1986, surge como um empreendimento religioso liberal quanto aos usos e costumes, o que atraiu muitos jovens. Tal igreja adotou o governo eclesiástico episcopal, cujo apóstolo Estevam Hernandes ocupou o alto posto hierárquico entre os demais pastores. A maioria dos pastores exercem atividades seculares remuneradas, trabalham em conjunto com suas esposas, e são denominadas como presbíteros. A Renascer em Cristo também procura garantir o devido espaço à unção de titulação de mulheres como pastoras. Para se tornar pastor da Renascer em Cristo é preciso frequentar a Escola de Profetas, cujo cursos bíblicos básico e avançado duram entre 2 a 3 anos, provendo uma formação teológica aos pastores.

Os pastores da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, fundada em 1976, são liderados pelo fundador e líder máximo da Igreja, o bispo Robson Rodvalho. Assim como na Igreja Renascer em Cristo as esposas dos pastores são consagradas ao pastorado juntamente com seus maridos. Os pastores, por sua vez, não são obrigados a ter formação teológica para exercer o ministério, mas é exigido deles que atuem diretamente com os jovens, principalmente aqueles oriundos da classe média, atuando também com os “atletas de Cristo” pertencentes às diversas agremiações desportivas do país.

O pastorado, de fato, tem gozado de uma autonomia profissional, sendo uma ocupação viável, remunerada e sem muita exigência de formação para ser executada. É perceptível que as igrejas neopentecostais legitimam o trabalho de seus pastores quando estes demonstram competência em suas ações práticas. Comumente são líderes carismáticos que se destacam dos demais seguidores, passam por cursos denominacionais, cumprem requisitos básicos e podem ser ungidos como pastores auxiliares ou titulares. Dada a forma na qual a igreja foi organizada, estes líderes seguem uma ordem episcopal, portanto, hierárquica ou descentralizada como no caso das de ordem congregacional.

1.3 DOGMAS E CONDUTAS NO MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL

O Cristianismo, assim como as demais religiões, traz como marca seus ritos, cerimônias, definição de condutas e corpo dogmático que orientam o modo de viver de seus seguidores. No decorrer da história grupos dissidentes passaram a questionar as diretrizes postas e novas denominações surgiram modificando liturgia, crenças e condutas.

O neopentecostalismo que surgiu de grupos dissidentes revestiu o Cristianismo de uma roupagem mais moderna, e atraiu seguidores que são envolvidos pelas novidades da prática religiosa proposta por este movimento. Vários pesquisadores têm se detido em investigar o processo de organização e flexibilização de normas destas igrejas, contudo tais instituições ainda restringem o acesso a estas informações.

O diferencial do movimento neopentecostal está diretamente ligado com o modo como estes lidam com os seguidores, trato este muito evidente nos cultos. As igrejas deste movimento, em geral não abordam em seus discursos condutas que os seguidores devem seguir no que se refere uso de joias, limitações ao entretenimento, casamento, entre outras. O foco principal das mensagens apresentadas em seus cultos são voltadas para a Teologia da Prosperidade e a *Parousia*³ em seu sentido mais imediato possível.

A Teologia da Prosperidade surgiu nos Estados Unidos e ganhou repercussão entre os anos 1940-1970. Traz consigo um forte discurso de autoajuda, valorização do indivíduo, agregando crenças na cura e na prosperidade por meio da comunhão com Deus e estudo da Bíblia. Esta abordagem bíblica promove uma consciência religiosa de seus adeptos que se consideram no direito de obter as bênçãos divinas como saúde, riqueza, poder sobre os inimigos, proteção e o triunfo sobre os demônios. A relação entre Deus e o seguidor fora então simplificada, pois não é preciso que o seguidor torne-se ascético. Basta ao cristão através da entrega de dízimos e ofertas demonstrar sua fé a Deus e as promessas divinas recairão sobre o doador (SILVEIRA, 2007).

³ Palavra grega que significa advento, vinda de Cristo e seu advento messiânico para o fim desta era, reino de Deus e a promessa de prosperidade, e/ou do próprio Anticristo (GINGRICH, DANKER, 1984). Neste trabalho o sentido de *parousia* se aplica à vinda do Reino de Deus e sua prosperidade, que através dos discursos das igrejas neopentecostais ela pode ser percebida na vida dos seguidores que conseguem prosperidade na vida terrena, usufruindo do reino de Deus aqui e agora.

Alguns pregadores da Teologia da Prosperidade divulgam mensagens que afirmam os direitos divinos do cristão, que para além do sacrifício de Jesus derivam do fato de que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e, destarte, este possui autoridade e poder de proclamar e receber as bênçãos. Em contrapartida, tais mensageiros são constantemente questionados pois nem todos os seguidores de igrejas que seguem a Teologia da Prosperidade conseguem riqueza e alcance dos bens desejados. Eles, por sua vez, alegam que a responsabilidade pelo fracasso de alguns seguidores é de Satanás e das legiões de demônios. As bênçãos não alcançadas podem também ser decorrentes de pecados não confessados, falta de fé, e/ou por uma escravidão a Satanás e, portanto, às maldições por ele enviadas. Outra justificativa está na forma como alguns cristãos, doutrinados segundo a velha teologia, não acreditam nesta mensagem de que possuem direitos divinos a reclamar. E, conforme preceito da Teologia da Prosperidade: direito não reclamado é direito inexistente. Portanto, exigir seus direitos é crucial para que os fiéis consigam ter consciência deles, alcançá-los e mantê-los (MARIANO, 1995).

A mensagem propagada pela ideologia da Teologia da Prosperidade tem influenciado uma significativa inversão dos valores presentes nas igrejas clássicas e pentecostais. Efusivamente os líderes das igrejas neopentecostais vêm distanciando-se da ênfase na preparação moral para a *parousia* do Messias pela segunda vez que dará início ao reino de Deus, e focado quase que exclusivamente na vida terrestre, nas riquezas e na felicidade instantânea. E tal discurso está presente nos cultos de tais congregações, o que fora possível observar no campo estudado. O ascetismo tão presente anteriormente é deixado de lado, já não é necessário lutar contra os prazeres da carne, perseverar no estreito e dificultoso caminho para salvação. Aparentemente, a Teologia da Prosperidade contradiz a mensagem dos pioneiros cristãos que testemunhavam sobre a ressurreição de Cristo e o reino de Deus, e praticavam a constante piedade. Ao invés de pregar sobre as lutas de ser cristão, foca em valorizar a fé em Deus para obtenção de uma felicidade terrena, e enaltece a satisfação do cristão no mundo presente.

Bobsin (1995) reitera que alcançar a prosperidade por meio da religião é um conceito comum dos movimentos religiosos de nossa época. Evidente que há uma considerável confluência entre o discurso dos líderes neopentecostais que defendem o conhecimento das forças interiores do ser humano como meio de alcançar

sucesso e riqueza em detrimento de agentes coletivos e comunitários. Deve-se também ponderar que a Teologia da Prosperidade que promove a libertação de todos os males, materiais e espirituais, tem base no poder infinito da mente. Desta forma, ignorando os fatores culturais, econômicos e políticos, é transmitida uma mensagem que firma-se em uma autodivinização e centralidade do ser humano.

Acerca da situação das igrejas neopentecostais que aderiram à pregação da Teologia da Prosperidade destaca-se que:

[...] elas rompem com o legalismo pentecostal e a sua tradicional proposição de que o estado de santidade daquele que é vaso e instrumento do Espírito Santo se reverte em disposições ascéticas na aparência do crente. Distinções que seriam simbolizadas pela nova identidade negadora de vaidades, prazeres e modismos mundanos. As igrejas neopentecostais estão se acomodando rapidamente à sociedade inclusiva, à cultura e à religiosidade popular. Situação bem diversa do pentecostalismo clássico e do deuteropentecostalismo, em grande parte presos ao fardo do tradicionalismo teológico, litúrgico, estético evangélico desta nova religião em solo nacional (MARIANO, 2014, p. 45)

Seguindo um modelo de interpretação bíblica que coloca o reino terrestre e as bênçãos instantâneas como sentido da religião, o neopentecostalismo não se preocupa em instaurar regras de conduta aos seus adeptos, mas sim adequar os ensinamentos bíblicos às necessidades humanas e da camada social popular. Esse movimento religioso, por sua vez, desloca a origem dos problemas da esfera social para a espiritual, é centrada no indivíduo e Deus fica submetido aos sonhos humanos.

Mariano (1995) ressalta que, enquanto os fiéis cristãos protestantes brasileiros eram, em sua maioria, pobres e privados de bens materiais, culturais e educacionais, o ascetismo pentecostal não gerou grandes tensões. Entretanto, devido às mudanças no cenário brasileiro, houve a ascensão social de uma parte dos fiéis e um progressivo aumento da conversão de indivíduos pertencentes à classe média, o que intensificou inquietações acerca de normas e condutas das igrejas. Tal situação de mobilidade social de parte dos seguidores, as novas possibilidades para a sociedade de consumo, serviços de crédito ao consumidor, sedutores apelos do lazer e entretenimento, pressionaram as congregações clássicas e pentecostais a fazer concessões frente à perda de seguidores e a defasagem de seu modelo dogmático e comportamental para a nova roupagem social que se constituía.

Frente às muitas mudanças ocorridas na sociedade, sobretudo na abertura de espaço para os movimentos populares que passaram a levantar a bandeira da liberdade de expressão e valorização das diferenças, novas demandas surgiram no mercado religioso, e várias lideranças optaram por ajustar sua mensagem e suas normas religiosas à disposição e as possibilidades de cumprimento por parte de seus seguidores e virtuais adeptos. Assim, o ascetismo religioso começou a ceder lugar à acomodação ao mundo, acompanhando o processo de institucionalização de importantes segmentos neopentecostais.

2 LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA E RITUALISMO

Mas Paulo, havendo permanecido ali ainda muitos dias, por fim, despedindo-se dos irmãos, navegou para a Síria, levando em sua companhia Priscila e Áquila... Chegando em Éfeso, deixou-os ali... Nesse meio tempo, chegou a Éfeso um judeu, natural de Alexandria, chamado Apolo, homem eloquente e poderoso nas Escrituras. Ele, pois, começou a falar ousadamente na Sinagoga. Ouvindo-o, porém, Priscila e Áquila, tomaram-no consigo e, com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus (Atos 18).

O texto bíblico acima transcrito tem sido utilizado por líderes religiosos das igrejas neopentecostais a fim de justificar a inserção das mulheres nos cargos administrativos e de ministração nos cultos de adoração. Paulo, sendo um dos líderes de maior destaque no Cristianismo após a morte e ressurreição de Cristo, confere ao casal pastoral Áquila e Priscila a autoridade de explanar mensagens sobre o reino de Deus nas Sinagogas. Este fato relatado na Bíblia deixa, portanto, evidente que o ministério pastoral não se restringe unicamente aos homens, mas por casais heterossexuais que desejam dedicar sua vida ao trabalho religioso. Assim, Priscila é uma referência para as atuais mulheres do mundo moderno que tem preconizado a importância de sua participação como líderes de denominações cristãs.

Contudo, essa breve análise bíblica não engloba toda a questão de gênero presente nos embates no meio religioso protestante brasileiro. Entre as igrejas protestantes não há uma unicidade teológica ou comportamental referente aos cargos de liderança conferidos às mulheres. Conforme, mencionado anteriormente, a inclusão da mulher nos cargos de liderança eclesiástica se deu a partir do movimento pentecostal, e também através da pastora Aimee McPherson, fundadora da Igreja Quadrangular nos EUA, em 1927. No Brasil, por sua vez, esta igreja foi estabelecida por Harold Williams em 1951 e minimizou o espaço das mulheres nesta denominação.

Por sua vez, Durkheim (1996) toma a religião como objeto de estudo, considerando-a como um sistema de crenças e de práticas relacionadas a algum ser transcendente. Sendo vista como um fenômeno coletivo o qual estabelece crenças morais que são dotadas de um caráter sagrado. Sua existência baseia-se numa distinção essencial entre fenômenos sagrados e profanos, classificando e hierarquizando as pessoas, os objetos e as experiências individuais e sociais.

Esta concepção coletiva esclarece a dimensão social de empoderamento que constitui as normas e crenças das diferentes igrejas. Por isto, este capítulo discutirá temas que engloba a coletividade, sendo dividido em duas partes principais. Em primeiro lugar segue-se uma descrição do funcionamento dos cargos de liderança eclesiástica, onde os conceitos de patriarcado, gênero e ideologia serão apresentados. A segunda parte é uma proposta de descrição sobre os atuais rituais religiosos presentes no modelo neopentecostal, envoltos na discussão teórica social acerca de ritos e crenças. Urdir estes temas nesta seção me pareceu pertinente diante dos dados coletados durante a pesquisa de campo e sistematização das observações realizadas em denominações de diferentes categorias: neopentecostais, pentecostais e clássicas. As seções abaixo serão descritas relacionando os referenciais teóricos de cada categoria destacada, com o detalhamento narrativo sobre as visitas realizadas nas igrejas selecionadas.

2.1 O PATRIARCADO E A HIERARQUIZAÇÃO DE FUNÇÕES NAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS

As igrejas neopentecostais têm se expandido no cenário religioso brasileiro em formatos diferentes de organização de cultos, atribuições aos líderes, arquitetura de seus templos, espaço concedido às mulheres, dentre outros aspectos. A hierarquização das funções nestas igrejas é perceptível durante os cultos, pois nestes momentos os limites de espaço, direitos de práticas litúrgicas e apresentação pessoal diante dos seguidores representam bem o sistema característico de cada denominação. No decorrer deste tópico será feito o detalhamento desta observação em *lócus* que favoreceu perceber que o processo de legitimação dos cargos de liderança feminina nas igrejas neopentecostais ocorre de acordo com a perspectiva de cada congregação.

O patriarcado é um sistema social voltado para a ordem estabelecida e hierarquizada dos atributos femininos e masculinos na sociedade. O sistema patriarcal de dominação possui sua origem na autoridade do chefe da comunidade doméstica, o qual por meio de uma posição autoritária encontra apoio na obediência de normas por parte daqueles que estão submetidos ao seu poder. Este tipo de poder apela para um senso de legalidade abstrata e fundamenta-se em um tradicionalismo, numa possível crença inviolável daquilo que sempre fora do mesmo

jeito. A legitimidade do poder patriarcal encontra-se na submissão pessoal de indivíduos às normas do senhor, que exerce seu poder de forma ilimitada, arbitrária e, sobretudo, sem compromisso com as regras. Precisamente a primitiva concepção patriarcal trata das relações entre procriação e nascimento sob o aspecto de propriedade dos filhos e das mulheres submetidas ao poder doméstico de um homem (WEBER, 1999).

Na análise de Durkheim (1999) a divisão do trabalho sexual está estritamente relacionada com a sociedade conjugal. Há uma diferenciação entre a divisão do trabalho e a moralidade. Para explicar a diferenciação e atribuição de funções femininas e masculinas, ele retorna ao passado quando nas sociedades primitivas, as diferenças entre o corpo feminino e o masculino eram bem menores que nas sociedades evoluídas, e a mulher não era a frágil figura que se tornou com o progresso da moralidade. O que ficou notório com o avanço da organização societal foi a divisão do trabalho sexual. A mulher aos poucos retirou-se da guerra e dos negócios públicos, para se concentrar na vida familiar e rupestre. A mulher passou a se dedicar à arte e à literatura e o homem empenhou-se na ciência, exercendo assim o domínio familiar, político, econômico e intelectual.

Pateman (1995) destaca os debates existentes sobre o termo patriarcado, recuperando a história do contrato sexual existente no meio social. O patriarcalismo surgiu como uma forma de poder político, no entanto, a prática política do século XX o julga como um modelo morto que não influencia o pensamento político moderno. As feministas confrontam esta afirmação nas campanhas políticas contra a subordinação patriarcal, pois acreditam que o direito patriarcal ainda encontra-se em vigor e deve ser considerado como a aristocracia, classes sociais e outras formas de poder. Por conseguinte, as versões atuais acerca dos contratos sexuais reconhecem que historicamente o poder patriarcal engloba também o direito sexual no modo como os homens exercem poder sobre as mulheres. Esta é uma história antiga de sujeição feminina, evidente inclusive no acesso dos homens ao corpo das mulheres, a qual ultrapassa a esfera do matrimônio e se estabelece na sociedade civil. Há neste contexto uma luta intensa das mulheres em assegurar o direito de que todos os seres humanos devem nascer livres e tratados como iguais entre si, porém é perceptível que a mulher, desde tempos antigos, nasce sem liberdade social. Portanto, o quadro clássico da natureza social é uma sujeição das mulheres diante dos homens que interferem em assegurar uma liberdade civil.

Este estudo segue o ponto de vista feminista destacado acima por Carole Pateman, de que o patriarcalismo ainda permanece vivo nas relações sociais, e em destaque temos observado o movimento religioso como mola propulsora da manutenção deste modelo de domínio masculino na sociedade moderna. Assim, as relações patriarcais perpassam toda a sociedade tanto na esfera íntima quanto pública, presentes também nas atividades civis e estatais. O lazer, estudo, consumo, contratos matrimoniais, trabalho, Estado, religião, dentre outras instâncias são interligadas e influenciadas por uma organização social dependente do direito patriarcal.

A religião é um destes elementos envolvidos pelo patriarcalismo, especificamente falando do Cristianismo. Tomando como ponto de partida o livro sagrado dos cristãos, a Bíblia, é possível identificar fatores que fortalecem o domínio do homem sobre a organização social. Desde os tempos antigos os homens exerceram o domínio da religião dos hebreus, sendo eles a grande maioria dos profetas, líderes, juízes e outros destaques das histórias bíblicas. Ao se deter nos livros do Novo Testamento, encontra-se o início da organização da religião cristã, a qual fora liderada inicialmente pelos apóstolos, seguidos de Paulo, pastores, bispos e diáconos. Estes cargos eram predominantemente ocupados pelos homens, mas houve algumas mulheres que exerceram alguns cargos, como o exemplo de Priscila mencionado no início deste capítulo. Estas mulheres mencionadas no decorrer dos livros bíblicos deram força ao movimento atual, favorecido pelo neopentecostalismo em legitimar cargos de liderança feminina nas igrejas cristãs.

A compreensão do termo patriarcado é precípua para esclarecer a amplitude deste direito atribuído aos homens. Em resumo, não se trata de uma relação privada, pois concede direitos sexuais dos homens sobre as mulheres, configura um tipo hierárquico de relação que invade todos os espaços da sociedade, tem uma base material, corporifica-se, e representa uma estrutura baseada tanto na ideologia quanto na violência (SAFFIOTI, 2004, p 57 e 58).

Ao analisar a sociedade burguesa, Marx (2006) fez uma crítica poderosa contra o patriarcalismo, além de condenar a exploração que favorece uma existência precária da classe proletária. A obra “Sobre o Suicídio” é um enxerto de textos obtidos e arquivados por ele. E, uma das principais questões discutidas sobre o suicídio é a opressão sofrida pelas mulheres. Por isso, dos quatro casos selecionados no artigo, três envolvem suicídios de mulheres. Assim, o autor acusa a

tiranias familiares que selam um destino infeliz às mulheres. Ele reprova o tratamento agressivo dos homens para com suas esposas, e chega a comparar um marido tirano com um senhor de escravos. E ainda foi defensor de uma das bandeiras feministas que apoiavam o direito ao aborto.

Para a Sociologia o patriarcado trata-se de uma organização social primitiva onde a autoridade é exercida pelo homem. Tal poder pode se estender aos parentes de uma mesma linhagem. Temas como a divisão sexual no trabalho, a falta de independência econômica, a violência doméstica e o assédio sexual são questões relacionadas, de alguma forma, com o patriarcado que ainda se mantém. Dentro de tais temas destacados, apontamos a religião e procuramos identificar se as igrejas mais atuais, em específico as neopentecostais, tem rompido ou mantido o sistema patriarcal religioso.

2.1.1 O Patriarcado nas Igrejas Neopentecostais

A primeira visitação fora realizada na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) no primeiro culto de uma manhã de domingo em abril de 2015 com uma média de 600 pessoas no espaço da congregação. Logo na entrada é possível perceber que há uma diversidade quanto aos cultos que as pessoas desejam assistir, pois a igreja possui cultos diários, com temas distintos e em horários diferentes para melhor atender aos seguidores, convidados, curiosos ou passantes. Ao entrar na igreja, através de três grandes portas de vidro, todos são recepcionados timidamente e exclusivamente por homens que trajam uma roupa padronizada e possuem um broche que os identificam como “obreiros”. Ao entrar no Templo se percebe dois espaços muito comuns nas igrejas protestantes: o altar (local mais elevado, à frente do auditório, onde os dirigentes do culto permanecem), e a congregação (similar aos auditórios, são preenchidos por bancos enfileirados, mas com espaço de deslocamento por corredores).

As pessoas vagueiam, antes do início do culto, pelos corredores escolhendo seus assentos e/ou saudando as pessoas que estão próximas com tímidos sorrisos, ou calorosos abraços e apertos de mão. E, neste espaço da congregação encontram-se as mulheres que também trajadas com uma farda, possuem um broche que as identificam como “obreiras”. Estas mulheres andam pelos corredores, saudando aqueles que já se assentaram, conversam com os visitantes, se

apresentam mais disponíveis a alguma solicitação dos que chegam ao Templo. O culto começa com a entrada do Pastor ou Bispo, os pastores auxiliares e o músico que direcionam e participam de todos os rituais religiosos durante o período de 2 horas.

Obreiros e obreiras na IURD são selecionados para atuarem na igreja, de forma voluntária, após realização de um Curso Preparatório dos Obreiros e serem batizadas no Espírito Santo. Nesta função, homens e mulheres tem atribuições semelhantes como, por exemplo: entregar envelopes de dízimos e ofertas, envolvimento em projetos de ação social, servem a ceia, seguem o direcionamento do pastor regente nos cultos, distribuem materiais como livros, sacolas, entre outros.

Cabe ressaltar que as obreiras, exclusivamente, não sobem ao altar em momento algum do culto. Antes do culto começar apenas os obreiros sobem ao altar caso haja a necessidade de algum ajuste prévio. Durante a liturgia o pastor regente solicita a entrada de instrumentos usados em sua atuação, sendo estes: cruz, bíblias, pacotes de sal, livros, pão, suco de uva, entre outros. Eles também organizam os rituais junto com os pastores auxiliares, e qualquer necessária intervenção no altar só é feita por um dos obreiros.

As mulheres na IURD só possuem a função eclesial de obreiras, sendo destinadas aos homens as demais como: cantor/músico (direciona o louvor no culto, toca instrumentos), os pastores auxiliares (ungem os membros, participam dos rituais, expulsam demônios, atendem pessoas após o culto, auxiliam o bispo), e os bispos (líder principal da igreja). Apenas o Bispo e pastores auxiliares são remunerados para exercerem suas funções na igreja.

No site oficial da IURD (<http://www.universal.org>) é possível encontrar menção à palestrante Cristiane Cardoso que atua em conjunto com seu esposo o Bispo Renato Cardoso. Ambos são palestrantes da temática Terapia do Amor, um projeto da igreja que orienta casais sobre como obter sucesso no ambiente familiar. O destaque a ser feito aqui é que mesmo sendo palestrante, blogueira, escritora, colunista, famosa no mundo gospel e esposa de um bispo da IURD, ela não possui uma nomeação eclesial (pastora, bispa, apóstola).

O culto na Igreja Apostólica Renascer em Cristo (Igreja Renascer) ocorre apenas no período noturno, mas assim como na IURD durante todos os dias da semana e com diferentes temas. Em Manaus, a maior congregação é de

aproximadamente 200 seguidores em um local alugado e adaptado para servir de igreja. Já no estacionamento é possível observar o interior da igreja devido às grandes janelas de vidro. É um templo acessível e acolhedor, com um grupo de moças e rapazes que recepcionam de forma bem simpática todos que chegam para participar do culto. A congregação é organizada em duas fileiras de cadeiras e o palco visivelmente improvisado, mas sofisticado, não fica distante das cadeiras.

O altar é um local de acesso a todos os envolvidos na programação do culto, tanto homens, quanto mulheres. Antes de o culto iniciar um grupo de louvor e uma banda estão testando instrumentos e microfones no altar e se locomovem sem formalidades. Há uma sensação de familiaridade entre os ouvintes e participantes do culto. A hierarquia de atuação se dá nas nomeações eclesiais, porém não são visíveis nas formas de tratamento.

Na Igreja Renascer, homens e mulheres exercem as mesmas funções, quando se trata dos oficiais, pastores e pastoras, diáconos e diaconisas. A diferenciação ocorre na atuação e nomeação do Apóstolo e da Bispa, os quais são os principais líderes da igreja. Os “oficiais” lideram as células (grupos de seguidores que se reúnem nas casas dos membros e atraem novos seguidores), organizam a banda e o grupo de louvor, oram pelo apóstolo antes da pregação bíblica, lideram o grupo de dança, e atuam em diversos ritos como unção, ensino e outros. Os “diáconos” e as “diaconisas” recolhem os dízimos e as ofertas, auxiliam o apóstolo durante a unção, recepcionam os membros e convidados, e cuidam das crianças em uma sala reservada. Os “pastores” e as “pastoras” passam por um processo de formação realizando o Curso de Aspirantes sobre a Doutrina Renascer, pastoreiam as células, orientam os oficiais e atuam diretamente na conversão de novos membros. Mesmo, havendo abertura para atuação de homens e mulheres em todos os cargos é evidente que a maior parte das mulheres estão envolvidas no cuidado com as crianças, grupo de dança e recepção de pessoas na igreja.

O “Apóstolo” é o líder principal da igreja, tem autoridade de ministrar a Palavra de Deus, possui formação em Teologia e na Doutrina Renascer, direciona os grupos de estudo da Bíblia, unge os membros, cuida da administração do Templo e coordena todo o funcionamento dos cultos e projetos. Este possui sua renda das ofertas e dízimos, diferente das pessoas envolvidas nas demais funções.

A “Bispa” é a esposa do apóstolo, sendo esta a principal característica para esta nomeação eclesial lhe ser concedida. Ele atua em conjunto com seu esposo,

exercendo as mesmas funções e autoridade sobre os demais, sendo também uma atividade remunerada. O destaque se dá no fato de que a mulher só pode exercer este cargo se seu esposo exercer o cargo de Apóstolo, pois sozinha a mulher não pode exercer o papel de liderança da igreja. A Igreja Renascer prioriza a formação de uma família ministerial, onde marido e mulher escolhem em conjunto atuar como ministros da igreja. Mas, no cotidiano é sobre o homem que recai as maiores responsabilidades, e comumente a iniciativa de dedicar-se a vida ministerial é tomada por ele.

A escolha das igrejas mencionadas acima retrata dois formatos litúrgicos e organizacionais distintos que foram observados nas visitas a cinco igrejas neopentecostais selecionadas a partir da classificação realizada por Mariano (2014). É evidente que a caracterização do neopentecostalismo apresentada no capítulo 1 não abrange toda a envergadura deste movimento que está em constante dinâmica. Sendo o foco deste estudo o processo de legitimação das funções de liderança feminina no movimento neopentecostal, objetiva-se classificar as igrejas diante desta ótica. Após a visitação às igrejas selecionadas foi possível classificá-las em dois grupos com base na inclusão da mulher em cargos de liderança nas igrejas. Portanto, segue o quadro abaixo e a subsequente explicação:

Quadro 1: Classificação das Igrejas Neopentecostais

CÓDIGO	CLASSIFICAÇÃO	IGREJAS VISITADAS
G1	Ausência de Liderança Feminina	Igreja Universal do Reino de Deus
		Igreja Mundial do Poder de Deus
		Igreja Internacional da Graça de Deus
G2	Presença de Liderança Feminina	Igreja Apostólica Renascer em Cristo
		Igreja Ministério Internacional da Restauração

O G1 corresponde às igrejas que mesmo tendo mulheres em cargos eclesiásticos, não garante a estas a autoridade administrativa e litúrgica que as igrejas do G2 proporcionam.

O G1 segue um modelo organizacional muito similar, e no que se refere à atuação das mulheres também são restritas. A Igreja Mundial do Poder de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus foram fundadas por discípulos do Bispo Edir

Macedo, o que justifica as coincidências presentes nestas igrejas. Este movimento teve seu início neste formato, que ao mesmo tempo trouxe consigo características das igrejas clássicas e pentecostais, mas também proporcionou o surgimento de novos modelos neopentecostais. Estes novos modelos só foram possíveis devido à flexibilidade organizacional, litúrgica e teológica promovidos pelas igrejas do G1.

No que se refere às funções das mulheres, a Igreja Mundial é a única do grupo que apresenta alguma diferença quanto a IURD que merece ser mencionada. A Igreja Mundial atribui às mulheres além do cargo de “obreiras”, o cargo de “missionárias” que são as esposas dos pastores auxiliares e do Bispo, as quais expulsam demônios, tem acesso limitado ao altar, e realizam orações no auditório impondo as mãos sobre os membros e visitantes. Os homens exercem todas as demais funções nomeadas igualmente à IURD.

O G2 dá conta das diversas igrejas que surgiram após a consolidação do neopentecostalismo e abrange as igrejas atuais que seguem um estilo mais flexível e tem sido influenciado por movimentos sociais atuais. É perceptível nestas igrejas o uso de recursos tecnológicos, templos em modelos arquitetônicos mais acolhedores, e dentre outros, a inclusão de mulheres em cargos de liderança administrativa e litúrgica. Há igrejas que são fundadas e lideradas por mulheres, mas estas comumente são independentes e necessitaria de um tempo maior para serem analisadas e inseridas neste estudo. Este grupo procura garantir a atuação de homens e mulheres em todas as funções disponíveis, mas em alguns aspectos ainda é perceptível que o homem possui maior domínio.

Considerando a discussão acerca do patriarcado é possível verificar que as igrejas neopentecostais dos grupos G1 e G2 não rompem com o modelo religioso clássico que restringe às mulheres as funções de zeladoras e cuidadoras de crianças, enquanto que os homens exercem o domínio absoluto. Contudo, nas igrejas do G2 há uma abertura, a qual vale ser destacada, que permite a atuação de mulheres em espaços que outrora não lhes era acessível.

Saffioti (1987) procura retratar a situação das mulheres quando começaram a entrar no mercado de trabalho, o qual iniciou de maneira clandestina e com participação ínfima. Com o tempo homens e mulheres passaram a exercer os mesmos cargos e tendo as mesmas exigências, contudo os direitos e a renda eram maiores para homens em detrimento das mulheres. A mulher, portanto, foi, e ainda é alvo da exploração do mercado capitalista devido ao preconceito concernente ao

sexo e ao modelo patriarcal que torna o homem detentor dos meios de produção e promotor da exploração feminina.

Considero que a realidade do G2 coincide com a declaração acima, dada as diferenças ainda existentes entre os direitos femininos e masculinos. Este grupo permite que a mulher tenha acesso livre ao altar, realize as mesmas funções que os homens, lidere, exerça autoridade. Contudo, o poder ainda está sobre o homem, já que comumente a iniciativa para exercer o ministério religioso é do homem. E quando a mulher tem esta iniciativa e seu esposo não deseja ter esta função, ela não tem a oportunidade de exercer o cargo de liderança geral das congregações. Esta realidade também denota que a mulher não se encontra mais nas ações clandestinas ou nas margens destas igrejas, pois já possui um espaço relevante de atuação, mesmo ainda sendo submissa ao patriarcalismo.

Atualmente é possível enxergar em um futuro próximo, uma abertura maior no campo religioso no que tange os direitos civis das mulheres e as mesmas se tornarem independentes dos direitos patriarcais como destaca Pateman (1995). Mas, esta autora ainda destaca que há uma controvérsia sobre a liberdade quanto às leis do Estado e da produção capitalista, pois há um silêncio acerca do direito sexual masculino. Este direito está impregnado em construções culturais e sociais que permeiam o pensamento da sociedade. A liberdade é uma condição de direito de todos os seres humanos, mas no decorrer da história humana sempre houve discriminação e restrição por etnia, gênero e classes. Eventualmente as mulheres conseguem se legitimar dado o contrato de matrimônio estabelecido.

Por conseguinte, pode-se afirmar que as mulheres têm encontrado um espaço maior de atuação nas igrejas neopentecostais atuais, como no caso das igrejas do G2. Tais funções de liderança são legitimadas por processos de formação de cada congregação e rituais de ordenação que garante direitos religiosos a estas mulheres, no entanto, um dado que não pode ser ignorado é que esta legitimação ainda depende do contrato matrimonial que elas estabelecem, mantendo-se ainda sob o domínio do homem. Tal conclusão aponta um avanço consequente da luta do movimento feminista em oportunizar direitos livres para as mulheres na sociedade, mas ainda há muito a percorrer.

2.2 AS IMPLICAÇÕES DAS QUESTÕES DE GÊNERO NO MEIO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO

Ao adentrarmos na relação entre gênero e religião fica notável uma complexa problemática sobre a construção social das religiões que são atravessadas pelas relações de gênero, classe e etnia. A religião cristã, como foco de nossa pesquisa, se estruturou em um campo de investimento masculino. Assim, como os homens dominaram as áreas políticas e os meios de produção, também exerceram poder sobre o que fora configurado como sagrado nas diversas sociedades. Essa dominação se torna evidente ao se visitar as igrejas cristãs clássicas e pentecostais. Aparentemente, as igrejas que seguem o modelo neopentecostal têm sido influenciadas por novas ideologias, inclusive as feministas, favorecendo uma aceitação das mulheres como carismáticas o suficiente para representar a mesma performance masculina no altar. Discutir sobre as questões de gênero apontará caminhos para elucidar esta afirmativa.

O debate acerca da conceituação de gênero, inicialmente, era um artifício para sustentar as pesquisas sobre as mulheres objetivando transformar alguns paradigmas. Um dos desafios para tal definição é que não existia uma categoria como a tipologia weberiana para tornar claro ou coerente questões de gênero. No caso do termo gênero, este fora utilizado vastamente em posições teóricas de simples referências descritivas às relações de sexos. Outra utilização simples do termo foi torná-lo sinônimo de mulheres, sugerindo que qualquer informação sobre mulheres é também informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Além disso, também fora uma maneira de designar as relações sociais entre os sexos, mas não através de explicações biológicas. Por sua vez, gênero tornou-se um termo para designar construções culturais, tratando-se de uma forma a se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. Após todos esses caminhos, com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, gênero fora um termo útil ao apontar um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos a homens e mulheres.

As discussões teóricas supracitadas, dentre outras, evidenciam um caminho que ainda está sendo trilhado e que provoca questionamentos no uso específico do termo gênero. O ponto positivo desta realidade é que a exploração dessas questões fará emergir novas perspectivas, redefinirá novos termos, tornará as mulheres mais

visíveis, abrirá possibilidades de reflexão sobre atuais estratégias de políticas feministas, e seguirá um processo onde o gênero deverá ser redefinido e reestruturado em conjunto com a proposta de igualdade política e social que para além do sexo, inclua classe e etnia (SCOTT, 1990).

Saffioti (1992) ainda destaca que a construção do gênero pode ser compreendida como um processo contínuo de conquista dos seres humanos em uma relação social entre mulheres e homens. A sociedade, por sua vez, encontra-se dividida em classes sociais e em gênero. Não se pretende com esta discussão fechar a questão sobre diferentes formas de conhecer homens e mulheres. Pelo contrário, é necessário deixar lacunas em aberto, já que experiências entre homens e mulheres são muito distintas em uma sociedade na qual não há igualdade social entre os gêneros.

Argumentar sobre o gênero, é compreender que, assim como o sexo, ele está materializado através de práticas discursivas, normas não finalizadas, permanecendo em um constante processo de discussão. Este processo de debate é indispensável para abrir novos espaços de contestação dos absolutismos sociais e novas construções culturais.

De todo modo, ao se debruçar sobre as questões de gênero surgem diversas problemáticas, como por exemplo, a atribuição dos termos “homem” e “mulher” a determinadas performances construídas socialmente. Porém, se estes termos perderem suas substâncias permanentes não será mais possível subordinar traços ao gênero. Pode-se assim considerar estes traços como uma regulação de atributos segundo o que fora culturalmente estabelecido. Neste sentido, o gênero é performativo no interior do discurso de uma identidade herdada. E, assim ampliam-se as formas de se repensar as categorias de gênero (BUTLER, 2003).

Um breve vislumbre sobre o amplo campo de discussão de gênero aponta que esta chegou ao Brasil, como discurso a respeito da mulher e partiu de uma noção paradigmática do feminismo. Aos poucos a história da mulher foi cedendo espaço e compartilhando inquietações com os chamados estudos de gênero, favorecendo um debate interdisciplinar. A noção de gênero aqui percebida permite desvelar um cenário social moldado por uma dicotomia entre o que se define como masculino e feminino. Nas palavras de Scott (1998, p. 115):

Quando falo de gênero, quero referir-me ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se refere apenas às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta. Portanto, o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido dessa realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar. Ela é antes uma estrutura social movente, que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos.

Gênero é um termo que está em processo, mas que levanta questionamentos em diversos campos de estudo, e em se tratando deste, destacamos o campo religioso. Analisar a religiosidade na atualidade brasileira e todo seu processo de organização e estabelecimento de crenças é um caminho necessário. E esta análise se enriquece quando discute os significados de gênero. A religião entendida como um campo que estabelece os sentidos de gênero demanda uma abordagem cuidadosa sobre a compreensão que as instituições religiosas e não religiosas possuem acerca das representações de gênero, e a própria apropriação deste conceito nos movimentos religiosos mais recentes como o neopentecostalismo.

2.2.1 Questões de Gênero, Representações Sociais e Religiosidade

Para se contemplar mais nitidamente a diversidade de experiências e acontecimentos no meio religioso protestante brasileiro, foi realizado o mesmo processo de visitação, observa o e análise em igrejas pentecostais e clássicas.   preciso pontuar que foi o movimento neopentecostal com seu modelo organizacional que oportunizou a inser o das mulheres em cargos eclesiais outrora inviáveis para elas. Contudo, as mulheres já atuavam em cargos nas igrejas mais tradicionais. E identificar as fun oes que foram inicialmente atribuídas às mulheres nos faz perceber como as questões de gênero estão presentes neste campo social. As igrejas visitadas com o objetivo de se realizar um comparativo com o movimento neopentecostal foram as seguintes:

Quadro 2: Igrejas Visitadas

CLASSIFICAÇÃO	IGREJAS VISITADAS
Pentecostais	Igreja Assembleia De Deus Tradicional
	Igreja Congregação Cristã
	Igreja Quadrangular De Manaus
	Igreja Pentecostal Deus É Amor
Clássicas	Igreja Adventista Do Sétimo Dia
	Igreja Batista Tradicional
	Igreja Metodista Central De Manaus
	Igreja Presbiteriana De Manaus
	Igreja Evangélica Luterana Do Brasil

Um típico cenário quando se chega a uma igreja pentecostal é a organização do espaço de entrada do Templo. Ali está montada uma equipe de recepcionistas que saúdam os membros e visitantes, há uma mesa com diversas fichas para obtenção de dados das pessoas que estão indo à igreja pela primeira vez, folhetos com mensagens bíblicas que ficam à disposição de todos, e um mural com comunicados, e listas com o nome das pessoas que exercem cargos específicos na igreja. Ao chegar na Igreja Assembleia de Deus Tradicional para um culto noturno, identifiquei uma média de público de 700 pessoas que são membros regulares. Para se tornar membro regular é necessário realizar um curso bíblico, comprometer-se com as normas da igreja, e ser batizado nas águas por um pastor ordenado. Diferentemente de algumas igrejas neopentecostais, as pentecostais controlam e focam em manter os seus membros regulares, podendo haver sanções aqueles que descumprirem alguma norma. De modo geral, as igrejas pentecostais e clássicas são mais rígidas e possuem parâmetros absolutos que tendem a ser indiscutíveis e até mesmo imutáveis.

Assim como a igreja Assembleia de Deus, as demais igrejas possuem em seus quadros de atribuições, cargos que as mulheres ocupavam. Alguns termos e atribuições se repetem, enquanto outros são específicos de cada denominação. Mesmo, com essa diferenciação de nomenclaturas, as funções são bastante similares. As mulheres, portanto, exercem os seguintes cargos/funções nas igrejas clássicas e pentecostais:

Quadro 3: Funções Atribuídas às Mulheres

FUNÇÃO/CARGO	DESCRIÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Departamento das Servas • Diaconisas • Irmãs da Obra de Caridade Obreiras 	<p>Dedicam-se a servir a igreja, suprimindo as necessidades dos líderes para o andamento pleno dos cultos. Em geral cabe a estas: cuidar da limpeza do Templo, guardar e manusear os objetos de uso do culto, auxiliar nas ações sociais, servir água aos pastores e músicos presentes, distribuir materiais aos membros presentes na congregação, manter a reverência na igreja e admoestar as crianças.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Corista • Diretora Ministério de Louvor • Grupo de Dança • Grupo de Louvor • Levitas • Ministério do Teatro • Musicalização Infantil • Organista 	<p>Atuam em todas as ações litúrgicas voltadas ao louvor congregacional, individual, coreografias e organização de corais. Em geral cabe a estas: tocar instrumentos (piano, violino), cantar solos musicais, apresentar peças teatrais, promover o coral das mulheres e crianças, cuidam das crianças durante o culto com atividades musicais e representam músicas coreografadas.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Porteira • Recepcionista 	<p>Acolhem os participantes do culto religioso, saudando e orientando quando necessário. Em geral cabe a estas: receber membros e visitantes na porta de entrada, dar informações, entregar brindes e cartões aos visitantes e aniversariantes e direcionar os participantes para bancos com vagas (auditório cheio).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Auxiliar de Jovens • Diretora Ministério da Criança e Adolescente • Professora de Bíblia pra Crianças 	<p>Elaboram estratégias de ensinamentos bíblicos para as crianças em salas específicas por faixa etária. Em geral cabe a estas: contar histórias bíblicas, cuidar do berçário, promover passeios, preparar material de pintura e recortes.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Dorcas • Grupo de Ação Social • Ministério da Mulher 	<p>Promovem ações sociais em conjunto com a igreja. Em geral cabe a estas: preparar e servir sopa aos pobres, entregar livros missionários nas ruas, visitar asilos e orfanatos, arrecadar alimentos e enxovais para bebês, realizar orações em hospitais, cuidar de enfermos, entre outras ações.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Secretaria da Igreja 	<p>Organiza os dados documentais da congregação e auxilia o pastor oficial nas reuniões administrativas. Em geral cabe a estas: preparar a agenda das reuniões, controlar relatórios, atas e outros documentos internos, transmitir ao pastor as solicitações feitas pelos participantes do culto e serve de intermediária entre os líderes de departamentos e o pastor oficial.</p>

Em geral os cargos mencionados no quadro acima retratam as funções mais comuns atribuídas as mulheres nas igrejas mencionadas. Seguindo um modelo social que estabelece as representações do papel de homem e mulher, as igrejas clássicas definem as funções religiosas pautadas, dentre vários fatores, nas que socialmente foram categorizadas como masculino e feminino. Butler (2003) entende ao discutir aspectos do gênero, que o corpo parece tornar-se um simbolismo cultural, onde se materializa em obediência a uma possibilidade historicamente delimitada as performances dos sexos. Assim o comportamento, as expressões e características gerais do indivíduo são culturalmente absolutistas chegando a punir aqueles que não empenham corretamente a conduta de seu gênero.

A partir de tal debate é possível perceber que as igrejas pentecostais e clássicas costumam ratificar este absolutismo comportamental que estabelece, como se fosse natural, as pretensões e condutas de homens e mulheres. O quadro 3 aponta claramente que as mulheres são comumente associadas as funções, constituídas socialmente como femininas, como por exemplo cuidar de crianças, limpeza, ações sociais, servir de suporte aos homens que exercem a liderança nas igrejas, secretarias e atuação em grupos de louvor e bandas. Cabe ressaltar que tais mulheres chegam a ser nomeadas como diretoras destes departamentos, mas isto não descaracteriza a limitação de acesso destas à cargos de liderança hierarquicamente elevados.

Em tais igrejas é possível encontrar homens exercendo as funções acima descritas, mas fazem parte de uma pequena porcentagem. Por exemplo, nos corais a participação de homens fica abaixo dos 40%. Os cargos aqui mencionados são compreendidos pelas igrejas como femininos e assim o dever missionário e religioso está fortemente vinculado às imposições culturais que diferenciam atributos femininos e masculinos.

Seria muito simples definir macho e fêmea como modelos corporais e culturais únicos e imutáveis, mas na Natureza estes dois tipos de espécie nem sempre se distinguem com nitidez, mas é possível afirmar que há uma energia específica para cada um e isto lhe integra a própria vida sem traços de submissão e dominação. Porém, culturalmente a individualidade da fêmea é combatida por forças estranhas, de modo que o macho encontra diversos caminhos para despender suas forças em prol de tornar-se senhor, enquanto que a fêmea sente cada vez mais sua situação de servidão. Observar os dados biológicos é de extrema importância, pois

as mulheres sofrem uma imperiosa situação de subordinação relacionada com a função de procriadora. Mas, o que as feministas recusam aceitar é que esta condição torne o destino da mulher imutável, pois sua condição biológica não é o bastante para se definir a hierarquia dos sexos e a condenar a uma subordinação plena (BEAUVOIR, 1970).

A Igreja Congregação Cristã, dentre as visitadas, é que apresenta uma separação mais intensa entre homens e mulheres. Os homens entram pela porta principal, são recepcionados pelos porteiros e ocupam os lugares próximo ao altar (palco), enquanto as mulheres entram somente pelas portas laterais, são recepcionadas pelas porteiras e sentam nos bancos ao fundo do auditório, mantendo sempre um véu cobrindo seus cabelos por completo. Esta denominação é pentecostal e pode ser considerada como a que mais restringe as funções das mulheres, pois estas podem exercer apenas as seguintes funções: cuidar das crianças, tocar unicamente o piano, recepcionar as mulheres, e se envolver em causas sociais. Elas não podem exercer cargos de liderança e nem ter acesso ao altar, principalmente para pregar. A pregação bíblica é um ato exclusivo para os homens que atuam em cargos como anciãos (líderes dos departamentos da igreja) e o pastor. A mensagem bíblica é revelada no momento do culto e Deus só se revela para os líderes homens.

Em contrapartida, a Igreja Metodista Central de Manaus tem modificado sua estrutura litúrgica e de ordenação aos cargos de liderança. O culto assistido estava sendo liderado por uma pastora em conjunto com outras mulheres que exerciam cargos de liderança assim como os homens. Do mesmo modo como ocorre nas igrejas neopentecostais, a Igreja Metodista tem ordenado homens e mulheres ao pastorado e permitido que as mulheres exerçam cargos que anteriormente eram restritos aos homens. No dia da visitação o pastor oficial estava viajando e sua esposa que possui graduação em Teologia e é ordenada ao ministério pastoral, se apresentou como pastora oficiante devido à ausência do esposo.

Beauvoir (1970) menciona como é complexa essa relação de dominação e subordinação entre os gêneros, e consagra-se ao mencionar que a fêmea não nasce mulher, mas torna-se mulher. Esta expressão é explicada pelo molde estabelecido socialmente sobre os papéis sociais que configuram o “ser mulher”. Exemplos identificados em igrejas pentecostais e neopentecostais corroboram em compreender como o olhar sobre gênero no campo religioso ainda é sexista e

separatista. Contudo, há uma aparente mudança quanto a abertura do espaço concedido as mulheres em cargos de liderança. Mais adiante discutiremos se este espaço pode ser entendido como conquista, revelação divina ou estratégias institucionais. As igrejas Congregação Cristã e Metodista elucidam que o campo religioso em geral está passando por modificações em vários aspectos, inclusive na forma de enxergar as atribuições eclesiásticas das mulheres.

Os homens, por sua vez, nas igrejas pentecostais e clássicas estão predominantemente presentes nos cargos mais elevados, exercendo sua autoridade herdada do patriarcalismo. Estes são responsáveis por cargos administrativos e reconhecidos por eles como seguidores de um tradicionalismo presente na Bíblia. No quadro abaixo é possível estabelecer um paralelo com as funções comumente atribuídas as mulheres e perceber que mesmo com o acontecimento de algumas mudanças nestas igrejas, ainda há um predomínio masculino nas funções de liderança.

Quadro 4: Funções Atribuídas aos Homens

FUNÇÃO/CARGO	DESCRIÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Presbítero • Ancião 	<p>Atuam como líderes nas congregações cristãs locais, e exercem restritas funções dos pastores, quando este não está presente. Em geral cabe a estes: auxiliar o pastor no altar, supervisionar o trabalho realizado por outros membros e líderes de departamentos, dirigir o momento de oração e a pregação da Bíblia, e participa da formação da plataforma nos cultos.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Cooperador • Pastor Auxiliar 	<p>Trabalha em conjunto com o Pastor Oficial, presidindo a igreja em um nível ministerial abaixo. Este, diferentemente dos anciãos/presbíteros, podem realizar todas as demais funções pastorais quando autorizado pelo oficial.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Professor 	<p>Destina-se a ensinar doutrinas denominacionais a congregação e também para visitantes ou novos conversos. Estes atuam em salas adjuntas ao Templo onde promovem encontros, reuniões, debates, cursos e outras atividades de ensino. Comumente suas reuniões são denominadas de Escola Sabatina ou Escola Dominical.</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Pastor Oficial • Apóstolo • Bispo 	<p>Este é o líder principal da igreja, o qual possui vínculo a sede administrativa de sua congregação, passa por um processo de ordenação pastoral, é legalmente credenciado e recebe remuneração por seu trabalho. Em geral cabe a estes: presidir todas as reuniões administrativas da igreja local, supervisionar todos os líderes, acompanhar e direcionar todas as atividades da igreja, explanar mensagens bíblicas e aplicar projetos desenvolvidos pela sede.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Evangelista • Missionário 	<p>Envolve-se no trabalho de conversão de novos membros, tanto nos arredores da igreja local, quanto em outras regiões. Em geral cabe a estes: visitar casas e oferecer estudos bíblicos, entregar convites para programações na igreja, abandonar suas atividades e dedicar-se exclusivamente em ensinar temas bíblicos, e realizar reuniões em diferentes lugares para atrair interessados para a igreja.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Departamento dos Leigos • Diretor de Departamentos 	<p>São os líderes dos demais cargos existentes nas igrejas, que possuem a responsabilidade de idealizar e aplicar projetos e programações atrativas para manutenção dos membros já batizados.</p>

Por fim, discutir gênero é debruçar-se em um complexo campo de discussão, especialmente relacionando-o com a religiosidade. O movimento neopentecostal surge a partir do rompimento de líderes que estavam frustrados com suas igrejas de origem e estabeleceram as suas próprias denominações, que em conjunto com outras instâncias tem promovido uma mudança no formato das lideranças eclesíásticas na contemporaneidade. Identificar como estas questões se exibem nas relações sociais dentro das igrejas mais tradicionais e nas mais contemporâneas, favorece perceber o funcionamento do campo religioso e suas vicissitudes.

2.3 A LIDERANÇA ECLESÍÁSTICA NO MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL: RELIGIÃO, IDEOLOGIA E REPRESENTAÇÕES

A religiosidade é uma prática social que se configura no coletivo, seguindo um modelo estruturado e gerenciado por seus respectivos líderes. A administração eclesíástica é constituída de um grupo seletivo, os quais possuem características que os destacam como representantes de Deus e conhecedores da real interpretação

bíblica, conforme cada denominação. No capítulo 1 mencionamos as características deste grupo de líderes que tem como principal habilidade envolver as pessoas em um culto religioso através de seu carisma e performance no altar (o palco de onde se direciona a liturgia do culto). Objetivando compreender a atual situação do pensamento religioso é preciso refletir sobre os embates acerca da ideologia. Destarte, para se discutir como se estabelece as funções de homens e mulheres nas igrejas neopentecostais é necessário vincular o estudo da ideologia às representações sociais. Pretensão proposta nesta seção, a fim de favorecer uma discussão mais embasada sobre os dados obtidos na pesquisa.

Há uma complexidade acerca da definição do conceito de ideologia nas Ciências Sociais, pois há uma acumulação significativa de contradições, paradoxos e ambiguidades neste processo. Esta palavra foi utilizada primeiramente pelo filósofo francês Destutt de Tracy, o qual escreveu em 1801 um livro intitulado *Eléments d'Idéologie*, publicado em 1905. Mas, devido a conflitos e mudanças das correntes intelectuais, a conceituação de ideologia sempre foi um desafio. Houve uma tentativa sociológica de organizar esta celeuma por Karl Mannheim, e uma nova concepção trazida por Karl Marx. Contudo, os debates continuam a permear os estudos sobre o pensamento e a visão social de mundo que cada grupo social, o que constituem as suas respectivas ideologias (LÖWY, 1991).

Mannheim (2004) procura abordar a diferença entre ideologia e utopia. Ele entende ideologia como um conjunto de concepções, ideias, representações e teorias que legitimam ou reproduzem uma ordem solidificada. Assim, são as verdades absolutas, com caráter conservador, que conscientemente ou inconscientemente mantêm a ordem estabelecida. Por sua vez, a utopia tem uma função subversiva, crítica e até mesmo revolucionária. Pode-se concluir que ideologia e utopia para este autor são duas formas do mesmo fenômeno. Tal fenômeno é a existência de um conjunto estrutural de ideias, representações, teorias, interesses sociais, divisão de classes, dentre outras expressões sociais. O conceito de ideologia também possui o sentido de ideologia total, que é o conjunto daquelas formas de pensar, estilos de pensamento, pontos de vista, vinculados aos interesses, às posições sociais dos grupos ou classes. É o sentido mais estrito, que é a forma conservadora que essa ideologia total pode tomar. Para Marx,

(...) desde o início, portanto, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens. A consciência é, naturalmente, antes de tudo a mera consciência do meio sensível mais imediato e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna consciente; ela é, ao mesmo tempo, consciência da natureza que, inicialmente, se apresenta aos homens como um poder totalmente estranho, onipotente e inabalável. Com isso, desenvolve-se a divisão do trabalho, que originalmente nada mais era do que a divisão do trabalho no ato sexual e, em seguida, divisão do trabalho que, em consequência de disposições naturais (por exemplo, a força corporal), necessidades, casualidades, desenvolve-se por si própria ou “naturalmente”. A divisão do trabalho só se torna realmente divisão a partir do momento em que surge uma divisão entre trabalho material e [trabalho] espiritual (2007, p. 35).

Por conseguinte, a produção de ideias, de representações e da consciência, para Karl Marx está intimamente ligada à atividade material dos homens, sendo esta a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens surge como produto direto do seu comportamento material. Este mesmo processo ocorre na produção intelectual, quando esta se apresenta na linguagem das leis, política, moral, e religião de um povo. Portanto, são os homens que produzem as suas representações, pois estes são seres ativos diante da sociedade. Evidente que tais produções são condicionadas por um determinado desenvolvimento das forças produtivas e do modo de relações que lhe corresponde. A consciência nunca pode ser mais do que o ser consciente e o ser dos homens é o seu processo da vida real. Surgem a partir deste processo as ideologias que passam a dominar o pensamento de um grupo através das relações de produção e da divisão de classes criadas na sociedade. A ideologia, por sua vez, pode gerar, inverter ou camuflar a realidade, para os ideais ou vontades da classe dominante.

Ao verificar os conceitos antagônicos da ideologia, identificamos que, em geral, ela tem uma função importante de legitimação do domínio. Mesmo com um viés negativo, é possível estudar aspectos positivos de ideologias, como as do feminismo, antirracismo e outros sistemas de oposição e resistência à dominação e a desigualdade social. Portanto, há um sistema de ideias no qual grupos sociais e ideologias de movimentos, não só cumprem o sentido de compreender o mundo, mas também criam bases para as práticas sociais dos membros do grupo. Logo, as ideologias sexistas ou racistas podem estar na base da discriminação, as pacifistas podem ser usadas para protestar contra armas nucleares e as ecológicas guiarão as ações contra a poluição. No entanto, embora as ideologias e práticas sociais dos membros estejam relacionadas, cabe esclarecer que estas são duas noções

diferentes, e que as ideologias não podem simplesmente ser reduzidas a práticas ideológicas (DIJK, 2000).

É necessário mencionar que uma separação entre ideologia e religião não é tão absoluta ao nos determos sobre a complexidade dos termos em questão. A religião funciona como uma instituição que legitima uma ordem social vigente, e encontra-se urdida com determinada estrutura econômica como afirmou Weber (1964). Ao mesmo tempo em que a religião pode ser conformista, ela pode representar uma visão de mundo que viabilize a construção de uma sociedade mais justa. E é por este motivo que muitas pessoas se apegam aos escritos sagrados, a fim de se sentirem mais seguros no mundo.

Althusser (1980, p. 22 e 23) exemplifica da seguinte maneira:

Através da Escola (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) se ensinam saberes práticos, mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da prática desta. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, devem estar de uma maneira ou de outra, penetrados desta ideologia, para desempenharem conscienciosamente a sua tarefa - quer de explorados (os proletários), quer de exploradores (os capitalistas), quer de auxiliares da exploração (os quadros), quer de papas da ideologia dominante.

Pode-se, assim, afirmar que a reprodução da força de trabalho exige não só uma reprodução da qualificação desta, mas, também uma reprodução da submissão desta às regras da ordem estabelecida, isto é, uma reprodução da submissão desta à ideologia dominante para os operários e uma reprodução da capacidade para manejar bem a ideologia dominante para os agentes de exploração e de repressão. Althusser (1980) lista e descreve as instituições dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), e dentre estas está o AIE religioso que se refere ao sistema de diferentes igrejas. Cabe ressaltar que para este autor a Escola ocupou o lugar da Igreja como AIE dominante, mas isto não exclui o poder ideológico das religiões na contemporaneidade.

Percebe-se que a ideologia também cumpre uma função similar a religião, de maneira que os adeptos de determinadas ideologias se apegam as suas convicções, assim como os fiéis se apegam aos seus credos religiosos. Deste modo, a ideologia e religião não se repelem, pelo contrário, se complementam. O ser humano se vale dos aspectos exteriores a si para fabricar seus meios de existência,

produzindo assim sua vida material, mas também suas ideologias e até mesmo sua ideologia religiosa.

2.3.1 A Ideologia Neopentecostal X Tradicionalismo Religioso

A relação entre religião e ideologia é muito próxima diante do papel que estas exercem sobre a organização consciente da sociedade. Conforme apresentado acima todos os seres humanos seguem um modelo ideológico de vida, que representa sua forma de pensar, enxergar o mundo e posicionar-se diante dos dilemas da vida. A ideologia da religião, seja ela qual for, é o conjunto de crenças, rituais, doutrinas, parâmetros de comportamento que estruturam uma instituição e a torna significativa para os seus seguidores.

Por sua vez, cabe ressaltar que os bens de consumo são vistos como uma oportunidade de exprimir o esquema simbólico estabelecido por uma cultura. Os bens constituem uma oportunidade de dar formato a uma ideologia. Como qualquer outra espécie de cultura material, os bens permitem que os indivíduos discriminem visualmente entre categorias culturalmente especificadas. Tais categorias dividem os indivíduos por idade, sexo, classe e ocupação num conjunto de distinções materiais por meio de bens (McCRACKEN, 2007). E esta divisão está constituindo o modelo religioso neopentecostal, onde a obtenção de bens representa a benção divina.

As igrejas neopentecostais visitadas apresentam ideologias muito similares, mas como não possuem um padrão organizacional alguns fundamentos são distintos entre elas. Um aspecto em comum em todas elas, é a pregação bíblica voltada para a Teologia da Prosperidade. Este movimento religioso é voltado para o consumismo, provendo necessidades individuais e emergenciais na perspectiva capitalista do ser humano, pois na relação de Deus com o ser humano é possível reivindicar benefícios.

Ao visitar a Igreja Internacional da Graça de Deus foi possível observar práticas que mostram como as pessoas estão envolvidas por ideologias religiosas. O início do culto é marcado por um louvor congregacional agitado em um auditório repleto com cerca de 900 lugares. Após o momento de louvor os participantes do culto são convidados a participar de uma oração pelas causas impossíveis, para isso, eles precisam levantar e ir até o altar formando uma grande fila. Todos erguem as mãos para que o pastor oficial e os auxiliares possam tocar nas mãos enquanto

proferem orações que são feitas ao mesmo tempo, o que parece uma balbúrdia na primeira impressão. Os temas mencionados durante a oração são comumente desemprego, traição, filhos rebeldes, parentes que utilizam drogas, doenças, dívidas, entre outros problemas do cotidiano. Ao concluir a oração e todos retornarem aos seus lugares, o pastor oficial apresenta uma mensagem bíblica com duração média de 40 minutos, a qual é finalizada com um convite a renovação da vida espiritual, e é feita a entrega de um broche no formato de candelabro para unção. Este broche é dado a todos que tem um pedido a Deus e precisa de iluminação para alguma tomada de decisão. Assim, após a renovação espiritual e a declaração a Deus através da oração das necessidades de todos os participantes, o pastor propõe um pacto para obtenção das bênçãos. Todos os participantes são convocados a devolver os dízimos (10% do rendimento financeiro) e dar ofertas de manutenção da igreja. As ofertas de valor mais alto representam maior fé do seguidor e conseqüentemente a bênção chegará mais rápido. Eles entregam o dinheiro em envelopes que são distribuídos, passam cartão de crédito ou débito, ou soltos nas salvas passadas entres a congregação. As ofertas específicas conforme os pactos do indivíduo sempre são entregues em envelopes e os valores são instituídos pela igreja: R\$ 1.000,00 – R\$ 500,00 / R\$ 400,00 – R\$ 200,00 / R\$ 100,00 – R\$ 50,00. São as faixas de valores que devem ser doados relacionados com as bênçãos divinas necessárias.

O neopentecostalismo é resumido por Sousa (2011) como um movimento que rompe com o protestantismo histórico, e por meio da Teologia da Prosperidade afasta-se da doutrina pregada sobre a dualidade céu/inferno o que compensava a pobreza material dos cristãos, e se aproxima de um discurso meritocrático e competitivo. Houveram algumas mudanças econômicas e sociais que contribuíram para uma redefinição do modo de enxergar a relação da humanidade com o divino. A pobreza passou a ser repelida socialmente e também religiosamente, pois por meio de um aparelho ideológico religioso a riqueza, o consumo e o lazer passaram a ser representação de bênçãos divinas. Os neopentecostais, deste modo, não têm medo do inferno e nem auspícia em primeiro lugar as riquezas de outra vida. Estes novos religiosos passam a ser mais existencialistas e imediatistas.

Claramente este formato de culto evidencia como as pessoas acreditam plenamente na existência de um Deus que está disposto a resolver todos os problemas pessoais que elas possuem. E, enxergam o mundo como se estivessem

condicionados à vontade divina e não às suas habilidades enquanto ser humano racional. Nestas igrejas, os líderes não são sistemáticos no controle de seguidores fiéis e da conduta que eles possuem no dia a dia. Os costumes como a vestimenta, sexualidade, família, vocabulário não são rigidamente acompanhados pelos líderes. Assim, a relação entre o profano e o sagrado para os neopentecostais é flexível e condicionado as individualidades. Por conseguinte, o fator mais perceptível é a forma como as pessoas são envolvidas pelos pastores e acreditam em uma mensagem pautada em interpretações livres da bíblia que os fazem trocar dinheiro por benefícios divinos. O pacto do ser humano com Deus passa a ser monetário e não de cunho reflexivo e espiritual.

Todas as igrejas cristãs são baseadas na bíblia, mas as ideologias retiradas deste livro sagrado são diferentes, e para exemplificar será descrito características do culto de uma igreja clássica. As igrejas clássicas, por sua vez, possuem um controle rígido quanto a conduta de seus seguidores, formulam tratados de orientação teológica e comportamental e focam no trabalho missionário com uma abordagem discursiva bíblica teologicamente tradicional.

A Igreja Batista de Cachoeirinha em Manaus é uma das mais tradicionais na capital, com um público de 250 membros encontra-se na classificação de igreja clássica. Os pastores seguem um tradicional modelo de interpretação bíblica a partir de estudos teológicos reconhecidos no campo religioso pela seriedade e produção escrita. O culto desta igreja pode ser adjetivado como reverencioso, dado as músicas em estilo clássico e cantada em vozes por um grupo notoriamente ensaiado. Para realização de orações todos os participantes são convidados a ficar em pé ou ajoelhados, de olhos fechados e refletindo sobre a prece realizada pelo pastor. Ouvem-se baixos “améns” nos intervalos das falas de quem está orando. As orações, nestas igrejas, seguem uma estrutura: a) exaltação a Deus, b) agradecimentos, c) pedido de perdão, d) pedidos diversos, e e) reconhece o sacrifício de Cristo.

Logo após o momento de oração há uma breve leitura bíblica sobre a manutenção da Casa de Deus (igreja) e uma música é tocada enquanto passam as salvas entres os participantes do culto. Eles devolvem o dízimo (10% dos rendimentos) e doam ofertas que são de valores livres e não estabelecidos pela igreja. Algumas músicas são, em seguida, cantadas por um coral com

acompanhamento instrumental e em estilo clássico. Segue-se a liturgia do culto com a explanação bíblica do pastor oficiante, o qual encerra o culto com uma oração e uma declaração de bênção a todos.

Esta igreja possui um foco evidente na pregação da mensagem bíblica com o objetivo de trazer novos conversos e transmitir seu conteúdo bíblico.

Os diferentes perfis das igrejas acima mencionadas exemplificam o modelo ideológico que estas possuem e aplicam em sua vivência religiosa. Os neopentecostais são mais flexíveis quanto as suas condutas, enquanto que os clássicos e pentecostais são mais rígidos. No que tange a relação de Deus com o ser humano o neopentecostalismo apregoa uma relação monetária por intermédio de líderes religiosos para resolução de problemas sociais imediatos, e em contrapartida os clássicos e pentecostais focam em usar seus recursos na pregação sobre a necessária preparação para uma vida perfeita futura e em outro lugar: o céu. O envolvimento dos indivíduos com seus pares nestas respectivas igrejas os fazem seguir um modelo ideológico que pauta sua postura social, civil e espiritual. Ideologias de tolerância, feminismo, antirracismo e outras são, inclusive, perceptíveis nos discursos destas igrejas.

Ao se deter sobre a questão de gênero, todas as igrejas consideram a homossexualidade como pecado e inaceitável. Os sujeitos que possuem o desejo sexual por seus iguais devem lutar contra a tentação e buscar forças nos seres divinos. Quanto a representação dos papéis sociais dos homens e mulheres, as igrejas estão passando por um processo de compartilhamento dos cargos de liderança que anteriormente eram apenas exercidos por homens. Uma ideologia mais flexível como a do movimento neopentecostal favoreceu o alcance de algumas mulheres exercerem cargos elevados no meio eclesial. Tal processo ainda está engatinhando nas igrejas mais tradicionais, pois o formato até então existente restringe a mulher as funções de cuidar, cantar e limpar.

A ideologia para Althusser (1980) é um sistema de representações existente na sociedade que assegura a relação dos indivíduos com tarefas fixadas e padronizadas. E, sua existência é material, pois as ideias, representações, pensamentos, etc., não tem uma existência ideal, mas sim material. Afinal, uma ideologia existe em um aparelho, como o religioso, por meio das práticas sociais.

Por sua vez, a ideologia pode ser utilizada estritamente para condicionar comportamentos, ou como lugar de luta.

O feminismo é uma ideologia de luta que trata as questões de gênero, especialmente em prol de garantir uma relação respeitosa entre homens e mulheres nos diversos campos sociais. A ideologia das religiões tradicionais é um modelo de padrões fixados por pessoas que são relutantes a mudanças e temem modificar suas representações. Neste cenário emerge a ideologia do neopentecostalismo que é mais flexível e tem legitimado em suas ações os cargos de liderança feminina em parte de suas igrejas. A religião cumpre ainda um papel importante na medida em que contribui para que os indivíduos se sintam minimamente seguros no mundo. Não é por acaso que a secularização não conseguiu suprimir os sentimentos religiosos e em lugar do desencantamento vemos a busca crescente da religião.

Em suma, os Aparelhos Ideológicos Sociais quanto mais conseguem adeptos ganham força e provocam mudanças. O cenário religioso, portanto, está passando por mudanças ideológicas no que tange o papel das mulheres em suas congregações e isto afetará todos os tipos de protestantismo. O questionamento que emerge é se estas mudanças ocorreram por questões espirituais ou por questões de sobrevivência institucional em um mercado da fé cada vez mais competitivo.

2.4 RITUALISMO, LITURGIA E CRENÇAS NO MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL

Os rituais religiosos são procedimentos cheios de simbolismos, ideologias e carregados de intencionalidade, no que tange a relação dos seres humanos com o ser transcendente. Os ritos do Cristianismo têm como base as tradições religiosas cristãs e os escritos bíblicos. Tais rituais são evidentes nas cerimônias às quais servem para celebrar momentos importantes na vida dos adeptos. Cabe ressaltar que os rituais podem ser religiosos e não religiosos, e estão presentes em todas as culturas. É por meio da linguagem ritualística que os seres humanos procuram explicar fenômenos sobrenaturais e expectativas quanto a esperança fornecida por suas divindades. O ritual pode ser utilizado para que o adepto seja incorporado ao grupo religioso, mas também serve para distintas finalidades que podem ser de iniciação ou passagem, litúrgicos, comemorativos ou festivos, mortuários, divinatórios, de cura, entre outros. Com o objetivo de identificar como as mulheres

exercem suas funções de liderança nas igrejas neopentecostais é imprescindível compreender e identificar os rituais religiosos que configuram o neopentecostalismo.

Segundo Durkheim (1996) a religião possui duas vertentes distintas nomeadas de sagrado e de profano. A primeira é composta por um conjunto de crenças e ritos que formam uma identidade e unidade entre os pares, formando assim determinada religião e suas respectivas denominações. Assim sendo, a religião envolve uma dimensão cognitiva/cultural (crenças) e material (ritos). O autor caracteriza o sagrado tudo aquilo que está afastado e é distinto das coisas cotidianas. Devido a este afastamento é que o objeto sagrado provoca reações de autodefesa quando profanados. O profano, por sua vez, está presente naquilo que é mais comum, cotidiano, repetitivo.

Portanto, para este sociólogo, os fenômenos religiosos estão dispostos em duas categorias basilares: as crenças e os ritos. As crenças referem-se a estados de ideias e opiniões que ganham forma e representação nas ações coletivas. Os ritos, por conseguinte, se insere no agrupamento de prescrições, comportamentos, valores, explica a manifestação terrena do sagrado, bem como as relações entre os seus membros. Os rituais podem ser positivos, quando estão vinculados a festas, comunhão e cultos periódicos, e também negativos quando tratam de limitar o contato entre o sagrado e o profano. Pois, eles também servem para preservar a separação entre as coisas sagradas e profanas, direcionando o fiel seguidor a manter-se firme as suas crenças. Os ritos são responsáveis por manter as crenças solidificadas nos agrupamentos religiosos, permitindo a renovação das representações coletivas referentes às coisas sagradas.

Ao estudar os fenômenos sociais, Durkheim (2000) analisa a questão do suicídio abordando aspectos sociais, religiosos e políticos. E, ao relacionar as taxas de suicídios com as questões religiosas, ele percebeu que o ser humano, por vezes, tira sua própria vida porque a crença ou religião da qual integra perdeu o sentido, a coesão. Tal concepção corrobora em elucidar a importância dos rituais e crenças no meio religioso. Em suma, este autor assinala a existência de um comportamento de dimensão irracional, ritualística e religiosa na sociedade, o qual desperta efervescência coletiva, mobilização de massas e possui significativo poder ideológico.

Assim sendo, o rito encontra-se estritamente relacionado às ações, com consequências reais, obedecendo a certa lógica, apontando para suas finalidades,

provocando sensações e conferindo resultados às expectativas dos fiéis. E é por meio da repetição e rigidez que os ritos se constituem como fenômenos sociais, chegando a interferir na vida humana e transformando as condições de vida de um determinado povo. Destarte, os ritos são apreendidos, repetidos e repassados de indivíduo para indivíduo, perpassa gerações, tornando-se um conjunto de símbolos que são absorvidos por outras pessoas e em novas épocas, sucessivamente. Encontra-se nas significações de natureza emocional o poder religioso que envolve seus adeptos em rituais que provocam reações semelhantes nos indivíduos de certo grupo, configurando um formato de enxergar o mundo coletivamente (CAZENEUVE, 1971).

Turner (1974) afirma que no contexto ritual quase todo objeto usado, todo gesto realizado, todo canto ou prece, toda unidade de espaço e de tempo representa aspectos distintos. Deste modo, os seguidores de uma religião precisam incorporar uma noção de função simbólica ou expressiva dos elementos rituais. Tais ações tem uma funcionalidade mística de ligar o mundo conhecido com o reino desconhecido, misterioso e sobrenatural. Em todos os ritos realizados apresentam-se as ideologias do grupo religioso concernente as questões de gênero, exercício do poder, divisão de classes e outros aspectos.

Em todos os rituais religiosos há um destaque para um indivíduo que pode ser nomeado como mestre da cerimônia. Este líder possui diferentes nomes e performances, conforme cada religião, e são estes que tem autoridade nos grupos religiosos de mediar a relação dos seguidores com a sua respectiva divindade. Turner ao descrever os rituais de grupos por ele selecionados, deixa evidente a complexidade em se compreender estes processos e ressalta a racionalidade e logística presente na elaboração e prática dos rituais.

Normalmente, os rituais têm regras detalhadas para manter a exatidão dos gestos e atos divinos, pois a intenção destas ações está em vincular-se a Deus. Mas, dentro do próprio Cristianismo é possível encontrar diferentes regras para rituais semelhantes nas diferentes congregações. Por exemplo, para alguns grupos protestantes, o batismo deve ser por imersão e em água corrente para imitar exatamente os gestos de Jesus. Porém, outras igrejas realizam o batismo por aspersão ou infusão.

Segalen (2005, p. 30-31) após analisar autores que abordam os ritos, elaborou a seguinte definição:

O rito é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito se caracteriza por uma configuração espaço-temporal específica, por uso de recursos e uma série de objetos, por sistemas de comportamento e de linguagens específicas, e por sinais emblemáticos, cujo sentido codificado constitui os bens comuns de um grupo.

Como conjuntos especialmente institucionalizados e efervescentes - tanto regem situações de adesão comum a valores, como se servem de reguladores de conflitos interpessoais. Os ritos sempre devem considerar-se como um conjunto de condutas individuais e coletivas relativamente codificadas, com suporte corporal (verbal, gestual, de postura), de caráter repetitivo, com forte carga simbólica para os atores e testemunhas.

O resumo de Segalen reafirma que os rituais fazem parte do universo simbólico na organização das sociedades humanas, portanto da sua expressão cultural. Em cada momento da história eles se modificaram, mas continuam a exercer o mesmo papel e importância. Poderíamos afirmar que os rituais passam por um processo de atualização, especialmente no Cristianismo. O neopentecostalismo é uma evidência de como os rituais tradicionais da Igreja Cristã Primitiva ganharam novos formatos na atualidade.

O neopentecostalismo tem por sua vez, ganhado espaços nos grandes e pequenos centros urbanos dados os eventuais benefícios que ele pode propiciar aos fiéis. É evidente que os líderes destas igrejas não possuem potencial para transformar as culturas, as economias e as estruturas sociais e políticas, mas tal movimento tem se mostrado cada vez mais domesticado e aculturado.

Para conquistar as massas, as igrejas neopentecostais optaram por adaptar sua mensagem (transmissão de crenças) às demandas mágicas dos estratos populares, por romper com o ascetismo contracultural e estimular a cultura de consumo. Mudanças consideráveis cujos efeitos mais visíveis têm consistido em torná-las cada vez menos um retrato negativo dos símbolos de nossa brasilidade. Os ritos instituídos por uma interpretação bíblica livre, por parte de seus líderes estão atendendo diretamente as necessidades individuais de seus adeptos, o que torna este fenômeno interessante de ser observado (MARIANO, 2004).

No interior das igrejas neopentecostais são frequentes as sessões de exorcismo de entidades, que são chamadas a incorporar para em seguida serem desqualificadas e expulsas como forma de libertação espiritual do fiel. Tais rituais são também divulgados através da mídia televisiva, com exibição de dramatizações, nas quais símbolos e elementos são retratados como meios espirituais para a obtenção de uma benção divina: morte de inimigos, disseminação de doenças,

separação de casais ou amarração amorosa, desavença na família etc. Não seriam estes novos rituais, mas formatos atualizados de ritos antigos.

Atualmente há um aparente redirecionamento nos dogmas e rituais no interior das igrejas, podendo ser confirmado pelos cultos e o próprio discurso introjetado pelos líderes neopentecostais. Como já mencionado, uma das questões cruciais no desenvolvimento da doutrina neopentecostal é indubitavelmente quanto à prosperidade. Essa é uma das problemáticas mais levantadas pelas pesquisas referentes ao neopentecostalismo e apontam um novo sistema de crenças que atualiza ou reformula os ritos cristãos.

2.4.1 Um Culto Periódico em uma Congregação Neopentecostal: Impressões Ritualísticas

Para indivíduos acostumados com os cultos tradicionais da Igreja Católica e das igrejas protestantes clássicas, entrar em um templo das igrejas neopentecostais e assistir a programação por eles promovida chega a causar incômodo diante das exageradas discrepâncias litúrgicas. Diante do foco da pesquisa não é viável detalhar todos os rituais das igrejas neopentecostais, mas entendendo que os cultos periódicos são os rituais mais repetidos (diariamente) será descrito as impressões da liturgia do culto das igrejas neopentecostais e como se é percebida a atuação das mulheres nestas congregações.

O culto assistido na Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) foi em uma quinta-feira no culto noturno, o que impressionou foi o fato do auditório possuir cerca de 500 lugares que estavam quase todos preenchidos sendo necessário o auxílio de um membro para que eu pudesse encontrar um lugar vago. A igreja possui um Templo amplo e bem localizado. Chegam participantes para o culto em transportes coletivos e também em carros importados em números proporcionais.

Ao entrar no templo os participantes são recepcionados por uma equipe de homens e mulheres com uma roupa padronizadas, possuindo em suas mãos vidros com óleo aromatizado, que utilizam para passar na testa dos que adentram o templo enquanto proferem saudações como “Deus esteja contigo”, “Tenha um culto abençoado”, “Receba o poder do Espírito Santo”, dentre outras. Este ato chega a intimidar os que chegam a igreja pela primeira vez, mas caso queira entrar no templo passará por este rito inicial. O auditório fica dividido em dois blocos de

cadeiras, com espaço de deslocamento nas laterais. Ao centro, separando as colunas de cadeiras estão vários arcos dispostos em todo o corredor, local onde não há movimentação e que não pode ser utilizado como passagem. Enquanto os participantes do culto acomodam-se, os “obreiros” e “obreiras” percorrem os corredores laterais e ficam auxiliando no que for necessário para o funcionamento do culto. Não há uma uniformidade quanto a vestimenta dos participantes, de modo que é possível encontrar pessoas com fardas do trabalho, camisetas, bermudas e sandálias, e outros bem elegantes com ternos ou vestidos e sandálias de salto alto.

Este cenário confronta a realidade das igrejas tradicionais protestantes que ensinam a importância de vestir a melhor roupa para ir ao Templo de Adoração, sendo que este “melhor” configura-se em roupas de estilo social. Logo a seguir o quadro deixa explícito a ordem do culto na IMPD:

Quadro 5: Liturgia da Igreja Mundial do Poder de Deus

LITURGIA DO CULTO	
AÇÃO LITÚRGICA	DESCRIÇÃO
Momento de Louvor	Músicas de estilo gospel são cantadas por um músico em conjunto com os participantes do culto.
Oração	Os participantes são convidados a ficar em pé e fechar os olhos, depois o dirigente faz pedidos e agradecimentos a Deus em nome dos fiéis.
Oferta especial	O pastor solicita que os participantes venham até o altar/palco e coloquem envelopes com dinheiro nas salvas.
Unção sobre os ofertantes	Após colocar o dinheiro nas salvas o pastor molha o dedo com óleo e coloca na testa do ofertante declarando uma bênção sobre o mesmo.
Oração do Descarrego	Os participantes são convidados a ficar em pé e elevar as mãos aos céus, enquanto o pastor faz uma oração. Os pastores auxiliares e suas respectivas esposas andam entre os fiéis colocando as mãos sobre estes e expulsando os espíritos maus. Durante este momento uma música de tensão é tocada.

Devolução do Dízimo	Os participantes do culto depositam 10% dos seus rendimentos em um envelope e colocam nas salvas do altar/palco.
Mensagem Bíblica	O pastor ensina conceitos bíblicos aos participantes e apresenta temas diversos como pecado, fé, amor, salvação, entre outros. É o principal momento do culto, onde se detém a maior parte do tempo. É uma explanação bíblica de 40 – 60 minutos.
Oferta de Evangelização	O pastor solicita uma oferta para ajudar os mais necessitados, comprar material de divulgação da igreja para se entregar em diferentes áreas da cidade. Apresenta-se um livro no valor de R\$10,00 e solicita-se ofertas aleatórias.
Encerramento	O pastor informa o horário dos próximos cultos, declara uma bênção sobre todos, faz uma oração e despede os participantes.
Saída pelos Arcos Centrais	Os participantes do culto são convidados a colocar seus pertences em suas mãos e elevar ao alto, enquanto passam por arcos localizados no corredor central da igreja. Durante a saída os obreiros oram com as mãos sobre os pertences dos fiéis os abençoando.

A descrição acima retrata um modelo neopentecostal de culto, onde alguns ritos são comumente repetidos e envolvem a maioria dos participantes. Um dos ritos em destaque é a “Oração de Descarrego”, momento em que se toca músicas de suspense, parte das luzes ficam apagadas, o pastor faz uma oração em alta voz expulsando os demônios enquanto os pastores auxiliares e suas esposas oram e colocam as mãos na cabeça dos fiéis convocando a saída dos espíritos maus. Durante este rito, os participantes ficam em pé, erguem as mãos, fazem movimentos repetitivos e lentos e gritam “Sai, Sai, Sai” referindo-se ao desejo que estes possuem de que os espíritos maus saiam. Este desejo massificado é contrário ao medo existente dos membros de igrejas tradicionais em serem possuídos por um demônio. Nas IMPD é ensinado que males como o desemprego, traição, fome, uso de drogas, depressão, doenças, etc., são espíritos do maligno que devem ser retirados das pessoas. Mas, se a pessoa que sofre deste mal não está na igreja, o familiar que frequenta o culto pode ser o corpo pelo qual o demônio será expulso. Assim, os membros desejam que estes espíritos maus saiam de sua vida para que o sofrimento seja extirpado. Tal rito intensifica uma religiosidade voltada para o imediatismo e uma vida terrestre de vitórias e felicidade plena.

O Ministério Internacional da Restauração é uma igreja neopentecostal, que surgiu em Manaus a partir de um grupo de dissidentes da Igreja Batista Tradicional. Esta igreja faz parte do grupo que inclui mulheres em cargos de liderança. O templo visitado comportava um público de 450 pessoas envolvidas em um culto agitado e envolvente. Logo na entrada todos são recepcionados por uma equipe de apoio para funcionamento do culto, formada por homens e mulheres jovens. A decoração da igreja é peculiar, pois as paredes são revestidas por papéis de parede em tons pastel, com cortinas de cor branca e vinho, e espelhos com molduras douradas. No teto é possível identificar jogos de luzes de *led* e vários candelabros dando requinte ao local. O altar possui um extenso painel de *led* ao fundo, com jogos de luzes e um púlpito de vidro e madeira.

O culto é iniciado com um louvor agitado, momento em que as pessoas ficam em pé, erguem as mãos, balançam o corpo e cantam em conjunto com a equipe de louvor e de dança que se apresentam no altar. O culto é um espetáculo de organização, iluminação e performance dos líderes. Os principais líderes da igreja formam um casal nomeados de Apóstolo e Bispa, casados e com formação em Teologia. Os dois se apresentam no altar com roupas e acessórios elegantes, com postura imponente e direcionam todo o culto com carisma e discurso comovente.

A liturgia do culto da igreja em questão configura-se da seguinte maneira:

Quadro 6: Culto do Ministério Internacional da Restauração

LITURGIA DO CULTO	
AÇÃO LITÚRGICA	DESCRIÇÃO
Louvor / Dança	Músicas de estilo gospel são cantadas por um músico em conjunto com os participantes do culto. Enquanto o grupo de louvor canta, há um grupo de dança se apresentando.
Dízimo e Ofertas	Os participantes do culto depositam 10% dos seus rendimentos em um envelope e colocam nas salvas do altar/palco. E também colocam valores aleatórios como oferta para ajudar a pagar as contas da igreja e projetos especiais.
Louvor / Dança	Músicas de estilo gospel são cantadas por um músico em conjunto com os participantes do culto. Enquanto o grupo de louvor canta, há um grupo de dança se apresentando.

Oração	Os participantes são convidados a ficar em pé e fechar os olhos, depois o dirigente faz pedidos e agradecimentos a Deus em nome dos fiéis.
Anúncios	É apresentado aos participantes os eventos que acontecerão na igreja e são mencionadas algumas informações quanto ao culto, ações da igreja, entre outras.
Vídeos de Projetos Missionários	Divulgação em vídeo dos projetos missionários financiados pelos membros da igreja, os quais também participam das ações sociais.
Confraternização	Os participantes levantam-se e cumprimentam-se com abraços e apertos de mão. Enquanto isso o grupo de louvor entoia uma música.
Ministração da Palavra	O pastor ensina conceitos bíblicos aos participantes e apresenta temas diversos como pecado, fé, amor, salvação, entre outros. É o principal momento do culto, onde se detém a maior parte do tempo. É uma explanação bíblica de 40 – 60 minutos.
Oração pelo Derramamento do Espírito	O pastor convida as pessoas que desejam receber o Espírito Santo a se deslocarem para próximo ao altar/palco. Ele começa a realizar uma oração elevando as mãos sobre a cabeça dos participantes, de modo que estes começam a falar/balbuciar palavras não compreensíveis, dançar, pular, girar e cair no chão. Os demais participantes ficam em pé em seus lugares com as mãos erguidas participando da oração, falando em línguas e movimentando-se.
Encerramento	O pastor informa o horário dos próximos cultos, declara uma benção sobre todos, faz uma oração e despede os participantes.

Neste culto, o rito que retrata uma performance distinta das tradicionais é o momento denominado como “Oração pelo Derramamento do Espírito”, pois há um comovente apelo realizado pelo Apóstolo para as pessoas que desejam receber o Espírito Santo. Nestes momentos as pessoas começam a falar em línguas estranhas, o que para eles representa a ação do Espírito Santo no ser humano. Aqueles que sentem uma maior necessidade de serem revestidas pelo Espírito de Deus se direcionam até próximo do altar. Durante este momento há uma música agitada sendo tocada e o pastor em alta voz faz uma oração. No decorrer da oração o Apóstolo coloca a mão na cabeça dos participantes que foram para próximo do altar e estes caem no chão, ficam girando compulsivamente, e deitam no chão se debatendo.

O desejo das pessoas em serem possuídas pelo Espírito Santo é a representação deste fenômeno, pois tal fato confere a estas um poder sobrenatural

para resolver os problemas do cotidiano e conseguirem prosperidade. É imprescindível destacar que as pastoras e a bispa também direcionam os cultos e tem acesso livre ao altar.

Os cultos periódicos descritos acima clarificam ritos específicos e relevantes para o neopentecostalismo, não por serem inovadores, mas por terem sido atualizados e revestidos de uma ideologia mais existencialista, concedendo aos seus seguidores um bem-estar no presente e não no futuro reino de Deus. Na Igreja Mundial as mulheres têm restrição de participação nos cultos, pois estas são presentes apenas no momento de oração. Enquanto que na Igreja da Restauração a Bispa, considerada a líder administrativa da igreja em conjunto com o seu esposo, atua em todos os momentos do culto. Ela exerce autoridade para executar e direcionar ritos assim como seu esposo.

Acerca das modificações existentes nos rituais, Segalen (2005) declara que há uma margem de manobra em todo ritual, pois os sujeitos que lideram as instituições religiosas podem reivindicar e possibilidade de criar ou atualizar cerimônias. Portanto, os rituais possuem uma faceta flexível, especialmente diante das mudanças sociais existentes e a partir da forma de enxergar o mundo das novas gerações. Assim, a força da tradição pode ser diminuída a partir do momento em que o contexto social propicia novos reajustes nas relações de trabalho, divisão de classes, cultura, entre outros. É preciso considerar a relevância da flexibilidade dos ritos, pois estes estão condicionados socialmente as variações da sociedade moderna.

Como já percebido, o neopentecostalismo sendo um movimento que surgiu a partir de inquietações de líderes das igrejas tradicionais, e diante da sociedade moderna que estava se organizando no território brasileiro fez modificações nos ritos já existentes. Os ritos mudaram e encontram-se estritamente ligados a ideologia religiosa pelas igrejas propagadas. Tal ideologia imediatista e voltada para a prosperidade terrena dos indivíduos tem atraído muitos fiéis. Além disso, a mulher passou a direcionar ritos que anteriormente eram permitidos apenas aos homens. Estas funções de liderança feminina estão sendo legitimadas tanto por meios documentais institucionais, quanto pela própria performance destas em suas respectivas congregações.

É fato que as mulheres exercem cargos de liderança em algumas igrejas neopentecostais e tem ganhado cada vez mais espaço. São cargos hierarquicamente elevados, mas ainda subjugados a ideologia do patriarcado. No próximo capítulo pretende-se discutir sobre o processo de nomeação destas mulheres e como estas enxergam o ministério pastoral feminino que exercem.

3 LIDERANÇA FEMININA NAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS: ESTRATÉGIAS DE CONVERSÃO, CONQUISTAS FEMININAS OU REVELAÇÃO DIVINA?

No décimo oitavo ano do seu reinado, o rei Josias mandou o escrivão Safã, filho de Azalias, filho de Mesulão, à Casa do Senhor. [...] Disse o sumo sacerdote Hilquias ao escrivão Safã: Achei o Livro da Lei na Casa do Senhor. Hilquias entregou o livro a Safã, e este o leu diante do rei. [...] Tendo o rei ouvido as palavras do Livro da Lei, rasgou suas vestes e ordenou: [...] Ide e consultai o Senhor por mim, pelo povo e por todo o Judá, acerca das palavras deste livro que se achou. [...] Então, o sacerdote Hilquias, Aicão, Acbor, Safã e Asaiás foram ter com a profetisa Hulda. Ela lhes disse: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel [...] Então, levaram eles ao rei a resposta (2Reis 22).

A Bíblia é uma obra que representa a crença cristã da trajetória de um povo escolhido por Deus para servir de testemunho e propagar a mensagem do retorno do Messias e os meios de alcance do Reino de Deus. Por sua vez, os relatos no Antigo Testamento retratam a história das tribos de Israel, que em certo momento devido a um cisma político-religioso, se dividem em dois reinos: o do norte (Israel) e do sul (Judá). O poder do sistema religioso permaneceu em ambos os reinos e era exercido por sacerdotes (dirigentes dos cultos nos templos) e profetas (revelavam a mensagem enviada por Deus). Quando os reis tinham alguma dúvida e precisavam ter o direcionamento divino, precisavam consultar os profetas. O texto bíblico, acima descrito, retrata uma consulta do rei Josias (rei de Judá) a profetisa Hulda, fato este que destaca uma mulher com o poder de ser a mediadora da comunicação entre Deus e o rei da nação. Pouco difundido nas mensagens bíblicas das igrejas cristãs, este relato da profetisa Hulda provoca debates sobre diversas ideologias que podem ser levantadas a partir do livro sagrado dos cristãos.

Davidson (1977) estuda detalhadamente as relações entre os textos dos livros de 1 e 2 Reis e ratifica a importância de Hulda no contexto em que ela foi mencionada. É evidente que a ordem de consulta não se referia diretamente a Hulda em particular. O sacerdote Hilquias que tomara tal decisão diante do descrédito que ele tinha dos outros profetas existentes na corte. Naquele período os prestigiados profetas eram Sofonias e Jeremias, mas como estes não estavam em Jerusalém na altura em que se desenrolam os devidos acontecimentos, Hulda foi convocada.

A escolha de introduzir este capítulo com a história da profetisa Hulda se deu com a finalidade de levantar um debate sobre a questão do empoderamento nas relações sociais existentes no meio religioso cristão desde os seus primórdios. Esta profetisa é um exemplo de que o Deus bíblico não limitava aos homens o dom de

receber suas revelações e transmiti-las ao rei e a nação. É possível elucidar com a história de Hulda a existência de uma mulher que além de ter contato direto com o divino, fora convocada pelo principal sacerdote daquela nação para revelar a mensagem enviada por Deus ao rei, na ausência dos dois profetas mais famosos da época. Hulda, portanto, possuía mais destaque e acreditação do que os demais profetas homens existentes na corte, mas é um dos raros exemplos diante da enorme gama de homens que são mencionados na bíblia como profetas e sacerdotes.

Os embates em torno do processo de empoderamento das mulheres giram acerca da integração delas em todos os setores da vida social, como o econômico, político, acadêmico, social e religioso. O Pacto Global das Nações Unidas (UNGC) e a Organização das Nações Unidas (ONU) possuem um site que discute as questões de gênero e aponta na Cartilha de 2016 os princípios de empoderamento das mulheres. Neste manual é reafirmado que a igualdade de gênero é um compromisso que deve ser assumido pela alta liderança das corporações para que as devidas mudanças estruturais ganhem forma. A criação de um ambiente de igualdade de gênero é um compromisso que deve ser contínuo, pois os resultados ainda estão no futuro. Cabe, portanto, à liderança de empresas e instituições criar as estruturas sólidas para que a igualdade de gênero se torne um valor compartilhado por todos e todas.

Tal proposta realizada pelo ONU elucidada uma preocupação de âmbito internacional que procura contribuir com as questões de gênero e seu processo de empoderamento social das mulheres. Objetivando compreender o papel e a importância das instituições religiosas na divulgação ideológica no que tange a igualdade de gênero, este capítulo terá o foco nos seguintes aspectos: a trajetória pessoal de algumas pastoras aos cargos de liderança, o papel das mulheres de pastores para o ministério e o processo de empoderamento e legitimação dos cargos de lideranças. Para enfim responder, como as mulheres chegaram aos altos de cargos de liderança em igrejas neopentecostais.

3.1 GÊNERO, ESPAÇO E CULTURA: AS LIGAÇÕES ENTRE PODER E RELIGIÃO

As mudanças existentes no campo religioso brasileiro de fato estão entrelaçadas por questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Este trabalho

dá prosseguimento à difusão e ao aprofundamento dos estudos relativos à dimensão espacial da mulher na sociedade e, em especial, nas igrejas neopentecostais. A seguir será analisado o cruzamento das dimensões espaciais das relações de poder existentes nas crenças e práticas religiosas. No campo religioso, falar de poder é discutir sobre a habilidade e possibilidade que alguns indivíduos possuem em influenciar ou até mesmo ditar o que os outros devem realizar. Talvez esta concepção seja generalista e se aplique a outros campos, todavia, é certo que o poder tem diversas formas ou componentes que colaboram na compreensão como as relações religiosas se legitimam.

Ao se propor a discutir o poder existente nas relações sociais é preciso elucidar a base para a discussão proposta. Inicialmente, os estudos sobre o poder eram voltados tão somente para o que se estabelecia nos fenômenos coletivos, de modo que os indivíduos eram entendidos como peças de uma grande máquina denominada sociedade, sendo estes reflexos das formações sociais. Neste sentido, o poder era entendido, exclusivamente, como estabelecido de cima para baixo, consideradas como análises de macro, pois focavam nos grandes sistemas como o econômico, político ou social.

Nos estudos mais clássicos, o poder era entendido como concentrado no Estado, sendo este o que regularizava as relações da sociedade. Marx (2014) enxergava o Estado como um órgão que nasceu da divisão da sociedade em classes e servia como instrumento repressivo para manter o poder nas mãos da classe dominante, mantendo a existência da propriedade privada. O Estado, portanto, servia como uma entidade de fiscalização do funcionamento da vida social. Objetivando manter o domínio, desenvolvendo esquemas de controle dadas as situações de conflito provenientes do grau de pobreza da sociedade. Assim, o exercício das funções do Estado estava intimamente ligado à existência de conflitos sociais, diante da escassez de bens materiais, recursos e meios necessários para satisfação das necessidades das pessoas.

Por sua vez, Weber (1997) também definia o papel do Estado a partir da noção de domínio social. O domínio estava relacionado com a possibilidade de uma vontade sobrepor a outra. E, a concessão de utilização do poder pelo Estado se estabeleceu por três tipos de dominação. Primeiramente a dominação tradicional que se encontrava relacionada com a transmissão de costumes e cultura através das gerações, a dominação carismática evidente na performance dos líderes,

especialmente os políticos, e por fim a dominação legal presente na burocracia e em seu processo de gerenciamento das relações de poder no desenvolvimento do Estado Moderno.

Durkheim (2002) compreende o Estado como um órgão independente e autônomo que ordena a vida social, separado dos interesses individuais e coletivos. Portanto, o Estado é definido como um grupo de funcionários que elaboram representações que envolvam a coletividade. Para este sociólogo o Estado é o cérebro social que impõe suas ideologias sobre a sociedade, tendo sua funcionalidade emergindo de forma espontânea e depois regularizadora. Os Impérios antigos como Roma tinham envolvimento com a religião, destacavam a importância da satisfação dos deuses, enquanto que o Estado Moderno encontra-se voltado ao indivíduo. Por fim, o Estado é marcado por uma percepção antropocêntrica, pois o individualismo só pode se manifestar se coexistir com o Estado.

Foucault (1990) trouxe a abordagem micro do poder, compreendo este não como uma entidade com local determinado, como o Estado, mas como algo presente em todos os lugares. Pode-se assim afirmar que não existe o poder, mas sim as relações de poder, flutuante e presente nas práticas cotidianas dos indivíduos. Portanto, ele está em todos os lugares, quando exercido sofre resistência, e não é necessariamente algo visível. Pode estar presente em tradições, aspectos morais da sociedade e nas relações afetivas. Segundo o autor, quanto mais escondido o poder estiver, mais eficaz será, pois os dominados não percebendo a relação de dominação não resistirão. Se for necessário escolher um local para exercício do poder, este seria o corpo, a disciplina, as funções fisiológicas, dentre outros. Pois é no corpo que são aplicadas as medidas disciplinares, a organização de espaços, ou outros modelos de distribuição e organização dos indivíduos.

As explanações tradicionais consideram o poder como algo acima dos indivíduos, como se estes não fossem responsáveis por ele. O Estado, portanto, emerge de uma necessidade de organização social, se estabelece em uma relação vertical impondo sobre os indivíduos suas regras. A organização social era predominantemente vista como resultado de suas posições sociais. Através de novos estudos sociológicos, outras formas de análise sobre o poder foram realizadas, como por exemplo, a nova abordagem de Michel Foucault e seu conceito

de microfísica do poder. O desafio ao se estudar aspectos das relações de poder encontra-se em conjugar as análises micro e macro dos fenômenos sociais.

O poder, portanto, é uma relação de forças que se encontra presente, e em constante movimento, em todos os espaços sociais, sejam eles públicos ou privados, gerando tensões que se expressam em toda relação. O campo religioso também é um meio onde as relações de poder estão presentes e evidente nos costumes, crenças, ritos e práticas religiosas. Diante da gama de relações de poder dentro do meio religioso, focamos na relação de poder entre homens e mulheres no exercício de cargos de lideranças nas igrejas neopentecostais.

Para entender os sistemas de crenças, ideologias, novas religiões evangélicas, seitas ou fundamentalismos é necessário identificar vários fatores, como estudados no capítulo anterior ao destacar rituais e movimentos modificadores da religiosidade na contemporaneidade. Para Bourdieu (2007) é por meio dos discursos produzidos pela religião que seus líderes exercem o poder, pois ao explicar as condições sociais e apresentar a vontade divina, muitos fiéis passam a acreditar em tais explicações que ganham formato inexoravelmente perfeitos. A religião, portanto, constrói concepções de um mundo consagrado, reconhecidamente divino, desempenhando a função simbólica de conferir a ordem social um caráter transcendente e inquestionável. A religião possui assim um poder de eficácia simbólica que chega a ser exercido de forma legítima por líderes que gerenciam os bens salvação. Outrora, para que a igreja tenha maior poder de atuação e melhores condições de realizar o trabalho religioso, os seus líderes possuem em seu favor um aparelho de tipo burocrático com o intuito de corroborar para a conservação da ordem social sem que estes agentes tenham domínio de suas funções.

Referente ao poder exercido pelos líderes religiosos, ainda cabe ressaltar que:

enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um 'corpus' deliberadamente organizado de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos (ou profanos, no duplo sentido do termo) destituídos do capital religioso (BOURDIEU, 2007, p.39)

O líder religioso é o agente religioso que surge em situações extraordinárias e possui o monopólio da gestão dos bens de salvação. Nesse sentido, ele pode promover mudanças no campo religioso e assim reorganizá-lo. O poder simbólico por sua vez está intrinsecamente relacionado com o *habitus*, pois este legitima o poder simbólico. O *habitus* é a internalização do discurso religioso, evidente nas práticas, e cumprimento das normas. Para este poder se solidificar precisa ser reconhecido pelos leigos, ou seja, é necessário existir uma cumplicidade daqueles que estão sujeitos ao poder. E, para que haja legitimação do poder simbólico é necessário que os interesses religiosos sejam atendidos.

A partir desta perspectiva é que compreendemos a dinâmica interna dos grupos religiosos e do poder de seus líderes, os quais exercem poder simbólico sobre as comunidades religiosas, bem como, as especificidades do campo religioso. Dentro desta discussão cabe identificar as mulheres que estão exercendo o poder discursivo e carismático nas igrejas neopentecostais e elucidar como estas passaram a exercer o poder que outrora era extremamente restrito aos homens.

3.1.1 A Inclusão das Mulheres nos Cargos de Liderança Religiosa

Dentre as igrejas neopentecostais de Manaus, destacamos a Igreja Ministério Internacional da Restauração (MIR), a qual tem um processo interno organizado de legitimação dos cargos de liderança feminina em suas congregações. A Bispa Ester Amazonas foi a mulher que iniciou o pastorado feminino no MIR, atuando ao lado de seu esposo o Apóstolo Arão Amazonas. Ester Amazonas em 2001 lançou um livro que causou polêmica no meio religioso intitulado “Por que disseram que mulher não pode ser Pastora?” pois se propusera a mostrar, de forma contundente, exemplos bíblicos de mulheres que foram líderes tanto entre o povo de Israel, quanto na Igreja Primitiva. O livro inicia sua discussão mencionando o verso bíblico de Gênesis 1:27,28 que garante ao homem e a mulher o domínio sobre a terra:

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a, dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja sobre a terra (BÍBLIA, 2008p. 4).

Amazonas (2001) elucida que o domínio, no ato da Criação divina, foi dado para o homem e a mulher, contudo durante muito tempo as mulheres perderam sua posição de sacerdotisa, autoridade na sociedade e no lar. Porém, há a possibilidade de restituição deste domínio através dos seguintes princípios os quais devem estar na conduta da mulher cristã: arrependimento, confissão de pecados, perdão, jejum, oração e guerra espiritual. Deste modo, a partir de uma vida espiritual fortificada a mulher pode vivenciar o mandamento divino de dominar a terra em conjunto com o homem. Mas, como ficaria a questão de submissão da mulher ao homem existente nos textos bíblicos?

A Bispa explica que a submissão é um princípio para todos, conforme presente na Bíblia: sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo (Efésios 5:21). A partir deste verso a autora destaca outros exemplos bíblicos de submissão como a Deus, às autoridades políticas, e ao esposo. A Bíblia destaca a questão de submissão ao marido: “vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor” (Efésios 5:22). A submissão, portanto, deve reconhecer o homem como sacerdote do lar, assim como Cristo é o sacerdote da Igreja. Contudo, a submissão feminina não lhe imputa viver em um mundo de escravidão, torturas físicas e psicológicas. Por fim, submissão no contexto bíblico também aponta para a flexibilidade, onde homem e mulher devem andar em conjunto. O homem deve ser submisso a Deus, a mulher ao seu marido e assim haverá harmonia familiar.

Para embasar sua teoria, Amazonas (2001) traz exemplos bíblicos de mulheres que se destacaram:

1. Miriã, o *shofar*⁴ de Deus (Êxodo 15:20-21): ela era profetiza do Senhor e exerceu o seu ministério reconhecida por Deus e pelo povo.

2. Ester, um exemplo de liderança (Ester 2,3,4): um livro que retrata a história de uma mulher que mesmo sendo escrava, órfã e estrangeira conseguiu libertar o seu povo.

3. Débora, conquistadora de territórios (Juízes 4:1-24): foi profetisa e juíza do povo de Israel, além de ser esposa e mãe. Ela foi um modelo de mulher que exerceu várias funções e liderou não somente espiritualmente, mas politicamente o povo de Deus.

⁴ Instrumento de sopro, feito comumente a partir do chifre de carneiro e tocado em festividades judaicas, representando a convocação a santidade, a promessa do Messias, a consciência do arrependimento e da necessária relação próxima entre Deus e seu povo (CJB, 2017).

4. Raquel, uma pastora de ovelhas (Gênesis 29:6-9): esta mulher exercia a profissão predominantemente masculina que era cuidar de ovelhas. Ela tinha um rebanho e exercia a responsabilidade de apascentar as ovelhas que seu pai lhe colocara sobre seus cuidados.

5. A mulher samaritana, exemplo de missão (João 4:1-28): uma mulher que ouviu sobre o reino de Deus e mesmo sendo rejeitada na sociedade foi levar a mensagem ao seu povo e várias pessoas se converteram.

6. A mulher cananeia, um exemplo de fé (Mateus 15:22-28): uma das mulheres acolhidas por Cristo, demonstrando que o Messias não privilegiava apenas os homens.

7. Febe, um exemplo de obra social (Romanos 16:1-2): o seu ministério era realizado na Igreja de Cencréia, em Corinto e era voltado para ações sociais.

8. Priscila, um exemplo de serviço (Romanos 16:3-4): era cooperadora de Paulo juntamente com seu esposo possuía conhecimento da Bíblia e apresentava a mensagem do reino de Deus nas Sinagogas, pastoreando os novos conversos.

9. Trifena e Trifosa, exemplos de evangelizadoras (Romanos 16:12): desempenhavam funções de liderança e de pregação do Evangelho. Elas renunciaram a vida que tinham para apresentaram a mensagem de Jesus Cristo, converteram muitas pessoas, e ao final foram aprisionadas e perseguidas.

O judaísmo dos tempos bíblicos trazia uma forma rígida sobre o trato para com as mulheres, orientando estas a ficarem em silêncio, impedindo que estudassem a *Torah*⁵ e ficando a margem da liderança religiosa. No entanto, cabe insistir que no discurso bíblico, homens e mulheres cristãos não devem submeter-se a um jugo escravizador. Os exemplos acima mencionados, conforme Amazonas (2001) retrata que homens e mulheres podem e devem pregar o Evangelho, fazer discípulos, ministrar sob a unção de Deus e dos dons do Espírito Santo. Para esta autora, Deus não procura líderes pela regra social do gênero, mas sim adoradores fiéis. A Bispa Ester entende que o ministério pode ser exercido por homens e mulheres, de modo que o crescimento da igreja é resultante desta revelação divina. Neste livro, aqui brevemente resumido, ela discorre sobre sua interpretação bíblica e ao final apresenta uma estratégia para o alcance de novos fiéis: a legitimação dos cargos de liderança feminina, onde a mulher deve caminhar ao lado do esposo no

⁵ A *Torah* de *Moshe*, geralmente traduzida como Lei de Moisés, compõe o cerne da fé judaica. É composto pelos cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levíticos, Números e Deuteronômio (BENTSION, 2013).

ministério pastoral, e a divisão da igreja em pequenas células/grupos de seguidores que trabalham para conversão de novos membros.

Em conversa com a Bispa Ester Amazonas, identificamos que ela fora a mulher que recebera a revelação divina sobre a necessidade de uma pastora para as mulheres no MIR. Ela e o esposo atuavam com os jovens da igreja, seu esposo era pastor e ela o apoiava, mas não recebia o nome de pastora, por sua vez era comumente conhecida como mulher de pastor. Em um culto do MIR ela olhou para toda a igreja e disse que recebeu de Deus a orientação para instaurar o ministério feminino no MIR. Logo ela apresentou esta mensagem ao líder principal da igreja e este apoiando e reconhecendo essa mensagem a nomeou como pastora e organizadora do processo de estabelecimento do ministério pastoral feminino no MIR. Ela foi a primeira pastora ungida e legitimou junto com os pastores administradores o processo de pastorado feminino. Na época ela tinha 23 anos e ficou apreensiva com este desafio, mas obteve bons resultados e é um nome conhecido nacionalmente no meio religioso neopentecostal que tem promovido o ministério pastoral feminino.

O relato acima mencionado demonstra como o processo de inserção das mulheres nos cargos de liderança do MIR é um processo legitimado por meio de documentos internos da igreja, tais processos ocorrem em igrejas neopentecostais como Igreja Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra e igrejas clássicas como a Igreja Metodista e Igreja Batista da Lagoinha (pastora e cantora Ana Paula Valadão). Mas, é preciso lembrar que este movimento se deu diante da flexibilidade garantida pelo campo neopentecostal, e tem inclusive influenciado igrejas clássicas que são rígidas quanto duas normas.

Saffioti (1987) ressalta que o machismo, presente na mente dos homens e das mulheres, contribuiu enormemente para preservar as questões de injustiças no Brasil, em qualquer que seja ângulo examinado: das relações homem e mulher, entre as etnias e das classes sociais. Estes três sistemas de dominação fundiram-se de tal maneira, que promoveu atitudes machistas que dão mais visibilidade ao homem no ambiente trabalhista, de liderança, econômico, político e social do que às mulheres que são sempre vistas a partir do trabalho do lar e o cuidado com a família. Entretanto, algumas atitudes podem levar avante mudanças neste cenário, através da tomada de consciência dos prejuízos coletivos e individuais deste estado de coisas.

Acerca do tema em questão o Papa Francisco surpreendeu o mundo quando, durante uma entrevista, publicada no jornal jesuíta italiano *La Civiltà Cattolica* afirmou:

É necessário ampliar os espaços de uma presença feminina mais incisiva na Igreja. Temo a solução do “machismo de saias”, porque, na verdade, a mulher tem uma estrutura diferente do homem. E, pelo contrário, os argumentos que ouço sobre o papel da mulher são muitas vezes inspirados precisamente numa ideologia machista. As mulheres têm vindo a colocar perguntas profundas que devem ser tratadas. A Igreja não pode ser ela própria sem a mulher e o seu papel. A mulher, para Igreja, é imprescindível. Maria, uma mulher, é mais importante que os bispos. Digo isto, porque não se deve confundir a função com a dignidade. É necessário, pois, aprofundar melhor a figura da mulher na Igreja. É preciso trabalhar mais para fazer uma teologia profunda da mulher. Só realizando esta etapa se poderá refletir melhor sobre a função da mulher no interior da Igreja. O génio feminino é necessário nos lugares em que se tomam as decisões importantes. O desafio hoje é exatamente esse: refletir sobre o lugar específico da mulher, precisamente também onde se exerce a autoridade nos vários âmbitos da Igreja (FRANCESCO, 2013).

É evidente que existem vários embates atuais sobre o papel da mulher no meio religioso que vem confrontar o modelo machista herdado do patriarcalismo. Ao mesmo tempo fica notório que as mulheres estão aos poucos obtendo mais visibilidade social no meio religioso e possibilidade de atuar como líderes legitimadas por suas congregações. Tal movimento favorecido pelo neopentecostalismo tem influenciado igrejas protestantes clássicas, pentecostais e até mesmo o catolicismo. O neopentecostalismo surge como um movimento dissidente das igrejas clássicas diante das mudanças sociais, políticas e econômicas, onde membros insatisfeitos com suas igrejas de origem passam a interpretar a Bíblia de outras maneiras, modificando assim os ritos e as crenças.

Atualmente as mulheres tem ganhado espaço nos altares evangélicos do Brasil, como por exemplo na Igreja Batista da Lagoinha, fundada em Belo Horizonte (MG), 44,6% do corpo pastoral é do sexo feminino, onde a cultuada cantora gospel Ana Paula Valadão é uma delas (CARDOSO, 2013). Sabendo deste contexto, cabe questionar, para além das questões espirituais, quais aspectos sociais desencadearam essa maior visibilidade concedida as mulheres?

3.2 A LIDERANÇA FEMININA E A DINÂMICA DO CAMPO RELIGIOSO

Identificar os fatores de mudança no cenário religioso fica evidente as transformações decorrentes dos aspectos constituintes da vida humana, sendo suas

emoções, racionalidade e uma sociabilidade. Sendo assim, a maneira como o sujeito se relaciona com os outros, consigo mesmo e com o mundo está em um processo de constante transformação. Uma das características da sociedade contemporânea está no consumismo. Pode-se inclusive afirmar que somos uma sociedade do consumo, a qual passou a ter como ponto central da própria existência a capacidade de querer, desejar, ansiar por e, particularmente, de experimentar emoções repetidas vezes sustentando um modelo econômico mundial. A partir das informações descritas no decorrer deste trabalho é, indubitavelmente, assertivo considerar que o movimento religioso tem modificado seus ritos e costumes diante das emergentes ideologias sociais que tem se fortalecido. Tal afirmativa é notória ao se debruçar sobre as questões de gênero, o movimento feminista e o discurso imediatista e antropocêntrico do neopentecostalismo, especificamente, na atualidade. Tais temas são consolidados na sociedade e tem provocado um intenso processo de mudanças estruturais, ideologias e institucionais. As igrejas têm sentido o reflexo dos movimentos sociais dentro de seus templos, e para manutenção destas no mercado da fé as necessárias alterações estão ocorrendo, sendo justificadas como sendo desejo do ser divino somente. É sobre as questões que emergem da sociedade do consumo e do processo de mercantilização religiosa que serão explanados os debates teóricos e dados a seguir.

Existem dois conceitos importantes a serem abordados em prol de compreender a história dos costumes e desejos despertados no ser humano. Estes são civilização e cultura os quais lidam com as realizações da sociedade, a organização política, a estrutura econômica, dentre outros constituintes. Por sua vez, cultura se refere a um plano intelectual, abstrato, enquanto que civilização está ligada a um plano mais prático e concreto. Por exemplo, cultura se refere à especificidade de um povo (ideologias e crenças), e a civilização se refere a um princípio de universalização, seria tudo aquilo que todas as sociedades alcançariam num dado momento. Esta conceituação fora realizada por Nobeit Elias (1994) por meio de uma análise da aristocracia da corte francesa a qual era composta por aqueles que participavam das rotinas da corte, de seus eventos e se submetiam às suas regras.

O interessante no estudo de Nobeit Elias é que, tendo como objeto os vários tipos de comportamentos das sociedades da corte, e analisando os livros e manuais de condutas, ele identifica a existência de um movimento de controle cada vez

maior. Esse seria o processo civilizador, onde as estruturas emocionais incorporam controles institucionais cada vez maiores e se modificam de acordo com as transformações que acontecem na própria sociedade. Assim, a estrutura social e a estrutura psíquica, são resultados de uma relação constante entre si. Nobeit Elias demonstra como determinadas práticas comuns em um dado momento da história se transformavam em práticas aterrorizantes em outro e assim eram modificadas no decorrer da história.

Esta percepção deixa evidente que os absolutismos, na verdade, são explicações que acontecem depois da escolha dos hábitos vigentes, ou melhor, são explicações localizadas historicamente que legitimam um determinado hábito, o qual comumente estabelece relações de dominação e hierarquização na sociedade. Reafirmando a inter-relação entre as estruturas sociais e psíquicas é possível analisar o campo religioso como permeado por estruturas modificadas no decorrer do período histórico. Assim, o formato de Deus, a forma de lidar com o sofrimento, a busca por um sentido na vida, a procura pela imortalidade e outras inquietações humanas são evidentes em ritos e costumes que são modificados conforme fatores externos, culturais e períodos históricos. Vivendo atualmente em uma sociedade de modelo econômico capitalista, onde o consumismo é introjetado nos indivíduos no processo de civilização, encontramos uma competição no campo religioso, o qual flexibiliza suas condutas, para que as congregações consigam manter seus seguidores satisfeitos e conseqüentemente mantenedores de tais instituições.

As categorias culturais e religiosas são compostas de significado conforme o período histórico. Assim, pode-se afirmar que o Cristianismo ganhou formatos e estabeleceu condutas diferentes visíveis quando analisamos a Igreja Primitiva, o Catolicismo, o Protestantismo e seus desdobramentos. Atualmente, as tradições religiosas foram libertadas de seus contextos geográfico e cultural de origem, propagando-se em diversos países e adaptando-se aos novos contextos. Não importa o período ou a cultura, as religiões estão em um processo de recriar-se e refazer-se dentro das novas condições. Uma das condições culturais brasileiras e ocidental é uma sociedade impulsiva, midiática, imediatista e consumista. Em especial a ideologia propagada pelo neopentecostalismo tem sido uma clara evidencia deste processo de adaptação. É um movimento religioso voltado para o consumismo e o bem-estar terreno e imediato.

Geertz (2006) chega a afirmar que a religião na modernidade está caracterizada por uma diversidade de crença, de fé e de envolvimento, favorecendo, inevitavelmente, uma diversidade cada dia maior. As Ciências Sociais identificam esse fenômeno como um processo de reorientação no sentido das abordagens hermenêuticas, semióticas e fenomenológicas. Mais que indicadores e estatísticas dos agrupamentos religiosos é imprescindível estudar os quadros de percepção, formas simbólicas, e horizontes morais das religiões modernas. Ainda que a religião historicamente tenha sido a estrutura cultural mais enraizada, se tornou cada vez mais um objeto flutuante, desprovido de toda ancoragem social em uma tradição fecunda ou em instituições estabelecidas.

Este cenário caracteriza e evidencia uma crise entre os especialistas religiosos tradicionais e também o surgimento de novos especialistas religiosos, que enquanto produtores de bens simbólicos disputam com os antigos o mesmo espaço e o mesmo reconhecimento. Os líderes religiosos mais atuais apelam para mecanismos que geram novos símbolos de identificação, apelos de imitação, e criam comunidades de crenças e práticas. Aqui o deslocamento do religioso acontece na relação das tarefas básicas de qualquer especialista do sagrado, sendo estas: a interpretação valorativa (ou transcendente) dos acontecimentos, a produção ou configuração de símbolos, roupagens, gestos e rituais, a inovação de linguagens que devem expressar e interiorizar as novas explicações, e a visão de mundo e os valores estatuídos (MOREIRA, 2008).

Giddens (1991) aborda a reflexividade considerando que esta seja uma característica de toda ação humana, assim, a modernidade passa a dar uma nova forma de reflexividade. Para o autor, ela é introduzida na própria base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente retratados em si. Dessa forma, a reflexividade consistiria no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas, e conseqüentemente, atualizadas e alteradas. Por conseguinte, as culturas e as práticas sociais são modificadas diante de descobertas sucessivas se aplicam a todos os aspectos da vida humana. A modernidade é inerentemente globalizante. O autor entende a globalização como a intensificação das relações sociais no mundo, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são influenciados por eventos que ocorreram em lugares distantes e vice-versa.

A globalização tanto pode dificultar e restringir as formas religiosas, como favorecer a expansão de determinadas propostas religiosas mais contextualizadas. O que se tem percebido é o avanço das religiões em espaços geográficos e a aceitação por novas culturas. Essas mudanças, definitivamente afetarão as religiões em curto e longo prazo, de forma mais leve ou mais profunda conforme os contextos.

O futuro aponta para uma sociedade com pluralidade religiosa significativa, provavelmente sem uma instituição que detenha o poder simbólico, nem estabeleça hierarquias e domínios. Mas, atualmente é importante estudar o sentido das mudanças que estão ocorrendo no campo religioso que parece estar sempre de novo atribuído, refeito, reelaborado em cada situação existencial e histórica. Dessa forma, este trabalho objetiva identificar o processo de deslocamento e reconfiguração do papel da mulher nas igrejas atuais, especificamente as neopentecostais.

No neopentecostalismo as mulheres têm sido convocadas para exercer cargos hierarquicamente altos, integrando novos espaços de poder nas igrejas através de tarefas administrativas, edição e redação de jornais e revistas e, até mesmo, de representação política da denominação. Este fenômeno aponta uma possível democratização do espaço religioso, mas por meio de uma observação mais detalhada a real motivação da liderança pode ser desvelada. Uma delas vincula-se à preocupação das igrejas de não distanciar-se das transformações sociais mais amplas que influenciam diretamente sobre as identidades femininas ali inseridas.

3.2.1 O Pastorado Feminino nas Igrejas Neopentecostais: Estratégias ou Revelação Divina?

O questionamento presente neste subtítulo, talvez, já denote uma clara resposta diante de toda teoria e análise de dados aqui apresentados. Porém, entendendo o dinamismo existente no interior das igrejas, torna-se relevante apresentar dados de entrevistas realizadas em prol de compreender como as mulheres que exercem cargos de liderança se enxergam, realizam suas funções e lidam com o patriarcalismo. As entrevistas foram realizadas com pastoras do

Ministério Internacional da Restauração (MIR). E, com a finalidade de resguardar a identidade das pastoras a identificaremos por P1 e P2.

P1 é uma pastora do Ministério de Louvor do MIR, atuante ao lado de seu esposo que sempre trabalhou com a área da música. P2 é uma bispa do MIR e atua na liderança de uma congregação afiliada em Manaus, em conjunto com seu esposo. Ambas relataram sobre o histórico das mulheres em sua igreja, pois estiveram presentes desde seus primórdios. A igreja iniciou como um grupo dissidente da Igreja Batista em Manaus, por terem perspectivas de crenças e ritos diferentes de sua igreja de origem. Porém, alguns costumes foram mantidos como a afastada posição das mulheres dos cargos de liderança. Ambas, no início do ministério não eram reconhecidas como pastoras.

As pastoras entrevistadas contam que no início sentiam-se inferiorizadas por não serem conhecidas nominalmente como líderes, mas apenas como mulheres de pastores. P1 relata que seu esposo sempre trabalhou com música e ela o acompanhava. Ele desenvolvendo todo o lado musical e ela gerenciando a parte mais burocrática. E quando a igreja abriu espaço para as mulheres se tornarem pastoras ela foi ungida para estar acompanhando o seu esposo nas programações e viagens. Nas apresentações musicais ele solava e ela ficava no *backvocal*, mas um dia eles decidiram que ela iria cantar ao lado dele. E depois de começarem a cantar juntos, outros cantores do mundo gospel passaram a fazer duetos com seus cônjuges.

Por sua vez, P2 é líder de uma grande congregação com cerca de 900 fiéis que se dividem em cultos de diferentes horários. Junto ao seu esposo atua como líder religiosa e administrativa desta sede, servindo também como organizadora de congregações no Brasil e em outros países. Sua nomeação garante mais direitos do que as pastoras. Ela e seu esposo dividem o trabalho burocrático, a ministração dos cultos e os cursos preparatórios para os pastores e pastoras em formação.

Uma das lutas evidentes no relato das pastoras P1 e P2 é que anteriormente sentiam-se à margem por serem conhecidas apenas como mulher de pastor. A visibilidade feminina naquele período se dava tão somente por meio do masculino. O homem, pastor e líder da igreja era quem sobressaia em detrimento das mulheres que eram suas esposas. O pastorado feminino fora implantado em 2003 no MIR e por meio de documentos internos e estabelecimento de um conjunto de normas, as

mulheres passaram a ser ordenadas ao ministério e receber suas respectivas nomeações.

P1 detalha um pouco da sua trajetória até se tornar uma líder religiosa. Em suas palavras: “na igreja Batista, de onde viemos, a mulher tinha oportunidade de explanar mensagens espirituais no púlpito, e esse espaço era concedido apenas quando havia uma programação da Sociedade Feminina. Em momento algum fomos nomeadas como pastoras, função exclusiva dos homens. No início do MIR também não havia mulheres como pastoras, mas viu-se a necessidade devido o pastor andar muito sozinho. Acontecia que em alguns momentos os pastores atendiam mulheres em seu gabinete para aconselhar, e para resguardar a moralidade de nossos esposos, o acompanhávamos. Pois havia mulheres (membros da igreja) que assediavam os pastores nos gabinetes. Mas, como não éramos reconhecidas como pastoras, estar presente durante as conversas causava um mal estar, pois éramos vistas como intrusas. Diante deste problema e reconhecendo que as mulheres também auxiliavam muito o pastor nos cultos, decidiu-se consagrar as mulheres ao ministério e chama-las de pastoras. Além disso, bíblicamente temos o exemplo da Priscila que tem sua história relatada no Novo Testamento da Bíblia Sagrada, e era uma pastora que cuidava de algumas pessoas que seguiam o Cristianismo”. A trajetória de P1 é similar ao relato da P2, pois ambas vivenciaram o mesmo período da cisão com a Igreja Batista e a fundação do MIR.

Acerca da nomeação que elas recebem P1 relata que a nomeação concedida no ato da ordenação serve como modelo de classificação. Por exemplo, em ordem decrescente a nomeação é Apóstolo/Bispo, Pastor, Diácono, Obreiro, entre outros. Entre as mulheres a hierarquia também é estabelecida da mesma forma. A bispa é que exerce o principal cargo da igreja, comumente, esta é a esposa do Apóstolo e cuida dos cultos e de algumas áreas administrativas. A profissão que P1 exerce é do pastorado e para esta função ela recebe uma remuneração mensal. Cada pastora tem um departamento sobre sua responsabilidade, no caso da P1 é de ministração de louvor. Ela explicita que todos os líderes religiosos, homens e mulheres, devem passar por uma formação que é oferecido por um Seminário próprio, mas ainda não reconhecido pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC). Além disso, para a elevação do casal ministerial nos cargos administrativos da igreja, estes devem investir em formação superior, curso de idiomas, dentre outras formações.

Ao serem questionadas sobre as suas funções P1 relata que quando as mulheres foram ordenadas como pastoras, tal fato serviu como reconhecimento, especialmente, às mulheres dos pastores, as quais já exerciam uma função pastoral. Afinal, ao lado dos esposos pastores, elas ouviam os membros da igreja e os orientava, organizavam seminários de educação cristã, etc. Existem seminários ministrados pelas Bispas/Pastoras que são esposas de Apóstolos/Pastores, que são cursos preparatórios para as pastoras ou futuras esposas, no caso das mulheres que pretendem casar com pastores. No MIR existe a Rede de Mulheres, que é um culto voltado somente para as mulheres, e as pastoras tem a responsabilidade de ministrar e organizar estes cultos.

Então, a função das pastoras, principalmente, é de orientar as mulheres da igreja com palestras, ministrações sobre a questão emocional, relacionamento com filhos e maridos. P1 declara: “na tradição judaica as mulheres têm que ficar caladas. Na nossa igreja é diferente! As mulheres podem ir ao púlpito e ministrar a Palavra de Deus. Mas, claro que não é qualquer mulher. Somente aquelas que são autorizadas, que tem boa homilética. E para isso as pastoras precisam ser instruídas e autorizadas”. Em geral, as mulheres que exercem cargos de liderança precisam ter uma boa oratória, escrever bem seus sermões e textos, e ter a sabedoria da Bíblia. Afinal, transcrevendo P1: “Tem que saber a Palavra de Deus, se não é impossível ministrar. As mulheres seguidoras da igreja, sendo pastoras ou discípulas, precisam de orientação e é para isso que as mulheres de liderança precisam existir na igreja”.

P2 relata que as mulheres líderes devem cuidar da mulher, pois esta tem a necessidade ser pastoreada, afinal as mulheres podem contribuir em várias áreas como a do ensino, das visitas, de cuidar dos doentes e das crianças. Durante a conversa, P1 apresenta sua indignação ao mencionar que as mulheres exercem as mesmas funções que os homens em várias igrejas, independentes se clássica ou neopentecostal, mas não recebem o título merecido. Ela declara: “atualmente trabalhamos com a visão em células (pequenos grupos formados a partir dos membros para atrair novos adeptos através da amizade), e as mulheres colaboram muito umas com as outras, pois trazem mais pessoas para os cultos do que os homens. Temos células para mulheres onde pastoras que organizam as reuniões, para homens onde pastores que cuidam do funcionamento, e também para casais onde o pastor e a pastora casados atuam. Hoje vemos a mulher sendo usada por Deus, tanto quanto o homem”.

Acerca da autoridade eclesial entre homens e mulheres P2 nos informa que há uma autoridade sacerdotal do homem, e as mulheres devem respeitar essa posição do marido na família e na igreja. Mesmo que esta mulher tenha um título de liderança superior na igreja, esta não deve destratar o esposo. Agora, compreende-se que esta autoridade é de trato igualitário, pois a Bíblia relata que o homem deve amar a mulher como Jesus amou a igreja, e a mulher ser submissa a ele⁶. Portanto, uma relação harmoniosa e igualitária. Para se exercer o pastorado é preciso ter um número mínimo de 150 seguidores dizimistas convertido ao MIR pelo trabalho direto do candidato ou candidata ao pastorado. Alcançando o número de seguidores, passando por um curso de 2 anos, e sendo avaliado pela administração do MIR o homem ou a mulher pode ser ungido/ungida pastor ou pastora.

P1 nos informa que as mulheres normalmente se tornam pastoras, porque os esposos são pastores. Então a decisão do pastorado é tomada em conjunto. Existe o fato de que algumas mulheres demonstram aptidão para serem líderes, mas seus maridos não. Nesses casos, se a mulher desejar se tornar pastora, não necessariamente, seu esposo precisa se tornar pastor. Tal prerrogativa não cabe as Bispas, pois como hierarquicamente estão acima das pastoras, precisam estar casadas com o Apóstolo. Ambos devem ter uma trajetória juntos hierarquicamente na igreja. Geralmente são os homens que se destacam, mas em alguns casos, por questão de temperamento, as mulheres tomam a iniciativa de serem pastoras. P1 declara que: há uma diferença sim entre a autoridade do homem e da mulher. O homem é o sacerdote do lar por natureza. Eu sempre falo para minhas discípulas: o marido é o sacerdote, então não tente governa-lo. Ajude-o a governar. Porque nós somos mulheres e temos que ser submissas aos nossos maridos. Isso é bíblico! Porém, às vezes ocorre uma disputa entre os casais pastores, quando a mulher tem mais discípulos, mas elas devem respeitá-lo como o sacerdote do lar.

No que tange a importância da ordenação das mulheres aos cargos de liderança eclesiástica para a sociedade e para a igreja P1 reconhece que a mulher vem galgando um patamar de liderança na sociedade. E, entende que a mulher ser reconhecida como pastora é uma conquista, assim como o direito ao voto,

⁶ “Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para santificá-la, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, Para apresentá-la a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. ” (Efésios 5:25-28)

trabalhista e outros. As mulheres da igreja passaram a ter uma referência e passaram a participar da igreja, ouvindo orientações e melhorando seu lar. Além disso, P1 esclarece que: “nossa missão é alcançar almas, e as mulheres conseguem atrair mais pessoas para a igreja. Elas alcançam as vizinhas, a sogra, a irmã, a cunhada, dentre outras conhecidas. Elas trazem essas mulheres para igreja, onde elas são orientadas a ter uma vida melhor. A mulher tem um carisma natural, fala mais, é mais simpática naturalmente e eu vejo que ela consegue alcançar a dona de casa, a faxineira. Ela consegue se relacionar com instituições de caridade, orfanatos e asilos. A mulher consegue se vincular melhor em ações sociais. Isso na religião é importante. Eu vejo que a mulher tem ajudado muitas mães, famílias e mulheres que sofrem no lar de depressão e outras dificuldades. A pastora ajuda a dar o valor para a mulher e isso ajuda na autoestima. Na igreja as mulheres desenvolvem seus talentos, se sentem mais seguras. As mulheres através do vínculo com a igreja acabam se sentindo seguras, melhorando emocionalmente e profissionalmente. Nós falamos que as mulheres são importantes na sociedade e contribuimos para que estas se sintam melhor, mais seguras e acreditando que podem conquistar seu espaço de influência na sociedade”.

Conforme P2, após anos atuando nos EUA, ela já havia vivenciado experiências com mulheres que já atuavam como pastoras naturalmente, diferente do que ocorre no Brasil que ainda tem um movimento muito recente. Para P2 as mulheres precisam ter uma consciência sobre o seu papel e espaço na sociedade. Mas as ações devem ser de luta ideológica e não agressiva de modo que procure menosprezar os outros grupos ou até mesmo os homens. A prioridade da mulher deve ser a família, cuidar de seus filhos, mas sem deixar de lado sua profissão e questões pessoais, para que esta não se sinta incompleta. Quando a igreja abre o espaço para as mulheres ela acaba colaborando com esta luta social que vem sendo travada pelas mulheres fora do ambiente religioso. Ela ressalta que é preciso que se respeite as individualidades socialmente e religiosamente. P2 ainda elucida que colocar a mulher como líder religiosa é uma estratégia que as igrejas neopentecostais têm apostado para atrair mais fiéis. As mulheres são mais recebidas nos lares e quem tem mais influência de trazer os filhos e parentes para a igreja. Portanto, ter uma líder religiosa é propício para que o vínculo de identidade de gênero seja possível. Em suas palavras P2 afirma: “acredito que quando a igreja permite que mulheres exerçam o pastorado, ela ajuda as mulheres que são

seguidoras dela, influenciando positivamente esta mulher a conseguir seu espaço no mercado de trabalho, na sociedade e no lar”.

A descrição das entrevistadas acima retrata um quadro recente e cada vez mais comum no cenário religioso neopentecostal. Há mulheres que fundaram suas próprias igrejas que não são devidamente documentadas, mas são líderes reconhecidas pelo grupo de seguidores. No caso de P1 e P2 encontramos uma realidade diferente, pois ambas passaram por um processo de legitimação, pois a igreja é devidamente regularizada, possui documentos internos que garantem a mulher a ascensão a cargos de liderança, além dos espaços ocupados por elas que vão desde o altar (palco) até aos escritórios administrativos. Acima fora descrito todo o processo pelo qual homens e mulheres precisam passar para serem devidamente ungidos como pastores ou pastoras.

Um dos destaques desta entrevista é a questão da visibilidade feminina está vinculada diretamente ao homem. Em algumas congregações o pastorado feminino também é legitimado, contudo depende do contrato matrimonial estabelecido. Assim, a mulher só pode ser pastora se seu esposo também for, e a iniciativa deve ser deste. No MIR, para a mulher exercer o pastorado, esta não precisa ter um esposo pastor. O que evidencia um ganho de visibilidade para as mulheres. Assim, diante das entrevistas fica claro que existem mulheres que demonstram ter aptidão para o pastorado e seus maridos não, mas isto não pode ser um empecilho para o exercício do ministério. Agora, esta visibilidade é ainda um processo em construção, pois as bispas (acima das pastoras) precisam estar casadas com o Apóstolo para exercerem este cargo. Em outras palavras, para elevar de cargo a administração precisa enxergar aptidão no casal. Mas, o homem tendo mais aptidão facilita este avanço profissional, situação contrária se for com a mulher.

A luta dos movimentos sociais possui uma demanda de construção de um novo projeto societário que discute as questões do papel social da mulher que fora constituído historicamente de forma secundária. Hoje há uma necessidade de reconhecer que as mulheres são importantes no processo de luta dos movimentos sociais. É preciso compreender que homens e mulheres são diferentes biologicamente, porém estas diferenças e desigualdades não estão assentadas unicamente no biológico, mas na cultura que determina como devem ser os sujeitos sociais. Giulanni (2004) ao descrever sobre a luta das mulheres do campo afirma

que para elas alcançarem os seus direitos sociais, precisaram impulsionar modificações complexas que atingiram dimensões culturais na divisão sexual do trabalho. Em sua época, elas questionam sua marginalização na definição dos direitos, tentaram abolir a discriminação de gênero, nas relações econômicas, culturais e sociais e exigiram a igualdade com os maridos no exercício das responsabilidades familiares.

Ao olhar para o campo religioso não é evidente uma luta interna das mulheres para conquistar seu espaço e reconhecimento. Ao mencionarem sobre as comuns características que lhe são atribuídas, preconizam o cuidado com crianças, ações sociais, orientação para as mulheres dentre outras atribuições. É evidente que a inserção das mulheres em espaços religiosos, outrora restritos, é consequência da luta das mulheres operárias como mencionadas por Giuliani, as quais não aceitavam a divisão sexual do trabalho e desigualdade das atividades domésticas entre homens e mulheres.

P1 e P2 chegaram aos cargos de liderança não por uma luta promovida pelas mulheres dentro do meio religioso, mas por um movimento externo que influenciou a dinâmica do movimento religioso contemporâneo. É evidente que as mulheres estão ocupando os espaços administrativos atualmente nas igrejas, diante de um novo formato social onde há um aparente avanço na questão de igualdade de gênero. Cabe ressaltar que mesmo exercendo cargos administrativos, liderança de um grupo grande de fiéis e ainda sendo responsável pelo estabelecimento de uma nova congregação, P2 ainda ressalta que funções normalmente destinadas às mulheres ainda são canto, ensino e cuidado de crianças.

O empoderamento feminino é um processo de construção em todos os espaços sociais. Ao relatarem a trajetória pessoal, P1 afirma que o fato das mulheres serem ungidas representa uma conquista de espaço e poder. Por sua vez, P2 deixou evidente que para além da revelação divina, o espaço de atuação ampliado e a legitimação de cargos foi uma estratégia que a igreja implementou para atrair mais fiéis.

Com a democratização do poder em várias instâncias sociais, as mulheres passaram a exercer uma variedade de funções legitimadas garantindo-lhes direitos pertinentes. Neste processo é importante entender que a legitimação cultural é um processo evolutivo, político e mutável no decorrer da história. O poder, na perspectiva de Foucault é percebida nas relações sociais micro e na construção da

História (GIDDENS, 2003). Pensando nesta questão de poder, é possível afirmar que os cargos de liderança feminina estão sendo legitimados pelas instituições religiosas. Tal movimento iniciou-se com a flexibilidade ideológica do neopentecostalismo, mas tem transpassado congregações clássicas, pentecostais e neopentecostais. Este empoderamento feminino dentro das igrejas neopentecostais ainda está envolvido pelo patriarcalismo, mas tem seus nuances feministas e está em processo de construção, já que fatores externos têm influenciado os ritos, crenças, costumes e liturgias das igrejas na atualidade.

Geertz (2006) ressalta, ao estudar o fenômeno religioso atual, que em momento nenhum desde a Reforma e o Iluminismo, a luta quanto ao sentido geral das coisas e das crenças que o fundamentam foi tão aberta, ampla e aguda. Para ele, a sociedade tem enfrentando diferentes e rápidas mudanças complexas de serem compreendidas, mas importante para ser analisado como objeto de estudo.

A importância da religião como componente das mudanças sociais, e não mais considerada simplesmente como obstáculo a essas mudanças garante uma voz dentro de um espaço outrora extremamente restrito. Atualmente, é possível perceber que o neopentecostalismo é um movimento adaptado para a sociedade moderna e tem provocado mudanças nas demais igrejas cristãs, inclusive no catolicismo diante da acirrada competitividade do mercado da fé. Além disso, a disputa pela legitimação entre os próprios sistemas religiosos deve ampliar-se entre todas as instituições que produzem novas explicações e sentidos. Afinal, na atualidade o grupo de seguidores não é mais cativo, restrito geograficamente ou culturalmente, mas globalizado e disputado por inúmeras propostas de sentido religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar o debate iniciado neste estudo durante estas considerações finais não seria coerente diante das ramificações que surgiram durante a escrita desta dissertação. Especialmente porque ao se referir ao contexto religioso não há vínculo unilateral voltado tão somente para as práticas, cultos, crenças, símbolos, tempos, lugares, ritos e mitos. Além de tais aspectos, o seu caráter histórico está presente nas instituições, na herança cultural, no patrimônio arquitetônico, na estética, no musical e em outras manifestações religiosas de experiência subjetiva.

A partir do debate ora proposto os conceitos engessados de religião ou mesmo de campo religioso se tornaram reducionistas, pois eles não dão conta de todas as modalidades, espaços, diversidade e a mutabilidade da experiência religiosa nos quadros da modernidade.

O cenário religioso atual está em um verdadeiro processo de transformação. Tal campo está envolto com o movimento midiático-cultural que envolve televisão, internet, cinema, revistas e literatura, esporte, publicidade e moda. Este processo produz símbolos, sentidos, crenças, explicações sobre o real, rituais e mitos, propõem valores, estilos de vida, figuras para a imitação, a fidelidade e mesmo a devoção das pessoas.

Portanto, a religião não deve mais ser procurada apenas em igrejas, templos e terreiros, onde ela se tematiza explicitamente, mas também lá onde ela não se chama de religião. E estes espaços são evidentes no culto ao dinheiro e ao corpo, na eficiência administrativa e empresarial, no encantamento pela técnica e pela performance, no êxtase sonoro ou imagético, no mundo do esporte, das compras e dos astros midiáticos.

O seguidor religioso, especificamente o neopentecostal, se desloca, extravasa, migra do espaço tradicional e procura um grupo religioso que dê conta de seus embates e necessidades. Atualmente, os especialistas do sagrado têm lutado para manter-se no mercado da fé, e para isso precisa representar diversos papéis, não estando mais em processo de separação do mundo e em contato direto com Deus. Cabe ao novo especialista do sagrado compreender os fatores sociais e externos que influenciam e provocam transformações tanto em igrejas mais flexíveis como as neopentecostais, como nas mais tradicionais.

Analisando o processo de inserção da mulher em espaços religiosos que anteriormente eram estritamente destinados aos homens é possível verificar que o processo de transformação das representações de gênero tem atingido, de forma diferenciada, homens e mulheres nas instituições religiosas. A estrutura de dominação patriarcal do Cristianismo que hierarquizava as camadas de liderança das igrejas centralizava-se na representação do homem. Atualmente, por sua vez, a mulher tem ocupado espaços que outrora lhe eram restritos. A tradição cristã corroborou com este processo de inserir a mulher em um plano secundário tanto no lar quanto na igreja.

Dados os deslocamentos atuais na sociedade, as igrejas tradicionais passaram por processos de cisões internas o que favoreceu o surgimento de novas igrejas que possuem como líderes, homens e mulheres que estavam insatisfeitos com as igrejas de origem. Surge o neopentecostalismo com um olhar mais antropocêntrico, imediatista, focado nos bens de consumo e influenciado pelos movimentos ideológicos vigentes como o feminismo.

Há um embasamento bíblico sobre a inserção da mulher na liderança eclesiástica, bem exemplificados pela Bispa Ester Amazonas (2001), mas devido aos fatores sociais e culturais as mulheres foram silenciadas. Atualmente, a mulher surge no cenário social lutando pela necessidade da construção de uma identidade feminina com referência em valores igualitários. Por sua vez, é negativo identificar que o processo de legitimação dos cargos de liderança feminina nas igrejas neopentecostais não se deu por um movimento de luta no interior do campo religioso. Porém, é positivo perceber que este espaço de visibilidade do feminino no ambiente religioso está crescendo. Não se pode afirmar que este espaço foi uma conquista das mulheres, mas tal circunstância pode ser utilizada em favor da luta pela igualdade de gênero.

O problema levantado nesta pesquisa foi sobre o processo de legitimação das mulheres ao ministério. Esta legitimidade foi compreendida e identificada ao se verificar que as mulheres passam por um processo de formação e preparo para exercer suas respectivas funções. Este processo é documentado e normas são instituídas para que o grupo religioso a reconheça como líder religiosa. As mulheres podem ser pastoras e até mesmo bispas (as que cuidam de questões administrativas), mas ainda estão de certa forma presas ao patriarcalismo. Contudo,

identificando as relações existentes no cotidiano das igrejas fica mais perceptível que há um reconhecimento do grupo para com a liderança feminina.

Verificou-se que este espaço concedido às mulheres se apresenta mais como uma estratégia utilizada para a inclusão de novos fiéis por parte das igrejas neopentecostais, que possuem caráter inovador. Deste modo, o neopentecostalismo provocou um afrouxamento em doutrinas históricas do pentecostalismo clássico, aboliu algumas condutas rígidas e reformulou a interpretação bíblica no formato que lhe é mais favorável. Nessas estratégias a mulher é colocada em destaque, pois percebeu-se que sua participação atrai novos fiéis, afinal ela possui mais acesso as casas, e quando visitantes mulheres chegam a igreja se identificam com as pastoras, pois as mulheres atuais são trabalhadoras, intelectuais, mães, dentre outros atributos.

A religião permanece como inspiração cultural, talvez a mais significativa fonte de valores e quadros de referência que entram na construção das identidades e da percepção dos indivíduos no campo das relações sociais. Foi por meio da religiosidade que se modelou um sistema de lealdades e identidades, e esse sistema agora está mais complexo e competitivo. Vivenciamos um apoteótico campo de batalha entre os profissionais da fé, os quais promovem mudanças litúrgicas, administrativas e arquitetônicas para manter os seus seguidores.

Portanto, nota-se que a legitimação das funções de liderança feminina é real e tem se expandido em diversas igrejas, mas não como resultado de uma luta no interior do campo religioso, mas sim como estratégia de atrair mais fiéis. O benefício de uma pesquisa como esta é perceber o desenrolar desta relação das estruturas sociais e psíquicas que formam o sujeito. Ainda há muito para se desvendar no campo religioso, e um mundo de objetos de estudo que deveriam ser mais analisados, considerando que estas instituições mudam conforme a cultura e contexto histórico.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa, Portugal: Presença/Martins Fontes, 1980.

AMAZONAS, Ester. **Por que disseram que mulher não pode ser pastora?** Manaus, AM: Semente de Vida, 2001.

ARAGÃO FILHO, Iran Lima. **Religião e gênero: o imaginário sobre o lugar da mulher na igreja neopentecostal**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Goiás, GO: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo, SP: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BENTSION, Sha'ul. **O que é Torah?** Qol ha Torá, 2013. Disponível em: <<http://www.judeu.org/pdfs/torah1.pdf>>.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento**. 2. ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblia do Brasil, 2008.

BITTENCOURT FILHO, José. As seitas no contexto do protestantismo histórico. *In*: Sinais dos tempos: igrejas e seitas no Brasil. **Cadernos do ISER**, vol, 21, p. 27-32, 1991.

BITUN, Ricardo. Igreja mundial do poder de Deus: rupturas e continuidades no movimento pentecostal. **Estudos de Religião**, v. 23, n. 36, p. 61-79, jan./jun. 2009.

BOBSIN, Oneide. Etiologia das doenças e pluralismo religioso. **Estudos Teológicos**, v. 43, n. 2, p. 21-43, 2003.

_____. Teologia da prosperidade ou estratégia de sobrevivência. **Estudos Teológicos**, v. 35, n. 1, p. 21-38, ano 1995.

BOURDIEU, Pierre **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo, SP: Perspectiva, 2007.

_____. **Coisas ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo, SP: Brasiliense, 2004.

_____. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja cristã. Trad. Israel B. Azevedo. 2. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2005. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/67521439/Livro-o-Cristianismo-Atraves-Dos-Seculos>>. Acesso em: 01 de setembro de 2014.

CARDOSO, Rodrigo. A força das pastoras. **Istoé**, n. 2288, setembro, 2013.

CAZENEUVE, Jean. **Sociología del rito**. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu Editores, 1971.

CJB. **O Shofar**. Rio de Janeiro, RJ: Congregação Judaica do Brasil. Disponível em: <http://www.cjb.org.br/tiferet/culto/tradicoes/21_shofar.pdf>. Acessado em: 16 de abril de 2017.

DAVIDSON, Francis (Org.) **Novo comentário da bíblia**. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1977.

DESTUTT DE TRACY, Antoine-Louis-Claude. **Éléments d'idéologie**. Oxford, Reino Unido: Pergamon Press, 1905.

DIJK, Teun A. van. **Ideology and discourse**. Barcelona: Universitat Oberta de Catalunya, 2000. Disponível em: <<http://www.discourses.org/UnpublishedArticles/Ideology%20and%20discourse.pdf>>

DURKHEIM, Émile. **Lições de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

_____. **O suicídio**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.

_____. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**. 2 ed. VI. 1. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1990.

FRANCESCO, Papa. Entrevista a Papa Francesco. In: SPADARO, Padre Antonio. Entrevista a Papa Francesco, **La Civiltà Cattolica**, caderno 3918, p. 449-477, 2013. Disponível em: <<https://fratresinunum.com/2013/09/19/integra-da-entrevista-de-francisco-a-civilta-cattolica>>

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (org.). **Nem anjos, nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado em Sociologia). IFCH-Unicamp. Campinas, SP: 1993.

GEERTZ, C. O futuro das religiões. **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais, 14 maio 2006.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento grego/português**. Trad. Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984.

GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORE, Mary Del (org). **Histórias das mulheres no Brasil**. 7º Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2004.

GUERRA, Lemuel. As influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações na igreja católica. **Revista de Estudos da Religião**, nº 2, p. 1-23, ano 2003.

LIMA, Wamberto Queiroz de. **Gênero e Poder: o pastorado feminino na Igreja Batista**. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB: 2011.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. 7 ed. São Paulo, 1991.

MANNHEIM, Karl. **Ideología y utopia: introducción a la sociología del conocimiento**. México: FCE, 2004.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2014.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, n. 52, vol. 18, 2004.

_____. O futuro não será protestante. **Revista de Ciências Sociais e Religião**, ano 1, n. 1, p. 89-144, set. 1999.

_____. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. **Novos Estudos**, n. 44, págs. 24-44, ano 1995.

MARTINS, Marcos José. **Micro-redes de solidariedade e legitimação: a liderança feminina de mulheres na periferia do poder clérigo-institucional das igrejas**

pentecostais clássicas na cidade de Diadema. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo,SP: 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 5. ed. São Paulo,SP: Hucitec, 2007.

MARX, Karl. **O capital**. 33 ed. 3 ed. Rio de Janeiro,RJ: Civilização Brasileira, 2014.

_____. **Sobre o suicídio**. São Paulo,SP: Boitempo, 2006.

MATOS, Alderi Souza de. **O desafio do neopentecostalismo e as igrejas reformadas**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/7090.html>>. Acessado em: 15 de outubro de 2014.

McCRACKEN, Grant. Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. **ERA Clássicos**, n.1, vol. 47, jan-mar, 2007.

MENDONÇA, Antonio G. Um panorama do protestantismo brasileiro atual. *In*: Sinais do tempo: tradições religiosas no Brasil. **Cadernos do ISER**, vol. 22, p. 37-86, 1989.

MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. *In*: MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro,RJ: Zahar, 1975.

MOREIRA, Alberto da Silva. O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea. **Estudos de Religião**, Ano XXII, n. 34, p. 70-83, jan/jun. 2008.

ONU MULHERES. **Princípios de empoderamento das mulheres**. Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, 2016. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha_WEPs_2016.pdf>

PATEMAN, Carole. **El contrato sexual**. Iztapalapa, México: Universidad Autónoma Metropolitana, 1995.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O desencantamento do mundo: todos ao passos do conceito em Max Weber. *In*: SOUZA, Darli Alves. O desencantamento do mundo. **Revista Último Andar**, n. 75, p. 94 – 100, 2006.

_____. “Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no censo 2000. **Estudos Avançados**, Ano 18, n. 52, 2004.

_____. Fim da união Estado-Igreja ampliou oferta de religiões. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 de dez de 1999.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. São Paulo, SP: Fundação Carlos Chagas, 1992.

_____. **O poder do macho**. São Paulo, SP: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan W. Entrevista com Joan Wallach Scott. In: GROSSI, Miriam Pillar; HEILBORN, Maria Luiza; RIAL, Carmen. **Revista Estudos Feministas**, v. 6, n. 1, p. 114-124, 1998.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, jul./dez., p. 71-99, 1990.

_____. **Gender**: a useful category of historical analysis. New York: American Historical Association in New York City, 1985.

SEGALEN, Martine. **Ritos y rituales contemporáneos**. Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 2005.

SILVA, Yask Gondim da; COELHO, Lázara Divina; VIEIRA, Régia Cristina Campos. A glossolalia na difusão do Cristianismo: o poder da comunicação. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA**, Vol. 5, nº 3, 2013.

SILVEIRA, José Roberto. **O discurso da teologia da prosperidade em igrejas evangélicas pentecostais**: estudo da retórica e da argumentação no culto religioso. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo. São Paulo, SP: 2007.

_____. Pastores em crise: os efeitos da secularização e do neopentecostalismo sobre o clero protestante. **Revista Âncora**, v. 1, n. 1, págs. 106 – 127, 2006.

_____. **A profissão de pastor presbiteriano na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP: 2005.

SOUZA, Bertone de Oliveira. A teologia da prosperidade e a redefinição do protestantismo brasileiro: uma abordagem à luz da análise do discurso. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IV, n. 11, Setembro 2011.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5. ed. São Paulo, SP: Polis, 1987.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad, Antônio Carlos Pierucci. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 2. São Paulo, SP: UnB, 1999.

_____. **A ciência e política:** duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. **Economía y sociedad:** esbozo de sociología comprensiva. 2. ed. Madrid: Fondo de cultura económica de España, 1964.

WESTMEIER, Karl-Wilhelm. Themes of Pentecostal Expansion in Latin America, **International Bulletin of Missionary Research**, abril, 1993.

WULFHORST, Ingo. O pentecostalismo no Brasil, **Estudos Teológicos**, número 35, volume 1, págs. 7-20, 1995.